



GNOSIS BRASIL

CIÊNCIA E CULTURA DO HOMEM EM BUSCA DO SER

www.gnosisbrasil.com

O Mistério do Áureo Florescer

Samael Aun Weor

Instituto Gnosis Brasil

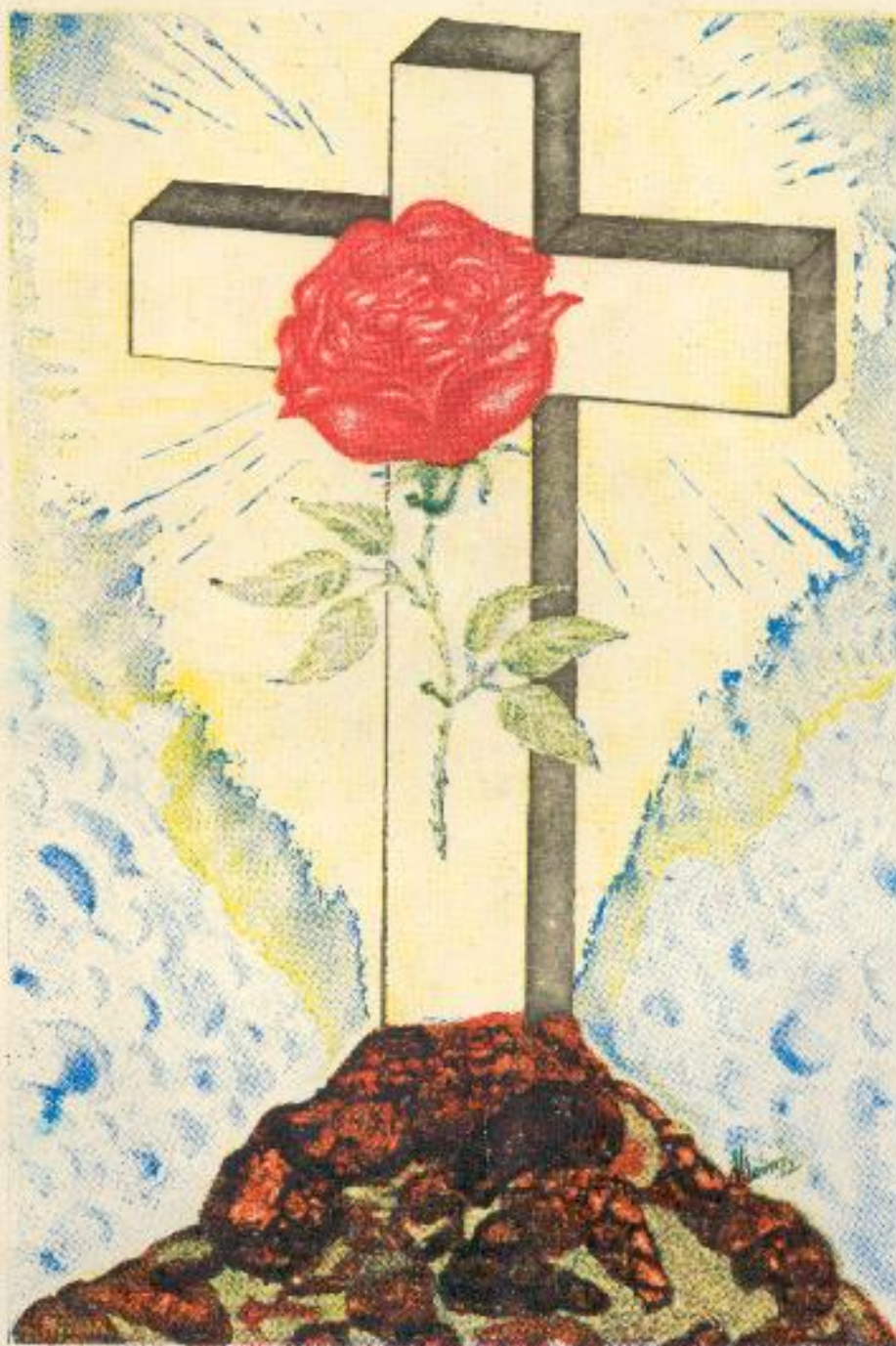
Website: www.gnosisbrasil.com

Facebook: www.facebook.com/gnosisbrasil

Sedes Gnósticas no Brasil: www.gnosisbrasil.com/loais

Biblioteca Gnóstica (livros, áudios, vídeos, imagens): www.gnosisbrasil.com/biblioteca

El **DEL** *Aureo*
Misterio *Florecer*



por:
Samael Aun Weor

SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO 1 - MAGIA SEXUAL.....</u>	<u>3</u>
<u>CAPÍTULO 2 - RASPUTIN.....</u>	<u>5</u>
<u>CAPÍTULO 3 - O DIABO PRESTIDIGITADOR.....</u>	<u>8</u>
<u>CAPÍTULO 4 - A LANÇA ESOTÉRICA.....</u>	<u>10</u>
<u>CAPÍTULO 5 - O EU LASCIVO.....</u>	<u>13</u>
<u>CAPÍTULO 6 - EROS.....</u>	<u>15</u>
<u>CAPÍTULO 7 - EUS LUXURIOSOS</u>	<u>19</u>
<u>CAPÍTULO 8 - O EU DA BRUXARIA</u>	<u>21</u>
<u>CAPÍTULO 9 - O PAROXISMO SEXUAL</u>	<u>25</u>
<u>CAPÍTULO 10 - VISITANTES TENEBROSOS.....</u>	<u>27</u>
<u>CAPÍTULO 11 - A CABEÇA DE JOÃO.....</u>	<u>29</u>
<u>CAPÍTULO 12 - O FINAL DE UM TRIÂNGULO FATAL</u>	<u>31</u>
<u>CAPÍTULO 13 - RITUAL PANCATATTWA.....</u>	<u>34</u>
<u>CAPÍTULO 14 - PODERES TATTWICOS.....</u>	<u>39</u>
<u>CAPÍTULO 15 - O ABOMINÁVEL VÍCIO DO ÁLCOOL.....</u>	<u>41</u>
<u>CAPÍTULO 16 - PAUSA MAGNÉTICA CRIADORA.....</u>	<u>44</u>
<u>CAPÍTULO 17 - O DESDOBRAMENTO.....</u>	<u>46</u>
<u>CAPÍTULO 18 - INTERCÂMBIO MAGNÉTICO</u>	<u>49</u>
<u>CAPÍTULO 19 - O DEMÔNIO ALGOL.....</u>	<u>51</u>
<u>CAPÍTULO 20 - A COBIÇA.....</u>	<u>54</u>
<u>CAPÍTULO 21 - TRAIÇÃO.....</u>	<u>59</u>
<u>CAPÍTULO 22 - COMPREENSÃO.....</u>	<u>65</u>
<u>CAPÍTULO 23 - ELIMINAÇÃO</u>	<u>67</u>
<u>CAPÍTULO 24 - O FOGO SAGRADO</u>	<u>70</u>
<u>CAPÍTULO 25 - A PÉROLA SEMINAL</u>	<u>74</u>
<u>CAPÍTULO 26 - O EMBRIÃO ÁUREO</u>	<u>78</u>
<u>CAPÍTULO 27 - A ESCOLA JINAYANA</u>	<u>80</u>
<u>CAPÍTULO 28 - BUDISMO ZEN</u>	<u>83</u>

<u>CAPÍTULO 29 - AS DUAS ESCOLAS.....</u>	<u>85</u>
<u>CAPÍTULO 30 - HOMENS DESPERTOS.....</u>	<u>87</u>
<u>CAPÍTULO 31 - GOETHE</u>	<u>89</u>
<u>CAPÍTULO 32 - A REENCARNAÇÃO</u>	<u>93</u>
<u>CAPÍTULO 33 - RETORNO</u>	<u>95</u>
<u>CAPÍTULO 34 - FECUNDAÇÃO</u>	<u>97</u>
<u>CAPÍTULO 35 - BELEZA</u>	<u>99</u>
<u>CAPÍTULO 36 - INTELIGÊNCIA</u>	<u>101</u>
<u>CAPÍTULO 37 - A LEI DO KARMA</u>	<u>103</u>
<u>CAPÍTULO 38 - A LEI DA RECORRÊNCIA.....</u>	<u>106</u>
<u>CAPÍTULO 39 - A TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS</u>	<u>111</u>
<u>CAPÍTULO 40 - O ARCANO DEZ</u>	<u>114</u>

Capítulo 1 - Magia Sexual

A magia é, segundo Novalis, a arte de influir, conscientemente, sobre o mundo interior.

Escrito está, com carvões acesos, no livro extraordinário da vida, que o amor ardente entre varão e fêmea opera magicamente.

Hermes Trismegisto, o três vezes grande Deus Íbis de Thoth, disse em sua Tábua de Esmeralda: “Dou-te o amor, no qual está contido todo o summum da Sabedoria.”

Todos temos algo de forças elétricas e magnéticas em nós e exercemos, como um magneto, uma força de atração e repulsão... Entre os amantes é especialmente poderosa essa força magnética e sua ação chega muito longe.

A Magia Sexual (Sahaja Maithuna), entre marido e mulher, fundamenta-se nas propriedades polares que, certamente, têm seu elemento potencial no sexo.

Não são hormônios ou vitaminas patenteadas que se necessita para a vida, senão autênticos sentimentos de tu e eu e, portanto, o intercâmbio das mais seletas faculdades afetivas, eróticas entre o homem e a mulher.

A ascética medieval da fenecida Idade de Peixes rechaçava o sexo, qualificando-o como tabu, ou pecado.

A nova ascética revolucionária de Aquário se fundamenta no sexo; é claro que nos mistérios do Lingam-Yoni se acha a chave de todo o poder.

Da mescla inteligente da ânsia sexual com o entusiasmo espiritual, surge, como por encanto, a Consciência Mágica.

Um sábio autor disse: “A Magia Sexual conduz à unidade da Alma e à sensualidade, ou seja, à sexualidade vivificada. O sexual perde o caráter de suspeito e de menosprezado que só se acata secretamente e com certa declarada vergonha; pelo contrário, é posto a serviço de um maravilhoso gozo de vier, penetrado por ele e alçado a componente de afirmação da existência, que assegura, felizmente, o equilíbrio da personalidade livre.” Necessitamos, com urgência, evadir-nos da sombria corrente cotidiana do acoplamento vulgar, comum e corrente e entrar na esfera luminosa do equilíbrio magnético do “redescobrimento no outro”, de “achar em ti a Senda do Fio da Navalha”, “o cainho secreto que conduz à liberação final”.

“Só quando conhecemos e empregamos as leis do magnetismo entre os corpos e as almas, já não serão mais imagens fugazes e sem sentido, névoas que se desvanecem na luz, todas as palavras sobre amor, sexo e sexualidade.”

É ostensível a tremenda dificuldade que apresenta o estudo da Magia Sexual. Não resulta nada fácil querer mostra como aprendível e visível o Sexo-Yoga, o Maithuna, com seu governo das mais delicadas correntes de nervos e as múltiplas influências subscientes, infraconsciente e inconscientes sobre o ânimo.

Falemos claro e sem rodeios; este tema sobre Sexo-Yoga é questão de experimentação íntima direta, algo demasiado pessoal.

Renunciar à concupiscência animal em prol da espiritualidade é fundamental na Magia Sexual, se é que, em verdade, queremos encontrar o Fio de Ariadne do Ascenso, o Áureo Bramante que há de conduzir-nos das trevas à luz, da morte à imortalidade.

Um grande filósofo, cujo nome não menciono, disse: “Se as autênticas forças procriadoras, as anímicas e espirituais, se acham situadas no fundo da nossa Consciência, encontramos, precisamente no simpaticus, com

sua rede irradiadora de sensíveis malhas de gânglios, o mediador e condutor à realidade interior que não só influi sobre os órgãos da Alma, senão que, também, governa, dirige e controla os centros mais importantes no interior do corpo; guia, de maneira igualmente misteriosa, a maravilhosa percepção até o nascimento do novo ser; assim como os fenômenos do coração, rins, glândulas suprarrenais, glândulas geradoras, etc.”

“Em troca de toda a sensibilidade e espiritualidade da vida ritmada, ele intenta, como autêntico “spiritus creator” do corpo e mediante a direção da corrente molecular e a cristalização de raios cósmicos, balancear, no ritmo do universo, todos os elementos psíquicos e físico que lhe estão subordinados.”

“Este nervus simpaticus é, em realidade, também um nervus ideoplasticus; deve ser compreendido como mediador entre nossa vida instintiva inconsciente e a moderação da viva imagem impressa em nosso espírito desde eternidades; é o grande equilibrador médio que pode apaziguar e reconciliar a perpétua polaridade, as alvuras e crepúsculos do sol da alma, as manifestações de negro e branco, amor e ódio, Deus e diabo, exaltação e descenso.”

O andrógino divino da primeira raça humana, Adam Kadmon, propagou-se só pelo poder da vontade e da imaginação mágica, unidas em vibrante harmonia.

Os antigos sábios da Cabala afirmaram que tal potência volitiva e imaginativa se perdeu pela queda no pecado, pelo qual o ser humano foi arrojado do Éden.

Esta magnífica concepção sintética de cabala hebraica tem por base uma tremenda verdade; sendo assim, é, precisamente, função da Magia Sexual restabelecer, dentro de nós mesmos, essa unidade original divinal do andrógino paradisiaco.

Certo sábio disse, enfaticamente, o seguinte: “Realiza a Magia Sexual transfigurando corporalmente e procura uma acentuação ideal ao sexual na alma. Por isso são capazes de Magia Sexual só os seres que tratam de superar o dilema dualista entre o mundo anímico e o dos sentidos; aqueles que, dotados de íntima vela, se encontram absolutamente livres de qualquer espécie de hipocrisia, dissimulação, negação e desvalorização da vida.”

Capítulo 2 - Rasputin

Quero enfatizar a ideia básica que devemos formular assim: Os grandes fascinadores da lubricidade e da impudícia pertencem mais ao tipo Casanova que ao famoso Don Juan Tenório.

Se o astuto tipo Don Juan reflete todas as suas aventuras amorosas no maligno espelho egocêntrico de sua fantasia, com a abominável intenção de rebaixar a mulher, de profaná-la vilmente, de violá-la e difamá-la perversamente, mediante a cópula passional única e sem repetição no “empurrão do pecado”, resulta incontrovertível uma especial modalidade de ódio masculino contra a fêmea.

Pelas leis dos contrastes, no tipo Casanova predomina o desejo libidinoso de fascinação sexual, exclusivamente, nos impulsos instintivos naturais e sentimentais. Desafortunadamente, esta classe de sujeitos são insaciáveis e sofrem e fazem sofrer.

O tipo Casanova é uma espécie de “mestre burlador” da mulher; parece ter o dom da ubiquidade, pois vemo-lo por todas as partes, aqui, lá e acolá; é como o marinheiro que em cada porto tem uma noiva; muitas vezes se compromete e jura amor eterno...

Em contraposição ao sadismo sexual refinado do tipo Don Juan, descobrimos, no tipo Casanova, o homúnculo racional que quer afogar em leitos de prazer o tédio insuportável de sua própria existência.

Outra variedade, afortunadamente pouco comum de fascinador de mulheres, convém que a designemos como tipo Diabo.

Um dos mais genuínos representantes desse sinistro tipo foi, sem dúvida alguma, o monge Gregor Rasputin.

Estranho asceta apaixonado pelo mais além; espécie de hipnotizador rústico em hábito religioso.

A todas as luzes ressalta com inteira claridade meridiana que a despótica força mágica do “Diabo Sagrado”, Rasputin, se devia, exclusivamente, à sua tremenda potência sexual.

O Czar e a Czarina se ajoelhavam diante dele; acreditavam ver, nesse monge fatal, um santo vidente.

É óbvio que Rasputin encontrou o ânimo dos czares muito disposto, graças ao mago francês Papus (Dr. Encause), médico de cabeceira dos soberanos.

Waldemar diz: “Das mais instrutivas são as memórias diplomáticas do antigo embaixador francês em São Petesburgo, Maurice Paléologue, publicadas pela Revue des Deux Mondes.”

“O embaixador descreve uma invocação de espíritos efetuada pelo conspícuo ocultista francês Papus (Dr. Encause) e, por certo, segundo expresso desejo dos czares. A causa de tal sessão foram os distúrbios revolucionários de 1905. Papus conjuraria a revolta mediante um grande exorcismo na presença do Czar, da Czarikna e do ajudante capitão Mandryka.”

“Paléologue, como garantia de Papus, com quem tinha relações amistosas, informa:”

“Mediante uma intensa concentração de sua vontade e um extraordinário acréscimo de seu dinamismo fluido, o mago logrou evocar a sombra do muito pio Czar Alexandre III. Sinais indubitáveis provaram a presença do espírito invisível...”

“Apesar da angústia que lhe oprimia o coração, Nicolau II perguntou, de todos os modos, a seu pai se devia reagir ou não contra a corrente liberal que ameaçava varrer a Rússia. O fantasma respondeu: Deves extirpar,

custe o que custar, a incipiente revolução. Mas, um dia voltará a brotar de novo e será tanto mais violenta quanto mais dura seja a atual repressão. Não importa! Ânimo, filho meu! Não cesses de lutar!”

Waldemar, o sábio, diz: “O Czar, como notório crente nos espíritos, devia, pois, prestar grande interesse a um homem que, como Rasputin, vinha precedido de grande fama como curandeiro milagroso.”

“O monge camponês procedia também da categoria tão extensa na Rússia da época, dos chamados magos de aldeia, possuindo um magnetismo vital tão extraordinário, devido à insólita potência sexual, que devia produzir o efeito de uma força primitiva, irrompendo nos círculos da nobreza petersburguesa, em parte já degenerada.”

“Uma de suas primeiras proezas na corte foi tratar, magneticamente, o herdeiro do trono, enfermo de hemofilia, logrando conter as hemorragias, coisa que os médicos não haviam conseguido.”

Continua o sábio Waldemar: “Desde esse instante tremeram diante dele grandes duques, ministros e toda a camarilha da nobreza, pois a circunstância de que tivera em suas mãos a vida do Czarviche, granjeou-lhe a ilimitada confiança do Czar e da Czarina. E esta confiança a soube utilizar em seu proveito muito cabalmente; governou a seu capricho os Czares e, por conseguinte, a Rússia.”

“Ao aumentar, constantemente, seu poderio, um grupo de adversários de elevada ascendência e posição, em cuja cabeça se achava o príncipe Yussupov e o grande duque Pavlovitsch, decidiu suprimir o importuno monge milagroso.”

“E, assim, numa ceia, no palácio do príncipe citado, foram servidos ao monge convidado, manjares e bebidas envenenados com cianureto de potássio, em doses tão fortes que bastariam para matar uma vintena de homens ou mais em alguns segundos. Porém, Rasputin comeu e bebeu com crescente apetite; o veneno não parecia surtir efeito algum sobre ele.”

“Os conjurados se inquietaram; porém, seguiram animando o odiado a que comesse e bebesse mais. Nem por isso o veneno tinha poder sobre o monge milagroso; pelo contrário, cada vez parecia sentir-se mais à vontade o maldito.”

“Em consequência, os conjurados concordaram que Yussupov o mataria com uma pistola. Disparou, pois, o príncipe; caiu de bruços ao solo Rasputin e os conjurados o deram já por morto.”

“Yussupov que havia atingido o monge no peito, se dispôs a virar a face do caído; porém, ante seu espanto, Rasputin lhe deu um empurrão, se pôs em pé e, com pesados passos, intentou escapar da habitação. Então o conjurado Purischkewitsch fez quatro disparos contra o monge que voltou de novo a cair; alçou-se outra vez, sendo agora golpeado a bastonões e chutes pelo furioso Purischkewitsch, até que pareceu definitivamente acabado. Porém, a vitalidade de Rasputin era tal que ainda deu sinais de vida quando os conjurados meteram seu vigoroso corpo num saco, o qual ataram, arrojando-o logo, de uma ponte entre os blocos do Neva.”

Este foi o final trágico de um homem que poderia ter-se autorrealizado a fundo.

Desafortunadamente, o monge Gregor Rasputin não soube utilizar, sabiamente, a formidável potência sexual de que o dotara a natureza e desceu ao plano da mais baixa sensualidade.

Uma noite qualquer me propus investigar, de forma direta, o desencarnado Rasputin.

Como conheço, a fundo, todas as funções psíquicas do Eidolon, corpo astral do homem autêntico, não me foi difícil realizar um desdobramento mágico.

Vestido, pois, com esse corpo sideral de que tanto falara Felipe Teofrasto Bombasto de Hogenheim (Aureola Paracelso), abandonei meu corpo físico para mover-me livremente, na quinta dimensão da natureza, no mundo astral.

O que vi com o sentido espacial (com o olho de Hórus) foi terrível. Não é demais afirmar, enfaticamente, que tive de penetrar numa taberna espantosa onde somente se viam barris cheios de vinho, por entre os quais deslizavam, aqui, lá e acolá, multidões de horripilantes criaturas à semelhança de homens.

Eu buscava Rasputin, o Diabo Sagrado; queria conversar com esse estranho monge, ante o qual tremeram tantos príncipes, condes, duques e marqueses da nobreza russa. Mas, eis que aqui, em vez de um eu, via muitos eus e todos eles constituíam o mesmo ego do monge Gregor Rasputin.

Tinha, pois, ante minha vista espiritual, em toda a presença de meu Ser cósmico, um montão de diabos; um eu pluralizado dentro do qual só existia um elemento digno: quero referir-me à Essência.

Não achando, pois, um sujeito responsável, eu me dirigi a uma dessas abomináveis criaturas grotescas que passou perto de mim: “Eis aqui o lugar onde vieste dar, Rasputin! Este foi o resultado da tua vida desordenada e de tantas orgias e vícios”.

“Equivocas-te, Samael”, contestou a monstruosa figura, como que defendendo-se ou justificando sua vida sensual, e logo acrescentou: “A ti te faz falta a linha da intuição.”

“A mim não me podes enganar, Rasputin”, foram minhas últimas palavras. Logo me retirei daquele tenebroso antro situado no Limbus, no Orco dos clássicos, no vestíbulo do reino mineral submerso.

Se Rasputin não tivesse feito, em vida, tantas obras de caridade, a estas horas estaria involucionando no tempo, dentro dos mundos submersos, sob a crosta da Terra, na morada de Plutão.

Passaram muitos anos e eu sigo meditando; os seres humanos ainda não têm uma individualidade autêntica; o único que continua depois da morte, é um montão de diabos.

Que horror! Eus-diabos ... cada um de nossos defeitos psicológicos está representado por alguma dessas abomináveis criaturas dantescas...

Capítulo 3 - O Diabo Prestidigitador

É palmária a existência de um medianeiro plástico extraordinário nesse homúnculo intelectual, equivocadamente chamado homem.

De forma enfática quero referir-me ao plexo solar, centro emocional sabiamente colocado pela natureza, na região do umbigo.

É inquestionável que este magnífico ascendente do bípede tricerebrado ou tricentrado se satura, integralmente, com a essência sexual de nossos órgãos criadores.

Foi-nos dito que o “olho mágico” do ventre é estimulado, frequentemente, pelo Hidrogênio Sexual Si-12 que sobe desde os órgãos sexuais.

É, pois, um axioma inquebrantável da Filosofia Hermética que, na região do ventre, existe um poderoso acumulador energético sexual.

Mediante o agente sexual, qualquer representação pode tomar forma no campo magnético do plexo solar.

O ideoplástico representativo constitui, em si mesmo, o conteúdo do baixo ventre.

De modo algum exageramos quando enfatizamos a ideia básica de que, no ventre, são gestados os eus que surgem, mais tarde, à existência. Tais entidades psicológicas, ideoplásticas de nenhuma maneira viriam à existência sem o agente sexual.

Cada eu é, pois, uma viva representação psicológica que surge do ventre; o ego pessoal é uma soma de eus.

O animal intelectual é, certamente, uma máquina controlada por diversos eus.

Alguns eus representam a ira com todas as suas facetas, outros a cobiça, aqueles a luxúria, etc.

Esses são os Diabos Vermelhos, citados pelo Livro dos Mortos do antigo Egito.

Em nome da verdade, é indispensável dizer que o único digno que levamos dentro é a Essência; desafortunadamente, esta, em si mesma, está dispersa aqui, lá e acolá, enfrascada em cada um dos diversos eus.

O Diabo Prestidigitador toma forma na potência sexual; alguns eus muito fortes costumam produzir variados fenômenos físicos assombrosos.

Waldemar relata o seguinte caso: “O prestigioso síndico da cidade de San Miniato al Tedesco, situada entre Florença e Pisa, tinha uma filha de quinze anos, sobre a qual veio o demônio, de maneira que causou sensação no país.”

“Não era só que a cama em que estava a moça se movesse de um lado a outro da habitação, de maneira que tão logo estava contra uma parede, como contra a outra, senão que o demônio quebrou grande quantidade de vasilhas na casa; abria portas e gavetas e armava tal barulho que os moradores passavam a noite tremendo e cheios de espanto.”

“Em presença dos pais, foi a filha atacada de tal modo pelo maligno que, apesar de súplicas e implorações da moça, alçou-a pelos quadris e a levou pelo ar.”

“Em vão chamou ela, invocando: Santa Virgem Maria! Ajuda-me a me salvar, pois! E isto ante a presença de centenas de habitantes da cidade. Foi arrastada pela janela, ondeando vários minutos diante da casa e sobre a praça do mercado.”

‘Não é, pois, de estranhar que quase toda a cidade corra para lá; homens e mulheres pasmando-se ante o inaudito e espantando-se pela crueldade do diabo, comentando entre si a coragem da moça.’

Um relato da época diz: “Todos se achavam aterrorizados e comovidos, profundamente, pelo aspecto da mãe e das mulheres da família que, com o cabelo solto, se arranhavam com as unhas as faces; golpeavam os peitos com os punhos e enchiam o ar de lamento e alaridos cujo eco ressoava pelas ruas.”

“A mãe, sobretudo, gritava ora à sua filha, ora ao demônio, pedindo a este que jogasse sobre ela toda a desgraça; logo se dirigiu de novo, às pessoas, especialmente às mães, para que se ajoelhassem com ela, implorando ajuda a Deus, coisa que todas fizeram num instante.”

“Ó Deus Santo! Em seguida, precipitou-se a filha de cima, sobre sua mãe, e consolou-a meio morta, com semblante alegre: Abandona o temor, minha mãe! Cessa de chorar que aqui está tua filha! Não temas pelo fantasma do diabo, rogo-te! ... Crês, acaso, que fui torturada e vexada; porém, melhor, encontro-me cumulada de uma deliciosa e indizível doçura ... Pois sempre o amparo de todos os desconsolados tem estado a meu lado, ajudando-me e falando-me, para dar-me ânimo e constância. Assim, me dizia, ganha-se o céu.”

“Estas palavras encheram os presentes de alegria e assombro ao mesmo tempo e se foram aliviados de lá. Porém, apenas regressara a família a sua casa, irrompeu, de novo, o diabo e, lançando-se com toda a violência sobre a moça, pegou-a pelos cabelos, apagou as lâmpadas e velas, revolveu caixas e caixões e toda a mobília. E, quando, de novo, pôde acender as luzes o pai, a filha se arrojou sobre o crucifixo da casa e clamou com voz dilaceradora: Faze que me trague a terra, ó Senhor, antes de me abandonar! Sustém-me e libera-me, eu te imploro encarecidamente!”

“E, falando assim, prorrompeu em pranto o qual enfureceu mais o maligno que lhe arrancou primeiro a camisa do corpo, logo o vestido de lã e, finalmente, a sobreveste de seda, como costumavam usar as moças, desgarrando-a e destroçando-a toda; e, quando se achava a pobre quase desnuda, começou a arrancar-lhe o cabelo.”

“Ela gritava: Pai meu, traze-me um vestido, cobre minha nudez! Virgem Santa, ajuda-me! Finalmente e depois que o demônio a fizera objeto de mais sevícias, logrou-se liberar a moça de seus braços, através de uma peregrinação e uns exorcismos efetuados por um sacerdote.”

Até aqui, pois, o interessante relato de Waldemar. É ostensível que o demônio sádico que atormentou essa pobre moça, era, fora de toda dúvida, o Diabo Prestidigitador, um forte eu diabo da donzela que tomou forma na potência sexual dela mesma. Isso é tudo.

O caudal de exteriorizações sexuais que se manifesta, muito especialmente, durante os anos da puberdade, costuma ser, realmente, tremendo; e não é quando criamos eus terríveis, capazes de produzir fenômenos sensacionais.

A raiva de não poder amar ou o fato mesmo de sentir-se defraudado por alguém, é, fora de toda dúvida, o verdadeiro inferno e provoca aquelas espantosas emanações sexuais fluidicas capazes de converter-se no Diabo Prestidigitador.

Capítulo 4 - A Lança Esotérica

A lança esotérica crística do Santo Graal e a pagã hasta dos pactos mágicos, ostentada por Wotan, é a mesma lança bendita, tida por sagrada em todos os povos desde a mais remota antiguidade.

Seja, em verdade, por ter um caráter fálico e simbólico do poder sexual viril, seja por se tratar da arcaica arma de combate que, no amanhecer da vida, pôde imaginar o homem, é certo que a hasta romana era, como é sabido, algo assim como a balança da justiça, presidindo todas as transações jurídicas do primitivo direito quirritário, ou da lança (Kyries), e, muito especialmente, as núpcias entre os que gozavam do direito de cidadania, por certo, muito apreciado.

As matronas romanas que se achavam sob a tutela da bendita Deusa Juno eram chamada, muito sabiamente, Curetis (Cauretes ou Kyrias, e, daqui, Walkyrias), por causa de Cures ou Torre, cidade dos Sabinos, fundada por Medio Fidio e Himella, seus Deuses inefáveis. E por isso aos líderes e demais homens das Cúrias Romanas que se distinguiam como heróis na guerra, costumava premiar-se com uma pequena lança de ferro, denominada Hastapura, nome que, por certo, recorda a cidade Hastinapura, símbolo divino da Jerusalém Celestial.

"Matronai in tutela Junonis Curetis essent, quae ita vocabatur ab hasta ferenda quae sabinorum lingua curis dicebatur..."

"Nec tibi, quae cupidac natura videbere matri, comat virgineas hasta recurba comas." (Ovídio, 2 Fast).

"Hasta Pura dicitur, quae fine ferro est, et signum est pacis, Has donabantur militis, qui in bello fortiter fecissent." (Suetônio Cláudio).

"Translate Pura dicuntur argumenta oratoria" (Cícero, II, Or, c. 57).

"Deos in hastario vectigales habetis" (Tertuliano, Apologética, c.13)

"Ponitur etiam pro auctione incunto, quia autio cum effet hasta erigebatur" (Calepinus, Hasta).

É ostensível e evidente que os troncos, ou tábuas da Lei, onde o profeta Moisés escreveu, sabiamente, por mandato de Jeová, os Dez Mandamentos, não são, em realidade, senão uma dupla lança das Runas, sobre cujo significado fálico existe muita documentação.

Não é demais enfatizar a ideia transcendental de que existem dois Mandamentos a mais no esotérico mosaico.

Quero referir-me aos Mandamentos onze e doze, intimamente relacionados com os Arcanos 11 e 12 da Cabala.

O primeiro destes –ou seja, o undécimo– tem sua clássica expressão no sânscrito Darma Chara: "Faze teu dever!"

Recorda, irmão leitor, que tu tens o dever de buscar o caminho doloroso, estreito e difícil que conduz à luz.

O Arcano 11 do Tarot ilumina este dever. A força maravilhosa que pode dominar e sujeitar os leões da adversidade é essencialmente espiritual. Por esta razão representado por uma bela mulher que, sem esforço aparente, abre com suas mãos deliciosas as faces terríveis de Leo, o puma espantoso, o leão furioso.

Com o undécimo se relaciona e se entrelaça o duodécimo Mandamento da lei de Deus, ilustrado pelo Arcano 12: "Faze que tua luz brilhe!"

Para que a Luz, que constitui a Essência engarrafada dentro do eu, possa realmente brilhar e resplandecer, deve liberar-se e isto só é possível mediante a Aniquilação Budista, dissolvendo o ego.

Necessitamos morrer de instante em instante, de momento em momento; só com a morte do ego advém o novo.

Assim como a vida representa um processo de gradual e sempre mais completa exteriorização, ou extroversão, igualmente a morte do eu é um processo de interiorização gradativa, no qual a Consciência individual, a Essência, se despoja, lentamente, de suas inúteis vestimentas –como Istar em seu simbólico descenso– até ficar inteiramente desnuda em si mesma, ante a grande realidade da vida livre em seu movimento.

A lança, o sexo, o falo joga também grande papel em numerosas lendas orientais, como instrumento maravilhoso de salvação e liberação que, brandido sabiamente pela alma anelante, permite-lhe reduzir a poeira cósmica todas essas entidades cavernárias que em seu conjunto pecaminoso constituem o mim mesmo.

Na terra sagrada dos Vedas, Shiva, o Terceiro Logos (a energia sexual), foi analisado profundamente em seus aspectos criativos e destrutivos...

É evidente, claro e visível que os aspectos subjetivos, sexuais..., cristalizam-se fatalmente, nessas múltiplas entidades, cuja soma total constitui isso que os egípcios chamaram Seth (o ego).

É manifesto o poder generativo normal de nossas glândulas endócrinas sexuais.

É transcendental o poder objetivo criador do Senhor Shiva, quando trabalha, criando o Traje de Bodas da Alma, o To Soma Heliakon, o corpo de ouro do homem solar.

A energia sexual é altamente explosiva e maravilhosa. Na verdade vos digo que aquele que sabe usar a arma de Eros (a lança, o sexo) pode reduzir a poeira cósmica o eu pluralizado.

Orar é conversar com Deus e devemos aprender a orar durante o coito; nestes instantes de suprema dita, pedi e dar-se-vos-á; golpeai e abrir-se-vós-á...

Quem põe coração na súplica e roga a sua Mãe Divina Kundalini, que empunha a armas de Eros, obterá o melhor dos resultados, porque ela então ajudará, destruindo o ego.

Porém, digo-vos que este é um processo longo, paciente e muito delicado. É inquestionável que o caçador que quer caçar dez lebres ao mesmo tempo não caça nenhuma; assim, quem quer eliminar todos os defeitos psicológicos simultaneamente, não elimina nenhum.

Dentro de cada um de nós existem milhares de defeitos e todos eles têm muitas raízes e facetas que se ocultam entre as distintas dobras subconscientes da mente.

Cada um desses defeitos psicológicos tem forma animalesca; dentro de tais criaturas submersas está enfrascada a Essência, a Consciência.

Condição prévia para toda eliminação é compreensão íntegra do defeito que se quer eliminar.

Suplicai, se estais seguros de haver compreendido; e retirai-vos do coito sem ejacular o sêmen.

Fazendo síntese transcendental sobre muito longos e duros trabalhos, diremos: Primeiro, é preciso liberar a Essência para que a luz brilhe em nós; depois, fusioná-la com Atman (o Ser), para liberar-nos da mente; mais tarde, entregá-la ao Ancião dos Dias (o Pai que está em secreto, a Mônada), para converter-nos em mestres ressuscitados perfeitos. E, por último, absorvê-la, definitivamente em Ishvara, o Logos, primeira emanção do supremo Parabrahaman (o grande Oceano do Espírito Universal de Vida).

Concluimos, agora, este capítulo com o seguinte relato: Há muito tempo, quando eu ainda não havia reduzido o ego a poeira cósmica, fiz uma invocação mágica formidável.

Chamei certo Grande Mestre dizendo: "Vem! Vem! Vem! Profeta de RAA-HOOR-KHU. Vem até mim! Queira cumpri-la! Queira cumpri-la! Queira cumpri-la! AUM... AUM... AUM... (entoando esta última palavra como é devido, abrindo a boca com o A, arredondando-a em U e fechando-a com o M).

Não é demais esclarecer que o ambiente estava saturado de infinita harmonia, carregado de OD...

O resultado da invocação não se fez esperar e o Grande Profeta veio para mim.

O Kabir assumiu uma figura simbólica formidável que pude ver, ouvir, tocar e apalpar em toda a presença de meu ser cósmico.

O Venerável parecia dividido em duas metades. Da cintura para cima resplandecia gloriosamente. Sua fronte era alta como os muros invictos da Jerusalém Celestial; seus cabelos, como a lã branca caindo sobre suas costas imaculadas; seu nariz, reto como o de um Deus; seus olhos, profundos e penetrantes; sua barba, preciosa como a do Ancião dos Dias; suas mãos, como anéis de ouro engastados de jacintos; seus lábios, como os lírios que destilam mirra fragrante...

Porém, na parte inferior de seu corpo, da cintura para baixo, vi algo insólito; horripilantes formas bestiais, personificando erros, demônios vermelhos, eus-diabos, dentro dos quais está engarrafada a Consciência.

Eu te chamei para te pedir a Iluminação. Tal foi minha súplica! É óbvio que em sua forma de apresentação estava a resposta.

O ancião pôs sua destra sobre minha cabeça e me disse: Chama-me cada vez que me necessites e eu te darei a Iluminação!... Logo me bendisse e se retirou.

Com infinita alegria compreendi tudo; só eliminando a lançadas essas criaturas animais, que todos levamos dentro e entre as quais dorme a Consciência, advém a nós a Iluminação.

Capítulo 5 - O Eu Lascivo

Brognoli esclarece, muito instrutivamente, até que extremo pode chegar a força de formação de eus-diabos, pode se dizer já ideoplástica, ou seja, a representação sexual, excitada pelo órgão sexual.

“Havendo-me detido em 1664, em Veneza, veio ver-me o Vigário Geral de um Bispado do continente, para me pedir conselho sobre o seguinte caso:”

“Num convento de monjas havia uma, muito dada aos jejuns e abstinências voluntários. A parte deles era seu agrado e prazer a leitura de livros profanos que tratavam de transformações como as efetuadas por Circe e outras encantadoras, ou bem pelas antigas divindades que convertiam os seres em animais, aves, serpentes e espíritos.”

“Certa noite, apareceu-lhe a figura de um moço extraordinariamente belo e, enquanto o contemplava assombrada, lhe disse: Não temas, minha querida irmã!”

“Não és tu aquela monja que gosta dos jejuns sobre toda medida? E não te entregastes a eles de todo coração?”

“Pois hás de saber que sou o Anjo chamado Jejum e venho a ti para agradecer-te e corresponder com igual amor ao teu.”

“Antes fui filho de um rei; porém, como em meus anos juvenis, nos que também tu te encontras, amei e me entreguei, também, por inteiro ao jejum; meu pai se enojou muito, renegando-me.”

“Mas eu, não fazendo caso nenhum de suas admoestações, segui fazendo minha vontade até que ele, cheio de cólera, me expulsou do palácio. Porém, os deuses aos quais venerava, reprovaram tal repúdio e, acolhendo-me, transformaram-me em anjo e dando-me o nome de Jejum, outorgaram-me também a faculdade de adotar a forma de um jovem, na que me vês, e o dom de não envelhecer nunca.”

“Estou, ademais, dotado de tal mobilidade que, em tempo indizivelmente breve, posso transladar-me de uma a outra parte do mundo, indo e vindo invisível, porém, mostrando-me àqueles que me amam.”

“E, assim, havendo-me manifestado os deuses que me destinaste todo teu amor, venho a ti expressar meu agradecimento e para permanecer contigo e sertir-te em tudo, segundo teu gosto.”

“Por esta causa realizei hoje a grande viagem; deixa-me, pois, dormir, esta noite, em teu leito, se te apraz. Não temas a minha companhia, pois sou amigo da castidade e do pudor.”

“A monja, suavemente comovida e seduzida por este discurso, admitiu o anjo em seu leito. A primeira noite foi tudo bem; ele não se moveu. Porém, na segunda começou a abraça-la e a beijá-la, em mostra de agradecimento e amor, não se separando dela, nem de dia nem de noite, admoestando-a para que não contasse o segredo jamais a seu confessor, nem a ninguém.”

“Servia-a com o maior zelo e diligência e a seguia por toda parte. Por fim, no ano de 1664, ao chegar a data do Jubileu, a monja foi assaltada pelo arrependimento e revelou tudo a seu confessor; este lhe aconselhou que expusesse o assunto, em confissão, também, ao Vigário Geral do Bispado, para que este provesse o adequado, a fim de liberá-la do maligno. Assim, pois, aquele acudiu a mim em busca de conselho.”

Resulta evidente que o espírito lascivo Jejum era um eu projetado tão vividamente pela monja que parecia, certamente, ser uma pessoa diferente.

Tal eu é ostensível que teve de gestar-se no baixo ventre da religiosa antes da inusitada projeção.

O “olho mágico do ventre”, carregado de substância sexual, é um intermediário plástico formidável.

Ali tomam forma todas as ânsias sexuais reprimidas, todos os desejos insatisfeitos.

Capítulo 6 - Eros

Diz o Doutor Rouband o seguinte: “Tão logo que o membro viril penetra no vestibulum, roça primeiro o “glans penis” na glândula clitorica, que se encontra na entrada do canal do sexo e que, mediante sua posição e ângulo que forma, pode ceder e flexionar.”

“Após esta primeira excitação de ambos os centros sensíveis, desliza o “glans penis” sobre as bordas de ambas as vulvas: o “collum” e o “corpus penis” serão envoltos pelas partes salientes da vulva; encontrando-se, por outra parte, o “glans penis” mais avançado em contato com a fina e delicada superfície da mucosa vaginal, que é elástica, ao tecido erétil que se acha entre as membranas individuais.”

“Esta elasticidade que permite à vagina adaptar-se ao volume do pênis, aumenta ainda a turgência e, portanto, a sensibilidade do clitoris, enquanto conduz a ele e à vulva o sangue que fora expelido dos vasos das paredes vaginais.”

“Por outra parte, a turgência e a sensibilidade do “glans penis” são aumentadas pela ação compressiva do tecido vaginal, que se torna cada vez mais turgente, e de ambas as vulvas no vestíbulo.”

“Ademais, o clitoris é pressionado para baixo pela porção anterior do músculo compressor e encontra a superfície dorsal do “glans e do corpus penis”; roça-se com os mesmos e os roça de maneira que cada movimento influi na copulação de ambos os sexos e, finalmente, somando-se as sensações voluptuosas (do Deus Eros), conduzem àquele elevado grau do orgasmo que, por uma parte, provocam a ejaculação e, por outra, a recepção do licor seminal na fendida abertura do colo do útero.”

“Quando se pensa na influência do temperamento, da constituição e de uma série de outras circunstâncias, tanto especiais como correntes, que têm sobre a faculdade sexual, convencemo-nos de que não se acha, nem de longe, solucionada a questão da diferença na sensação do prazer entre ambos os sexos e, até, de que dita questão, envolta entre todas as diversas condições, é insolúvel; isto é tão certo que até apresenta dificuldade o quer traçar um quadro completo das manifestações gerais no coito; porém, enquanto numa pessoa a sensação do prazer se traduz só numa vibração apenas perceptível, em outra, alcança o ponto mais elevado da exaltação, tanto moral como física.”

“Entre ambos os extremos há inúmeras transições: aceleração da circulação do sangue, vivas palpitações das artérias; o sangue venoso que é retido nos vasos pela concentração muscular, aumenta a temperatura geral do corpo e esse estancamento de sangue venoso que, de maneira ainda mais pronunciada, tem sua ação no cérebro, pela contração dos músculos do pescoço e a inclinação para trás da cabeça, causa uma momentânea congestão cerebral, durante a qual perdem alguns a razão e todas as faculdades intelectuais.”

“Os olhos avermelhados pela injeção da conjuntiva tornam-se fixos e de olhar incerto, ou, como no caso da maioria das vezes, cerram-se convulsivamente, para fugir do contato com a luz.” (Isto é algo que está integralmente comprovado).

“A respiração que em alguns é arquejante e entrecortada, interrompe-se em outros pela espasmódica contração da laringe; e o ar, retido por algum tempo, busca, finalmente, um caminho para o exterior, mesclado com palavras desconexas e incompreensíveis.”

“Como assinaiei, os centros nervosos congestionados produzem só impulsos confusos.”

“O movimento e a sensação mostram uma desordem indescritível; os membros são presa de convulsões; às vezes, também de câibras; movem-se em todas as direções ou, então, se contraem e intumescem como barras de ferro; as mandíbulas apertadas até ranger os dentes; e certas pessoas chegam tão longe em seu delírio erótico

que, esquecendo-se por completo do parceiro, mordem-no nestes espasmos de prazer no ombro até fazê-lo sangrar.”

Este estado frenético, esta epilepsia e este delírio de Eros duram, costumeiramente, só breve tempo, porém, o suficientemente longo como que para esgotar, por completo, a energia do organismo do animal intelectual que desconhece a Magia Sexual e para quem tal hiperexcitação há de concluir com uma perda mais ou menos abundante de esperma; enquanto que a mulher, por muito energicamente que possa haver coparticipado no ato sexual, só sofre uma passageira lassitude que é muito mais reduzida que a do homem e que lhe permite recuperar-se mais rapidamente para repetir o coito.

“Triste est omne animal post coitum, praeter mulierem gallamque”, disse Galeno, axioma que, no essencial, é exato no que diz respeito ao sexo masculino.

No amor nada importa certamente; nem a dor nem a alegria, senão só isso que se chama amor.

Enquanto livre o amor ata, a desunião o mata, porque Eros é o que realmente une.

O Amor se acende com o Amor, como o fogo, com o Fogo; ... porém, donde saiu a primeira chama? Em ti salta sob a vara da dor ... tu o saber.

Logo ... Ó Deuses! ... Quando o fogo escondido sai chamejando, o de dentro e o de fora são uma só coisa e todas as barreiras caem feito cinzas.

O amor começa com um clarão de simpatia, substancializa-se com a força do carinho e se sintetiza e adoração.

Um matrimônio perfeito é a união de dois seres “um que ama mais e outro que ama melhor...”

O amor é a melhor religião exequível. Amar! Quão belo é amar! Só as almas simples e puras sabem amar. O amor se alimenta com Amor. Avivai a chama do Espírito com a força de Eros.

“Posto que o enlace dos sexos pode equivaler a um ato criador que está ligado à potência e ao esplendor do primeiro dia”, Lutero denomina os órgãos sexuais as “bonestissimae et praestantissimae partes corporis”. “Foi pelo pecado que os membros mais úteis e honestos se converteram no mais vergonhoso.”

Maomé disse: “O coito é um ato até prazenteiro à religião, sempre que se realize com a invocação de Alá e com a própria mulher para a reprodução” (ou melhor para a Transmutação Sexual).

O Corão diz: “Vê, toma por mulher uma donzela que acaricies e te acaricie; não passe ao coito sem te haver antes excitado pelas carícias.”

O profeta enfatiza assim: “Vossas esposas são, para nós, um lavradio. Ide a ele com vos apraz; porém, realizei antes algum ato de devoção. Temei a Deus e não esqueçais que um dia vos havereis de achar em sua presença.”

O autor do El Ktah, escrito extraordinariamente, apreciado pelos árabes, não se farta na glorificação do coito; este é, para ele, “o hino de louvor mais magnífico e sagrado, o anelo mais nobre do homem e de sua companheira após a unidade primitiva e as delícias paradisíacas.”

“Estes, diz, não compreenderam, nem viram que o amor é o Fiat Lux do “Livro de Moisés”, o mandato divino, a lei para todos os continentes, mares, mundos e espaços.”

E, em suas ulteriores explicações, o autor do El Ktah revela a primitiva ciência esotérica, que, no fundo, a união física do homem e mulher é um ato sobrenatural, uma reminiscência paradisíaca, o mais belo de todos os hinos de louvor dirigidos pela criatura ao Criador, o Alfa e Ômega de toda a Criação.

O Xequê Nefrani põe na boca de um sábio estas palavras: “A mulher é semelhante a uma fruta cujo aroma se aspira primeiro quando se a toma pela mão. Se não se acalenta, por exemplo, com a mão, a erva de basilisco,

não se toma seu aroma. O âmbar desprende sua fragrância só quando se o esquentar. E isto bem o sabes. Assim sucede com a mulher. Quando queres passar ao ato amoroso, deves primeiro acalentar o coração dela com todos os preparativos da arte de amar, com beijos, abraços e pequenos mordisocs. Se descuidas disto, não te será dado nenhum gozo completo e todos os encantos dos enamorados ficarão ocultas para ti.”

Num tratado muito sábio sobre medicina chinesa li o seguinte: “O taoísmo tem outras influências na Medicina, como o prova a leitura de uma recopilação de tratados taoístas, o Sing-Ming-Kuei-Chen, do ano de 1622, aproximadamente.”

Distinguem-se três regiões no corpo humano. A região superior, ou cefálica, é a origem dos espíritos que habitam no corpo.

“A almofada de Jade (Yu Chen) se encontra na parte pósterio-inferior da cabeça. O chamado osso da almofada é o occipital (Chen-Ku).”

“O palácio do Ni-Huan (termo derivado da palavra sânscrita Nirvana) se encontra no cérebro, chamado, também, mar da medula óssea (Suei-Hai); é a origem das substâncias seminais.”

“A região média é a coluna vertebral, considerada não como um eixo funcional, senão como um conduto que une as cavidades cerebrais com os centros genitais; termina num ponto chamado a coluna celeste (Tien Chu), situado atrás da nuca, no ponto onde nascem os cabelos.” Não se deve confundir este ponto com o da acupuntura do mesmo nome.

“A região inferior compreende o campo de cinábrio (Tum T’ien), do qual nos ocuparemos mais adiante; nela assenta a atividade genital, representada pelos dois rins: o fogo do tigre (Yang), à esquerda e o fogo do dragão (Ying), à direita.”

“A união sexual está simbolizada por um casal: um homem jovem conduz o tigre branco e uma mulher jovem cavalga sobre o dragão verde. O chumbo (elemento masculino) e o mercúrio (elemento feminino) vão mesclar-se; enquanto estão unidos, os jovens arrojaram sua essência em uma caldeira de bronze, símbolo da atividade sexual. Porém, os líquidos genitais, em particular o esperma (Tsing), não são eliminados nem se perdem, senão que podem voltar ao cérebro pela coluna vertebral, graças à qual se recupera o curso da vida.”

A base destas práticas sexuais taoístas é o “coitus reservatus”, no qual o esperma que baixou do encéfalo até a região prostática (porém, que não foi ejaculado), volta à sua origem; é o que se deve denominar fazer voltar a substância (Huang-Tsing).

Quaisquer que sejam as objeções que sejam formuladas frente à realidade deste retorno, não é menos certo que os taoístas conceberam um domínio cerebral dos instintos elementais que mantinha o grau de excitação genésica por debaixo do umbral da ejaculação; deram ao ato sexual um estilo novo e uma finalidade distinta da fecundação.

A esotérica Viparitakarani ensina, cientificamente, como o iogue indostano, em vez de ejacular o sêmen, fã-lo subir, lentamente, mediante concentração, de maneira que homem e mulher, unidos sexualmente, possam eliminar o ego animal.

Os antigos gregos conheceram, muito exatamente, o parentesco essencial entre a morte e o ato sexual; em Eros representavam o “Gênio da Morte”, sustentado, na mão, o Deus, uma tocha inclinada para baixo como portador da morte.

Sendo a força mais profunda e primitiva de todas, nos homens, a sexual é considerada, pelos Tantras, como o Eros cosmogônico, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

Muito longe de violentar a nossa essência íntima no sentido de concupiscência brutal, ou, então, de intumescer-se, organicamente, por um espasmo que só dura poucos segundos, o praticante toma, em contraposição, a potência de sua Divina Mãe Kundalini particular, para fundir-se com ela numa unidade e eliminar tal ou qual eu; quer dizer, este ou aquele defeito psicológico previamente compreendido a fundo.

Só com a morte advém o novo. Assim é como Eros, com sua tocha inclinada para baixo, reduz a poeira cósmica todos esses agregados psíquicos que, em seu conjunto, constituem o eu.

O mantram, ou palavra mágica, que simboliza todo o trabalho de Magia Sexual é KRIM.

Neste mantram se deve empregar uma grande imaginação, a qual obra diretamente sobre Eros, atuando este, por sua parte, por sua vez, sobre a imaginação, insuflando-lhe energia e transformando-a em força mágica.

Para pôr-se em contato com a móvel potência universal, o praticante percebe diversas imagens; mas antes de tudo, revela-se-lhe sua Divina Mãe Adorável, com a lança sagrada em sua destra, pelejando furiosa contra aquele eu diabo que personifica tal ou qual erro psicológico que anelamos destruir.

O praticante, cantando seu mantram KRIM, fixa logo sua imaginação, sua translucidez no elemento fogo, de tal modo que ele mesmo se sinta como chama ardente, como flama única, como fogueira terrível que incinera o eu diabo que caracteriza o defeito psicológico que queremos aniquilar.

A extrema sensibilidade dos órgãos sexuais anuncia sempre a proximidade do espasmo; então devemos retirar-nos a tempo, para evitar a ejaculação do sêmen.

Continue-se logo o trabalho; o homem deitado no solo, em decúbito dorsal (boca para cima) e a mulher em sua cama ... suplique-se à Divina Mãe Kundalini; peça-se, com frases simples, saídas do coração sincero, elimine, com a lança de Eros, com a força sexual, o eu que personifica o erro que realmente compreendemos e que anelamos reduzir a poeira cósmica.

Bendiga-se, por último, a água contida num copo de cristal bem limpo e beba-se, dando graças à Mãe Divina.

Todo este ritual do Pancatattwa libera o herói de todo pecado; nenhum tenebroso pode resistir-lhe; subordinam-se-lhes os poderes terrestres e supraterrrestres e caminha pela terra com a Consciência desperta.

Temido por todos os demônios, vive como Senhor da Salvação e completa bem-aventurança; escapa à lei do renascimento, pois, através de longos e terríveis trabalhos da Magia Sexual, utilizou o formidável poder elétrico de Eros, não para satisfações brutais de tipo animal, senão para reduzir a pó o eu pluralizado.

Capítulo 7 - Eus Luxuriosos

Devido ao fato de que, na fenecida Idade de Peixes, a Igreja Católica limitou, excessivamente, a vida moral das pessoas, mediante múltiplas proibições, não pode produzir que, precisamente, Satanás, como encarnação vivente dos apetites mais bestiais, ocupasse, de maneira especial, a fantasia daquelas pessoas que, contidas no livre trato com a humana espécie, acreditavam-se obrigadas a uma assinalada vida virtuosa.

Assim, segundo a analogia dos contrários, foi requerido da subconsciência o contido na mente cotidiana, tanto mais intensivamente quanto mais ou menos ação exigiam as energias instintivas, ou do impulso, eventualmente reprimidas.

Este tremendo desejo de ação soube incrementar de tal modo a libido sexual que, em muitos lugares, se chegou ao abominável comércio carnal com o maligno.

O sábio Waldemar diz, textualmente, o seguinte: “Em Hessimont, foram visitadas as monjas – como o conta Wyer, o médico de câmara de Clewe – por um demônio que, pelas noites, se precipitava como um torvelinho de ar no dormitório e, subitamente sossegado, tocava a cítara tão maravilhosamente que as monjas eram tentadas à dança.”

“Logo saltava, em figura de cão, ao leito de uma delas, sobre quem recaíram, portanto, as suspeitas de que houvesse chamado o maligno.” Milagrosamente, não ocorreu às religiosas pôr o caso nas mãos da

Inquisição.

Resulta inquestionável que aquele demônio, transformado em cão ardente como o fogo, era um eu luxurioso que, depois de tocar a cítara, se perdia no corpo de sua dona que jazia no leito.

Pobre monja de ancestrais paixões sexuais forçosamente reprimidas! Quanto teve que sofrer!

Assombra o poder sexual daquela infeliz anacoreta; em vez de criar demônios no cenóbio, poderia eliminar, com a lança de Eros, as bestas submersas, se tivesse seguido o Caminho do Matrimônio Perfeito.

O médico de câmara Wyer descreve, logo, um caso que mostra a erotomania das monjas de Nazaré, em Colônia.

“Estas monjas haviam sido assaltadas durante muitos anos por toda classe de pragas do diabo; quando, no ano de 1564, aconteceu, entre elas, uma cena particularmente espantosa. Foram arrojadas à terra, na mesma postura que no ato carnal, mantendo os olhos cerrados no transcurso do tempo em que assim permaneceram.” Os olhos cerrados indicam, aqui, com certeza, o ato sexual com o demônio, autocópula; pois, trata-se de coito com o eu luxurioso, projetado ao exterior pela subconsciência.

“Uma moça de quatorze anos – diz Wyer – que estava reclusa no claustro foi quem deu a primeira indicação a respeito.”

“Amiúde havia experimentado, em sua cama, raros fenômenos, sendo descoberta por seus risinhos sufocados e, ainda que se esforçasse em afugentar o diabrete com uma estola consagrada, ele voltava a cada noite.”

“Havia sido disposto que se deitasse com ela uma irmã, com o fim de ajudá-la a defender-se; porém, a pobre se aterrorizou quando ouviu o ruído da pugna.”

“Finalmente, a jovem se tornou possessa por completo; lastimosamente atacada de espasmos.”

“Quando tinha um ataque, parecia como se se achasse privada da vista e, ainda que tivesse aparência de estar em seu estado normal e com bom aspecto, pronunciava palavras estranhas e inseguras que beiravam o desespero.”

“Investiguei este fenômeno como médico, no claustro, a 25 de maio de 1565, em presença do nobre e discreto H.H. Constantin Von Lyskerken, honorável conselheiro, e o Mestre Johann Alternau, antigo aldeão de Clewe.”

“Achavam-se presentes, também, o Mestre Johann Eshst, notável Doutor em Medicina e, finalmente, meu filho Heinrich, também Doutor em Farmacologia e Filosofia.”

“Li, nesta ocasião, terríveis cartas que a moça havia escrito a seu galã; porém, nenhum de nós duvidou, nem por um instante, que foram escrita pela possessa em seus ataques.”

“Depreendeu-se que a origem estava em alguns jovens que, jogando pelota nas imediações, entabularam relações amorosas com algumas monjas, escalando, depois, os muros para gozar de suas amantes.”

“Descobriu-se a coisa e se fechou o caminho. Porém, então o diabo, o prestidigitador, enganou a fantasia das pobres, tomando a figura de seu amigo (convertendo-se em um novo eu-luxúria) e lhes fez representar a comédia horrível, ante os olhos de todo o mundo.”

“Eu enviei cartas ao convento nas quais desentranhava toda a questão e prescrevia remédios adequados e cristãos, a fim de que, com os mesmos, pudesse resolver o desgraçado assunto...”

O Diabo Prestidigitador não é, aqui, senão a potência sexual concreta exacerbada que, desde o momento em que já não se ocupava mais no comércio com os jovens, tomou a figura do amigo na fantasia e de maneira tão vívida, por certo, que a realidade apreciável do ato revestia, precisamente pelo isolamento, formas ainda mais intensivas com respeito ao outro sexo anelado; formas que tão plasticamente seduziam ao olho interior do instinto desencadeado que, para explicá-las, havia de pagar, precisamente, os vidros quebrados ao diabo.

Capítulo 8 - O Eu da Bruxaria

O sábio autor do livro *Specimen of British Writers*, Barnett, apresenta um caso extraordinário de bruxaria:

"Faz cinquenta anos vivia, numa aldeia do condado de Sommerset, uma velha que era, geralmente, considerada como bruxa."

"Seu corpo era seco e encurvado pela idade; andava com muletas. Sua voz era cavernosa, misteriosa, porém, de simulada solenidade; de seus olhos brotava um fulgor penetrante e, sobre quem ela os pousasse, deixava-o mudo de espanto."

"De repente, um jovem saudável e moço, de uns vinte e um anos, da mesma localidade, foi assaltado por um pesadelo tão persistente que sua saúde resultou afetada e, num prazo de três a quatro meses, ficou débil, pálido e fraco, com todos os sintomas de uma vida que se esgotava."

"Nem ele, nem ninguém dos seus duvidava da causa; e, depois de celebrar conselho, tomou ele a decisão de esperar acordado a bruxa."

"Assim, na noite seguinte, por volta das onze e meia, percebeu uns passos calmos e sigilosos na escada."

"Uma vez tendo chegado o amedrontado ser ao quarto, foi ao pé da cama, subiu logo nela e se arrastou, lentamente, até o moço."

"Ele deixou fazer até que ela chegou aos seus joelhos e, então, alçou-a, com ambas as mãos, pelos cabelos, mantendo-a subjugada com convulsa força, enquanto chamava sua mãe que dormia num quarto contíguo, para que trouxesse a luz."

"Enquanto a mãe buscava a luz, lutaram o moço e o ser desconhecido às escuras, rolando ambos, furiosamente, pelo solo, até que ao primeiro vislumbre da escada, a mulher safou-se com força sobrenatural do jovem e desapareceu como um relâmpago de sua vista."

"A mãe encontrou seu filho em pé, ofegante, ainda, pelo esforço e com mechas de cabelo em ambas as mãos."

Quando me relatou o fenômeno –disse Barnett– perguntei-lhe com curiosidade de onde havia tirado o cabelo. Ao que ele respondeu: "Fui tolo em não haver logrado retê-la, pois, isso teria demonstrado melhor a identidade da pessoa."

"Porém, no torvelinho das minhas sensações, fi-la cair no chão e a bruxa, a quem pertenciam os cabelos, teve o bom cuidado em não aparecer mais à minha vista, nem mais vir molestar-me à noite, pois havia levado uma boa surra."

"É raro –acrescentou– que, enquanto a tinha segura e lutava com ela, embora eu soubesse quem devia ser, sua respiração e todo seu corpo pareciam de uma moça saudável."

"O homem a quem isto aconteceu vive ainda; contou-me esse episódio mais de uma vez e, por isso mesmo, posso certificar sobre a autenticidade do fato, pensem o que quiserem sobre a causa."

Comentando o caso, diz o sábio Waldemar: "Este relato contém dois pontos de muito peso. Em primeiro lugar, ao jovem constava que seu pesadelo tinha por causa a bruxa que vivia na localidade e, também, conhecia esta bruxa de seus fugazes encontros ao andar durante o dia e em suas visitas astrais noturnas."

"Em segundo lugar, a bruxa, encurvada pela idade e sustentada por muletas, transformou-se, ao cabo de vários meses, durante os quais ele foi se debilitando e se consumindo, na imagem de uma exuberante moça. Onde se há de encontrar a causa deste evidente rejuvenescimento da velha?"

"Para responder a esta pergunta –continua dizendo Waldemar– devemos ter presente o mecanismo do Eidolon, o duplo."

"Se a aura que envolve e encobre aos seres representa, também, um reflexo fiel de seu corpo, de maneira que naquele se encontram, correspondentemente contidos, com exatidão, seus defeitos e debilidades, o corpo duplo apresenta, por assim dizer, uma marcante evidência que, por exemplo, se manifesta, amiúde, em feridos graves; de maneira que se pode sentir dores em um membro amputado há vários anos e, por certo, tão intensos, como se existisse ainda o mesmo."

"Esta invulnerável integridade do duplo fundamenta-se no princípio criador de que a forma dada pela natureza, a congênita do ser, está contida numa espécie de primeiro germe."

"Neste, como na semente, encontra-se contida a estrutura de toda árvore, acha-se oculto o Ser em sua viva imagem."

"Mediante múltiplas falsas ações e extravios, reflete-se, no curso da vida, o tecido vibratório astral que se enlaça com o corpo primitivo."

Com respeito aos corpos primitivos, desejaríamos assinalar, ainda, que o professor Hans Spemann, da Universidade de Eriburgo, obteve, no ano de 1955, o prêmio Nobel de Medicina e Psicologia, devido a sua comprovação, em transcendentais estudos, de que nos primeiros estados de desenvolvimento embrionário se acha ativo um escultor da vida, um ideoplástico químico que forma o protoplasma segundo uma imagem predeterminada.

Partindo desses estudos de Spemann, o Professor Oscar E. Shotté, da Universidade de Yale, logrou comprovar, mediante seus experimentos com salamandras, que o escultor da vida não desaparece, de modo algum, tal como Spemann havia suposto, após o tempo de desenvolvimento embrionário, senão que se mantém durante toda a vida do indivíduo.

Um pequeno pedaço de tecido, procedente da costumeira ferida de um homem, poderia, segundo o professor Shotté, ao ser injetado em um terreno virgem e vivente, reconstruir, de maneira inteiramente idêntica, todo o corpo do homem ferido em questão. Acaso, os experimentos nos laboratórios de homúnculos conduziram, algum dia, a reforçar, praticamente, de maneira insuspeita, as teorias do professor Shotté.

É óbvio que a abominável harpia deste cruento relato, mediante certo "modus operandi" desconhecido para o vulgo, pôde sugar ou vampirizar a vitalidade do jovem para transplantá-la ao seu próprio corpo primitivo; só assim se pode explicar, cientificamente, o insólito rejuvenescimento do corpo da velha.

É inquestionável que o ideoplástico químico, impregnado pela vitalidade do moço, pôde reconstruir o organismo valetudinário daquela anciã.

Enquanto a vida do mancebo se esgota espantosamente, a velha fatal de esquerdos conciliábulo tenebrosos, recobrava sua antiga juventude.

É evidente que o rapaz teria capturado a velha se não houvesse cometido o erro de pegá-la pelos cabelos; melhor teria sido se a segurasse pela cintura ou pelos braços.

Muitas dessas harpias abismais, surpreendidas em flagrante, têm sido capturadas com outros procedimentos.

Algumas tradições antigas dizem: "Se colocamos no solo umas tesouras de aço abertas em forma de cruz e se aspergimos mostarda negra ao redor deste metálico instrumento, qualquer bruxa pode ser capturada."

Causa assombro que alguns ocultistas ilustres ignorem que essas bruxas possam iludir a lei da gravidade universal!

Ainda que pareça insólita a notícia, enfatizamos a ideia de que isto é possível colocando o corpo físico dentro da quarta dimensão.

Não é de modo algum estranho que essas harpias, metidas com seu corpo físico dentro da dimensão desconhecida, possam levitar e viajar, em poucos segundos, a qualquer lugar do mundo.

É ostensível que elas têm fórmulas secretas para escapar do mundo tridimensional de Euclides.

Em termos estritamente ocultistas bem podemos qualificar essas criaturas tenebrosas como Jinas negros.

O organismo humano oferece, certamente, possibilidades surpreendentes. Recordai, amados leitores, a execrável Celene e suas imundas harpias, monstros com cabeça e pescoço de mulher. Horrendos pássaros das ilhas Strófadas que se encontram no Mar Jônico.

Providas de longas garras, têm sempre no rosto a palidez da fome. Fúrias terríveis que, com seu contato, corrompem tudo que tocam e que antes foram formosas donzelas.

A capital principal de todas essas abominações está em Salamanca, Espanha. Ali está o famoso castelo de Klingsor –o salão da bruxaria– santuário das trevas, oportunamente citado por Richard Wagner, em seu Parsifal.

Valha-me Deus e Santa Maria!... Se as pessoas soubessem tudo isto, buscariam o castelo de Klingsor por todas essas velhas ruas de Salamanca...

Entretanto, bem sabem os divinos e os humanos que o castelo do graal negro se encontra nas terras de Jinas, na dimensão desconhecida.

Às terças e sábados, à meia noite, ali se reúnem essas bruxas com seus zangões para celebrarem suas orgias.

Quando alguma harpia dessas foi agarrada, boa sova, surra ou chicotada levou, pois as pobres pessoas ainda não sabem devolver bem por mal.

É necessário sermos compreensivos e, ao invés de atolar-se no lodo da infâmia, melhorar a tais harpias por meio do amor, tomar com coragem o problema e admoestar com sabedoria.

"Não julgueis, para que não sejais julgados". "Porque com o juízo com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que medirdes, sereis medidos".

"E porque olhas a palha que está no olho de teu irmão e não vês a viga que está em teu próprio olho?"

"Ou como dirás a teu irmão: deixa-me tirar a palha do teu olho e eis, aqui, a viga no teu?"

"Hipócrita! Tira primeiro a viga de teu próprio olho e então verás bem, para tirar a palha do olho do teu irmão."

"Aquele que estiver limpo de pecado que arroje a primeira pedra..."

Ainda que pereça incrível, é bom saber que muitas pessoas honoráveis e, até, religiosas carregam dentro o eu da bruxaria.

Em outras palavras diremos: pessoas honradas e sinceras que, em sua presente existência, nada sabem de ocultismo, esoterismo, etc., levam, no entanto, dentro, o eu da bruxaria.

É óbvio que tal eu costuma viajar através do tempo e da distância para causar dano a outros.

Qualquer fugaz interesse pela bruxaria, em alguma vida anterior, pode ter criado tal eu.

Isto significa que, no mundo, existem muitas pessoas que, sem o saber, praticam, inconscientemente, a bruxaria.

Em verdade vos digo que muitos são os devotos da senda que também levam, dentro de si mesmos, o eu da bruxaria.

Concluiremos o presente capítulo, dizendo: todo ser humano, ainda que esteja na Senda do Fio da Navalha, é mais ou menos "negro", enquanto não tiver eliminado o eu pluralizado.

Capítulo 9 - O Paroxismo Sexual

Com o Sahaja Maithuna (Magia Sexual), tal como se pratica nas escolas de Tantrismo Branco, multiplica-se, infinitamente, a potência da vontade, mediante o desencadeamento e atualização onipotente das sutis correntes nervosas.

O paroxismo delicioso da união sexual não é só um reflexo de Tamas, segundo o Tantra; necessitamos inquirir, indagar, investigar.

No paroxismo das felicidades, devemos descobrir, de forma direta, a síntese cósmica e criadora do Shiva (o Espírito Santo) e de Shakti (Sua Divina Esposa Kundalini).

Enquanto o animal intelectual comum e corrente é vencido, fatalmente, pela abominável concupiscência e raptado pelos afetos passionais, numa palavra, sofre, no desfrute, para a vil consumação do prazer, o Gnóstico esoterista, em pleno êxtase, durante o coito, penetra vitorioso na região das Mônadas, no esplêndido mundo do Tattwa Anupadaka.

O Grau anterior a esse mundo de Anupadaka é o princípio extraordinário da potência que se acha no domínio do espaço, tempo e causalidade e é denominada Acassa Tattwa (A Morada de Atman–Budhi–Manas).

Escrito está, com palavras de ouro, no grande livro de todos os esplendores, que o paroxismo sexual é Proto–Tattwico.

Inicia-se o jogo de vibrações extraordinárias durante o Maithuna com o Tattwa de ouro, Phrithvi, o éter magnífico da perfumada terra, guardando concordância exata com nosso corpo físico.

Continua a harpa, delícia da vibrações, fazendo estremecer a água da vida universal (Apas), o Ens Seminis.

O alento (Vayú) se altera ostensivelmente e na atmosfera sutil do mundo ressoa a lira de Orfeu.

Acende-se a flama sagrada (Tejas) no candelabro misterioso da espinha dorsal.

Agora... Ó Deuses! O cavalheiro (Manas Superior) e sua dama (Buddhi) se abraçam ardentemente, na região do Acassa puro, estremecendo-se com o paroxismo sexual.

Entretanto, é evidente e manifesto que Acassa é só uma ponte de maravilhas e prodígios entre os Tattwas Phrithvi (Terra) e Anupadaka (o mundo dos esplendores).

O Paroxismo sexual atravessa a ponte da felicidade e penetra no mundo de Aziluth, a região de Anupadaka, a morada de Shiva e Shakti; então Ele e Ela resplandecem, gloriosamente, embriagados de amor.

Mulheres, escutai-me! A Shakti deve ser vivida regamente, durante o coito, como Maya–Shakti (Mulher–Eva–Deusa); só assim pode lograr-se, com êxito, a consubstancialização do amor, no realismo psicofisiológico de vossa natureza.

O varão gnóstico, durante o Sahaja Maithuna (Magia Sexual), deve personificar Shiva (o Espírito Santo) e sentir-se inundado com essa força maravilhosa do Terceiro Logos.

Kalyanamalla refere-se, repetidas vezes, a que "o cumprimento do código do amor é muito mais difícil do que o profano imagina".

Os gozos preparatórios já são complicados; há, pois, de ser empregada a arte, exatamente segundo os preceitos, para avivar a paixão da mulher, da mesma maneira que se aviva uma fogueira e que seu Yoni se torne mais brando, elástico e apto ao ato amoroso.

O Anangaranga concede grande importância a que ambos os componentes do casal não deixem introduzir em sua vida comum nenhum entibramento, fastio ou saciedade em suas relações, efetuando a consumação do amor com recolhimento e entrega total. A forma do ato sexual, quer dizer, a posição no mesmo, é denominada asana.

Para conhecimento de alguns leitores de certa idade, transcreveremos, no presente capítulo, a posição denominada Tiryak:

"A posição Tiryak tem três subdivisões, nas quais jaz sempre a mulher de lado:

- a) – O homem se coloca ao longo junto à mulher, toma uma das pernas dela e a coloca sobre a sua cintura. Só com a mulher de todo desenvolvida pode satisfazer por completo esta postura, a qual se deve evitar com uma jovem.
- b) – Homem e mulher jazem estendidos de lado, devendo ela mover-se o mínimo possível.
- c) – Estendido de lado, penetra o homem entre os quadris da mulher, de maneira que uma coxa se ache sob ele, enquanto a outra repousa sobre sua cintura."

É conveniente invocar a Kamadeva durante o Sahaja Maithuna na Forja dos Ciclopes.

Kamadeva, o deus hindu do amor. Literalmente seu nome quer dizer deus do desejo e passa por filho do céu e da ilusão.

Rati, a ternura, é sua esposa; e Vasanta (a estação do florescimento), sua acompanhante que leva, constantemente, seu carvão com flores nas pontas das flechas.

Kamadeva tinha uma figura visível; mas como molestou ao Senhor da Criação, Hara, em suas práticas, este o reduziu a cinzas com um olhar; os deuses o ressuscitaram, gotejando néctar nelas e desde então se chama o incorpóreo.

É representado cavalgando sobre um papagaio, sendo seu arco de cana-de-açúcar e estando formada a corda do mesmo de abelhas.

O casal terrenal Adão–Eva, mediante o Sahaja Maithuna (Magia Sexual), acha sua correspondência ao mesmo tempo mais humana e mais pura, no elevado casal divino Shiva–Shakti.

Homero verificou uma descrição ao mesmo tempo delicada e mágica do abraço amoroso do casal divino.

"Sob eles, a germinadora terra produzia verdor florido, lótus, trevos sucosos e jacintos e açafrão que apertados, túrgidos e ternos se alçavam do solo e eles jaziam lá e arrastavam para cima as nuvens cintilantes e áureas e o cintilante orvalho caía à terra."

Embriagados pelo vinho do amor, ataviados preciosamente com a túnica da espiritualidade transcendente e coroados com as flores da felicidade, devemos aproveitar a tremenda vibração do Tattwa Anupadaka, durante o paroxismo sexual, para suplicar à Serpente Ígnea de Nosso Mágicos Poderes, que elimine de nossa natureza interior o defeito psicológico que já compreendemos a fundo, em todas as regiões do subconsciente.

Assim é como vamos morrendo de instante a instante, de momento em momento; só com a morte advém o novo.

Capítulo 10 - Visitantes Tenebrosos

O sábio Waldemar diz textualmente: "Um contemporâneo de Brognoli, o sacerdote Coleti, conta-nos de uma mulher de sua paróquia que acudiu a ele com seu marido."

"Ela era devota e de bons costumes; porém, fazia dez anos estava acossada por um tal espírito que de dia e de noite lhe sugeria o desonesto e, até, quando não dormia procedeu com ela como um íncubo, pelo que não era, de modo algum, um sonho o que padecia."

"Mas não logrou obter sua conformidade, permanecendo ela inquebrantável. Assim, o exorcista não teve mais do que pronunciar o "Praeceptum Leviticum" contra o demônio, e daí em diante, ela se viu livre dele."

"Neste caso – diz Waldemar – vemos que, quando o consciência de um obsessão a tal ponto imaginou como subterfúgio a violação pelo demônio, ou seja, quase uma tomada de possessão contra sua vontade, pode superar-se o estado mediante o processo de uma expulsão do espírito lascivo pelas forças morais, ainda não tiranizadas."

"Mas se o íncubo (o Eu lascivo), a imagem luxuriosa criada pela própria fantasia, se afirma sem oposição até o fim, o próprio indivíduo convertido em íncubo executa, cindido em dois seres, uma autocopulação. Neste caso, a obsessão acaba, geralmente, na demência total."

"Assim intentou Brognoli, na primavera de 1643, liberar, em vão, de um íncubo a uma moça de vinte anos."

"Fui, diz, com seu confessor, a sua casa. Apenas penetramos nela, o demônio que estava entregue a sua tarefa, escapuliu. Falei então à moça e ela me contou nos mínimos detalhes o que fazia o demônio com sua pessoa."

"De seu relato não tardei em compreender que, ainda que ela o negasse, havia dado, não obstante, uma conformidade indireta ao demônio. Pois, quando notava sua aproximação pela dilatação e vivo formigamento nas partes afetadas, não buscava refúgio na oração, nem invocava a Deus e a Santa Virgem em auxílio, nem ao Anjo da Guarda, senão que ia correndo a sua habitação e se estendia na cama, a fim de que o maligno pudesse executar sua tarefa mais cômoda e agradavelmente."

"Quando tratei de despertar nela, em conclusão, uma firme confiança em Deus para liberar-se, permaneceu indiferente e sem eco, notando eu, então, uma resistência, como se não quisesse ser liberada."

"Deixei-a, pois, não sem antes haver dado algumas prescrições a seus pais sobre disciplinas e repressão do corpo de sua filha, mediante jejuns e abluções."

"Mas não só eram visitadas, assim, as mulheres, diz o sábio Waldemar. Brognoli foi conduzido, em Bérgamo, a um jovem comerciante de uns vinte e dois anos de idade que havia enfraquecido até ficar em puro esqueleto, porque o atormentava um súcubo."

"Fazia vários meses, ao estender-se em sua cama, apareceu-lhe o demônio na figura de uma moça extraordinariamente bela, à qual amava."

"Ao gritar, contemplando aquela figura, ela lhe havia instado para que se calasse, assegurando-lhe que era, em verdade, a mesma moça e porque sua mãe lhe batia, havia fugido de casa, recorrendo à de seu amado."

"Ele sabia que aquela não era a sua Tereza, senão algum diabrete; não obstante, após alguma conversa e uns abraços, levou-a consigo para a cama."

"Depois lhe disse a figura que, em efeito, não era a moça, senão um demônio que o queria, um de seus eus-diabos e que, por isso, se unia a ele dia e noite."

"Isto durou vários meses, até que Deus o liberou por meio de Brognoli e ele fez penitência por seus pecados."

Através deste insólito relato, resulta completamente evidente e manifesta a autocopulação com um eu-diabo que havia tomado a forma da mulher amada.

É inquestionável que aquele mancebo de ardente imaginação e espantosa luxúria havia utilizado, inconscientemente, a faculdade ideoplástica para dar forma sutil à sua adorada.

Assim, veio à existência um eu súcubo, um demônio passionário de cabelos longos e ideias curtas.

É óbvio que dentro desse diabo feminino ficou engarrafada uma boa parte de sua consciência.

Paracelso diz a respeito, em sua obra "De originem morborum invisibilium Lit.III":

"Íncubos e súcubos se formaram do esperma daqueles que realizam o ato antinatural imaginativo da masturbação (em pensamentos ou desejos)."

"E, pois, só procede da imaginação, não é um esperma autêntico (material), senão um sal corrompido."

"Só o sêmen que procede de um órgão indicado pela Natureza para seu desenvolvimento pode germinar em corpo."

"Quando o esperma não provém de apropriada matéria (substrato nutrício), não produzirá nada de bom, senão que gerará algo inútil."

"Por isto, incubos e súcubos, que procedem de sêmen corrompido, são prejudiciais e inúteis, segundo a ordem natural das coisas."

"Estes germens formados na imaginação nasceram de Amore Heress, o qual significa uma espécie de amor no qual um homem se imagina uma mulher, ou vice-versa, para realizar a cópula com a imagem criada na esfera de seu ânimo."

"Deste ato resulta a evacuação de um inútil fluído etéreo, incapaz de gerar uma criatura; porém, em situação de trazer larvas à existência."

"Uma tal imaginação é a mãe de uma exuberante impudicícia, a qual, continuada, pode tornar impotente um homem e estéril, uma mulher, já que, na frequente prática de uma tal imaginação enferma, se perde muito da verdadeira energia criadora."

"Os eus-larva da lascívia são verdadeiros entes pensantes autônomos, dentro dos quais fica enfrascada uma boa porcentagem de Consciência."

As larvas, das que fala Paracelso, não são outra coisa que aquelas cultivadas formas de pensamentos que devem sua força e sua existência, unicamente, à imaginação desnaturalizada.

Capítulo 11 - A Cabeça de João

Ressoaram os tambores e brotaram gritos na multidão. Porém, o Tetrarca dominou todo o barulho com sua voz:

"Eia! Eia! Teu será Cafarnaum! E a várzea do Tiberíades! A metade do meu reino!..."

Então se arrojou ela ao chão e, subitamente, balancearam seus calcanhares no ar e adiantou vários metros sobre as mãos, como um grande escaravelho.

Logo saltou sobre seus pés e olhou, agora, com fixidez, para Herodes. Tinha pintados de carmim os lábios e negras as sobrancelhas; e seus olhos cintilavam com fulgor perigoso, brotando em sua fronte gotinhas cintilantes.

De canto a canto contemplaram-se Herodes e Salomé, até que, desde a galeria, estalou seus dedos Herodíades.

Sorriu, então, Salomé, mostrando seus brancos e firmes dentes e sussurrou com uma pudorosa e tímida donzela.

"Quero... em uma bandeja, a cabeça... havia esquecido o nome. Mas, voltando a sorrir, disse com clareza: a cabeça de João!"

Achava-se um tanto enojada com o amado e o fez decapitar; mas, quando contemplou a desejada cabeça sobre a bandeja, chorou e enloqueceu e pereceu de delírio erótico.

Horripilante batalha íntima na psique de Salomé; o eu do despeito arrastando, em sua decadência abominável, os demais eus. Triunfo asqueroso do diabo homicida... espanto... horror!

Herodes temeu a multidão, porque considerava João como profeta. No capítulo XI do Evangelho de Mateus, fala-se de João, o Batista, como um verdadeiro Jina, um homem celeste, um semideus, superior aos profetas, pois que Jesus mesmo diz dele:

"Certamente vos digo que ele é muito mais que um profeta, pois dele é de quem está escrito: Eis que eu envio meu anjo ante tua face, para que vá diante de ti, aparelhando-te e limpando-te o caminho."

"Entre os homens nascidos de mulher, não se levantou outro maior que ele, ainda que ele é menor que o menor seja no Reino dos Céus e, se o quereis, pois, receber, sabeis que ele é aquele Elias que se nos disse há de vir... Quem tenha ouvidos para ouvir que ouça."

Estas palavras do Grande Kabir Jesus enlaçam os dois grandes personagens hebreus em um só.

João, o Batista, decapitado pela luxuriosa Salomé, foi, em verdade, a vivíssima reencarnação de Elias, o Profeta de Altíssimo.

Por aquela época, os Nazarenos eram conhecidos como Batistas, Sabeanos e Cristãos de São João; o erro de tais pessoas consistia na absurda crença de que o Kabir Jesus não era o Filho de Deus, senão, simplesmente, um profeta que quis seguir a João.

Orígenes (Vol.II, página 150) observa que "existem alguns que dizem de João, o Batista, que ele era o ungido (Christus)."

"Quando as concepções dos Gnósticos, que viam em Jesus o Logos e o ungido, começaram a ganhar terreno, os primitivos cristãos se separaram dos nazarenos, os quais acusavam, injustamente, o Hierofante Jesus de perverter as doutrinas de João e de mudar, por outro, o Batismo no Jordão." (Codex Nazarenus, II Pág.109).

Salomé, desnuda, ébria de vinho e de paixão, com a cabeça inocente de João, o Batista, entre seus eróticos braços, dançando diante do Rei Herodes, fez estremecer as terras do Tiberíades, de Jerusalém, da Galileia e de Cafarnaum...

Entretanto, não devemos escandalizar-nos tanto; Salomé jaz muito oculta no fundo íntimo de muitas mulheres... tu o sabes... e que nenhum varão se presuma de perfeito, porque em cada um se oculta um Herodes.

Matar é, evidentemente, o ato mais destrutivo e de maior corrupção que se conhece no planeta Terra.

Escrito está no livro de todos os mistérios que não só se mata com punhais, armas de fogo, força ou veneno; são muitos os que matam com um olhar de desprezo, com um sorriso irônico ou com uma gargalhada, com uma carta ou com a ingratidão e a calúnia.

Em verdade vos digo que o mundo está cheio de uxoricidas, matricidas, parricidas, fraticidas, etc., etc., etc.

É necessário amar muito e copular sabiamente, com a adorada se é que em verdade queremos reduzir a poeira cósmica o diabo homicida, mediante a lança onipotente de Eros.

Capítulo 12 - O Final de um Triângulo Fatal

Apresentamos, agora, um caso espantoso que, de forma enfática, vem nos demonstrar o que é o esquerdo e tenebroso eu dos ciúmes no intercâmbio conjugal de marido e mulher.

O horripilante acontecimento ocorreu no ano de 1180, em Provença, difundindo-se a notícia por todas as partes, até penetrar, finalmente, em 1250, na literatura, algo assim com uma forma de epopeia.

"Aconteceu que Guillermo de Cabstaing, filho de um pobre cavaleiro do Castelo de Cabstaing, chegou à corte do Senhor Raimundo de Rosellón; e, após apresentar-se, perguntou se seria bem visto como escudeiro. O barão o achou de valia e lhe deu as boas-vindas para que ficasse em sua corte."

"Ficou, pois, Guillermo e soube comportar-se de maneira tão gentil que altos e baixos o queriam; e soube também distinguir-se tanto que o barão Raimundo o destinou ao serviço da dama Margarita, sua esposa, como pajem. Esforçando-se, agora, Guillermo, em ser ainda mais digno em palavras e fatos; mas, como é coisa que ao amor corresponde, dama Margarita achou-se enamorada por ele, com os sentidos inflamados."

"Tanto prazia a ela a diligência do pajem no serviço, sua fala e sua firmeza, que um dia não pôde conter-se em perguntar-lhe: Dize-me, Guillermo, amarias a uma mulher que te dera mostras de amar-te? Ao que Guillermo respondeu sincero: Certo que o faria, senhora, sempre que suas mostras fossem verdade."

"Por São João – exclamou a dama – respondeste como completo cavalheiro! Mas, agora, desejo provar-te se poderias saber e reconhecer o que nas mostras fora verdade e o que só aparência."

"A cujas palavras replicou Guillermo: Seja, pois, como voz apraz, senhora minha!"

"Tornou-se pensativo e, prontamente, começou amor justamente com ele e os pensamentos que amor lhe enviava, penetravam-lhe no coração e, daí em diante, converteu-se em seu paladino, começando a compor lindos versos e primorosas canções e poemas, tudo isto comprazia em grau sumo àquela que recitava e cantava."

"Mas amor, que a seus servidores outorga seu galardão quando lhe agradam, quis conceder o seu a Guillermo. E, prontamente, começou a dama a anelar e a cismar tanto em sua afeição, que nem de dia nem de noite lograva o descanso, ao ver Guillermo a soma de todos os dons de coragem e de heroicas façanhas."

"Assim, aconteceu quem um dia, dama Margarita interpelou Guillermo, dizendo: Sabes, Guillermo, o que neste instante é verdade e o que não é da minha aparência?"

"E Guillermo respondeu-lhe: Senhora, tão certo que Deus me ajude que, desde o instante em que me converti em vosso escudeiro, nenhum outro pensamento pude albergar em mim, mais que o de que vós sois, entre todos os seres vivos, o melhor e o mais veraz em palavras e aparência. Assim o creio e toda minha vida o creio. A dama replicou: Guillermo, que Deus me ajude também; digo-te que não serás enganado por mim e teus pensamentos não se perderão em vão."

"E, abrindo os braços, beijou-o delicadamente e, sentando-se ambos na câmara, começaram a cuidar de seu amor..."

"Mas, não passou muito tempo sem que as malévolas línguas, as que deveriam alcançar a ira de Deus, começaram a desatar-se, falando de seu amor e a tagarelar sobre as canções que Guillermo compunha, murmurando que havia posto seus olhos em dama Margarita. E falaram tanto e tanto, que a coisa chegou aos ouvidos do senhor."

"O barão Raimundo se afligiu em grau sumo, porque perderia seu companheiro de cavalgada e mais ainda por causa da afronta de sua esposa."

"E, certo dia, em que Guillermo havia ido só com um escudeiro à caça do gavião, Raimundo tomou armas ocultas e cavalgou até dar com o donzelo."

"Bem-vindo sejas, senhor, saudou-o Guillermo, indo ao seu encontro, quando o percebeu. Por que estais tão só?"

"Depois de alguns rodeios, Raimundo começou: Dize-me, por Deus e a Santa Fé! Tens uma amante para a qual cantas e te encadeia o amor?"

"Senhor – respondeu Guillermo – como poderia de outro modo cantar, se a isso não me induziu o amor? Verdade é, senhor, que o amor me aprisionou por inteiro em seus laços."

"Desejaria saber, se te apraz, quem é a dama em questão?"

"Ah, senhor, vede, em nome de Deus, o que de mim requeres! Farto sabeis que nunca deve ser nomeada a dama."

"Mas, Raimundo, seguiu insistindo (porque o eu dos ciúmes o estava tragando vivo), até que Guillermo disse: senhor, haveis de saber que amo à irmã de dama Margarita, vossa esposa, e espero ser correspondido por ela (contestou o eu do engano); e, agora que o sabeis, suplico vosso apoio; ou, quando menos, que não me prejudiqueis."

"Aqui tens minha mão e minha palavra – falou Raimundo – em promessa e juramento de que hei de empregar tudo quanto em meu poder esteja, em tua ajuda."

"Vamos, pois, a seu castelo que está perto daqui, propôs Guillermo."

"Assim o fizeram, sendo bem recebidos pelo senhor Roberto de Tarascón, esposo da própria dama Inês, conduziu-a a seu aposento e sentaram-se ambos sobre o leito."

"Dizei-me, cunhada minha, pela lealdade que me deveis, falou Raimundo, amais alguém?"

"Sim, senhor, respondeu ela"(com o eu embusteiro).

"A quem?"

"Oh! Não posso dizê-lo, respondeu ela! Que me estais falando?"

"Mas ele insistiu tanto que não teve ela mais remédio que confessar seu amor por Guillermo. Assim, o reconheceu ela, ao encontrar tão triste e desconfiado a este, ainda que bem sabia que amava sua irmã; e sua resposta produziu grande alegria a Raimundo."

"Inês contou tudo a seu esposo, julgando ele que havia obrado bem dando-lhe toda liberdade para que dissesse e obrasse a seu livre arbítrio, para salvar Guillermo"(infame adúltero).

"Inês, convertida em cúmplice do delito, não deixou de fazê-lo, pois, levando a sós ao seu aposento o donzelo, ficou em sua companhia por tanto tempo que Raimundo teve, com efeito, de conjecturar que havia estado desfrutando dos méis do amor."

"Isso o agradou sumamente e começou a pensar que o quanto sobre ele se havia murmurado, não era verdade, senão vago mexerico. Saíram Inês e Guillermo do aposento; foi disposta a ceia e esta transcorreu com grande animação."(Assim são as farsas que faz o eu pluralizado).

"Após a ceia, Inês fez dispor o aposento de ambos os hóspedes muito próximos da porta do seu; e Guillermo e ela desempenharam tão bem seu papel que Raimundo pensou que o donzelo dormia com a dama."

"Ao seguinte dia, e, depois de despedir-se, Raimundo se separou quanto pôde de Guillermo; foi à sua esposa e lhe contou o acontecido. Ante aquelas notícias, dama Margarita passou toda a noite sumida no mais profundo desconsolo; e, na manhã seguinte, chamou Guillermo, recebeu-o de má maneira, tratando-o de amigo falso e traidor."

"Guillermo pediu graça, como homem que não havia incorrido em culpa alguma das que ela lhe atribuíra; e lhe relatou, ao pé da letra, tudo quanto aconteceu. A dama chamou sua irmã e por ela soube que Guillermo dizia a verdade. Com o que ordenou ao donzelo para que lhe compusesse uma canção, na qual mostrasse não amar a mulher alguma à parte dela. E ele compôs o cantar que diz: As lindas ocorrências, que amiúde, o amor inspira."

"Ao ouvir, de Rosellón, o cantar que Guillermo havia composto para sua mulher, fê-lo vir para conversar com ele; e, a bastante distância do castelo, o degolou, guardando a cabeça cortada em um surrão de caça, arrancando-lhe logo o coração."

Com a mesma retornou ao castelo; fez que assassem o coração e o servissem a sua mulher à mesa. Ela o comeu, sem saber o que era que degustava."

"Ao acabar a comida, levantou-se Raimundo e participou a sua mulher que, o que havia almoçado, era o coração de Guillermo, mostrando-lhe, em seguida, a horripilante cabeça."

"Perguntou-lhe, ademais, se o coração havia tido bom sabor. Ao que dama Margarita respondeu que foi, com efeito, tão saboroso que manjar outro algum lhe tiraria já o gosto que lhe havia deixado o coração de Guillermo. Raivoso, Raimundo, desesperado pelo eu dos ciúmes, atirou-se contra ela, a perversa adúltera, com sua adaga desembainhada. Margarita fugiu; arrojou-se por uma varanda e destróçou a cabeça na caída."

Esse foi o final catastrófico de um triângulo fatal onde os eus dos ciúmes, do adultério, do engano, da farsa, etc., levaram seus atores até um beco sem saída.

Valha-me Deus e Santa Maria! Bem sabem os divinos e os humanos que o poderoso senhor Raimundo de Rosellón se converteu em assassino devido ao demônio dos ciúmes. Melhor teria sido dar a sua mulher carta de divórcio.

Capítulo 13 - Ritual Pancatattwa

Entre o crepitar incessante do cósmico Fohat onipresente, onipenetrante e onimisericordioso, surgem, também, como é natural, espantosas tentações carnis, indescritíveis e inenarráveis, à maneira do Grande Patriarca Gnóstico Santo Agostinho, que tinha visões, na cruz, de uma deliciosa mulher desnuda.

Escrito está no livro dos esplendores, com caracteres de fogo ardente: "O real conhecimento e a sábia identificação com todas as infinitas possibilidades do sexo não há de significar, para os sábios, uma caída no mundo dos instintos e ilusões, senão que, precisamente, tal familiarização e profundo conhecimento há de conduzir-nos à Autorrealização Íntima."

O iniciado que na sexualidade busca, inteligentemente, a potência extraordinária do princípio eterno e criador e passa da dominação da passividade à dominação da atividade de uma ação bem entendida que domina as energias sexuais...

Este sabedor é óbvio que se acha em situação de despertar a Consciência, mediante a morte do ego animal.

No terreno da vida prática pudemos verificar até a saciedade que, aqueles que se afastam da questão sexual para viver a superior vida do coração, qualificando como tabu tudo aquilo que possa ter sabor erótico, tarde ou cedo vêm a experimentar, subitamente e de maneira inesperada, o fastio e o desconsolo.

Então resulta evidente e manifesto, o desembocar dos mais baixos eus submersos que antes pareciam adormecidos e como mortos, entram em atividade bruscamente; e toda dita espiritual, tão dificilmente lograda, transforma-se em infernal escúpulo.

Aquela sublime esperança de descansar no divino, parece, então, como arrojada de improviso e o que refulgia como harmonia eterna, torna-se abismo de uma vã quimera.

Por este motivo, o homem que quiser lograr a liberação autêntica, não deve, jamais, arrulhar na falsa sensação de segurança.

É urgente aprender a viver perigosamente, de instante a instante, de momento em momento.

O verdadeiro conhecimento direto, místico, transcendental, certamente será impossível, enquanto tenhamos conflitos íntimos.

Necessitamos agarrar o diabo pelos cornos; é indispensável roubar a tocha de fogo de Tiphon Bafometo, o Bode de Mendes.

A esotérica Viparitakarani ensina como "o iogue faz subir, lentamente, o sêmen mediante concentração, de maneira que homem e mulher possam alcançar o vajroli."

De maneira explícita é designada como santa a mulher no ato carnal; ela deve achar-se em situação de transformar, igualmente, o fogo de sua potência sexual e poder conduzi-lo aos superiores centros do corpo.

Fazendo subir o sêmen no corpo, quer dizer, fazendo-o refluir para dentro e para cima em vez de derramá-lo, revertendo as gotas que os profanos e profanadores destinam ao útero da mulher, entra em atividade a chama etérea do sêmen, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, mediante a qual podemos e devemos reduzir a pó o ego animal.

No Anangaranga de Kayanamalla temos encontrado a seguinte asana de tipo tântrico.

UTTANA-DANDA

O homem se planta de joelhos e se inclina sobre a mulher estendida de costas. Há dez variedades desta postura que é, geralmente, preferida.

- a) O homem coloca sobre seus ombros as pernas da mulher, jazida de costas e coabita enquanto se inclina para ela.
- b) A mulher jaz de costas; o homem se coloca entre suas pernas e alça estas de maneira que toquem seu peito e coabita com a mulher.
- c) Uma perna da mulher permanece estendida sobre o tapete ou a cama e a outra se situa, no ato, sobre a cabeça do homem; é uma posição especialmente estimuladora da sensação erótica.
- d) A posição Kama-Rad. Situado entre as pernas da mulher, o homem alarga com suas mãos tanto como seja possível os braços dela.
- e) Durante o ato carnal, a mulher alça ambas as pernas até o peito do homem que se acha colocado entre suas coxas. É uma das posturas preferidas pelos conhecedores da arte de amar.
- f) O homem se ajoelha ante a mulher tombada de costas; coloca logo suas duas mãos sob suas costas e a eleva para si, de maneira que a mulher possa, por sua vez, atraí-lo com seus braços enlaçados à sua nuca.
- g) O homem se situa entre os quadris e a almofada da cabeça da mulher, de maneira que o corpo desta se alça em forma de arco. Ajoelhado ele sobre um almofadão, realiza o ato; nesta muito apreciada forma experimentam o maior deleite ambos os partícipes.
- h) Enquanto jaz de costas, a mulher cruza as pernas e eleva um pouco os pés; postura que ativa vivamente o fogo do amor.
- i) A mulher, estendida sobre o leito ou tapete, coloca uma perna sobre o ombro do companheiro, tendo a outra estendida.
- j) O homem alça, após a introdução do membro, as pernas da mulher estendida de costas e aperta, estreitamente, os quadris dela.

No Viparitakarani se diz: "Esta prática é mais excelente, a causa da liberação para o iogue; esta prática leva saúde ao iogue e lhe outorga a perfeição."

"O Vira-Sadhaka, ou Heruka, considera o próprio universo como o lugar da liberação; ele sabe viver sabiamente; com a vista pousada na infinita verdade, acha-se por acima do terror e da censura, pela evidência do Saham (eu sou ela, ou seja, a potência, indubitavelmente penetrado por ela), livre de todo enlace do Samsara, senhor de seus sentidos, procedendo o Ritual Pancatattwa."

"Esta palavra designa os cinco elementos: éter, ar, fogo, água e terra, são considerados como os princípios diversos da manifestação do Shakti (Kundalini). Os cinco contém a potência cósmica e o Vira-Sadhaka tem de realizar a tarefa de ressuscitar a primigênia natureza desses elementos como ato de potência, para, assim, avançar ao Primogênito da Criação, ao próprio Shiva."

A todas as luzes ressalta, com inteira claridade mediana, a necessidade intrínseca de um ascenso escalonado aos princípios transcendentais da vida universal.

Tal ascenso há de ter por embasamento a natureza orgânica do **pentante**.

Com respeito ao sujeito orgânico, o éter se encontra intimamente relacionado com a mulher ou o relacionamento sexual (Maithuna); o ar, com o vinho (Madya); o fogo, com a carne (Mamsa); a água, com o peixe (Matsya); e a terra, com os cereais (Mudra).

Assim, pelo inteligente desfrute dos cinco "M" (Mulher, vinho, carne, peixe, cereais), invoca-se a potência (Shakti) dos elementos, atualizando-a em si mesmo aqui e agora.

O Pancatattwa possibilita o Shakti-Puja (ou seja, o culto gnóstico da Divina Mãe Kundalini Shakti).

Os clarões maravilhosos de Maha-Kundalini se acham contidos em todas as propriedades dos cinco elementos da natureza.

Necessitamos, com urgência, converter esses clarões em chamas dentro de nós mesmos.

Mediante o Ritual Pancatattwa é inquestionável que a oculta divindade interior, ainda quando não esteja metida dentro do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, faz extensiva, de maneira consciente, sua energia íntima, com o evidente propósito de ajudar a Essência no processo do despertar...

Temos de saber, claramente, que os cinco elementos são formas diversas de uma potência e, portanto, procuram atrair a vida interior do Ser Íntimo para uni-la à vida exterior, o imanente com o transcendente, para que, com isso, se reconheça o Ser aqui e agora.

Necessitamos aprender a viver intensamente, de instante em instante, no mundo dos cinco elementos.

O Karma-Yoga, o sendeiro da linha reta, tem, por embasamento, a Lei da Balança.

Como poderíamos exercer com soberana maestria o poder sobre o Tattwa Akáshico, excluindo o Sahaja Maithuna (Magia Sexual)!

Dizem as tradições indianas que Rama-Krishna fez sentar-se a Saradalevi no trono da Mãe Divina, dentro do templo, e começou, à medida que cantava o hino à Devi Kundalini, com a ancestral cerimônia ritual que culmina na famosa Shorashi Puja, a adoração da mulher. Ele e Ela, durante o Maithuna, chegaram ao Samadhi... Assim se chega a exercer todo o poder sobre o Tattwa Akáshico...

Escrito está, com palavras de fogo no livro dos esplendores, que a potência do Logos Solar não se encontra no cérebro, nem no coração, nem em nenhum outro órgão do corpo, senão, exclusivamente, nos órgãos sexuais, no falo e no útero.

De modo algum poderíamos desenvolver, em nossa constituição íntima, os poderes Akáshicos, se cometêssemos o erro de fornicar ou odiar o sexo, ou adulterar. "Todo pecado será perdoado, menos o pecado contra o Espírito Santo..." (o Sexo).

Uma vez, achando-me fora do corpo físico, fiz a minha Mãe Divina Kundalini a seguinte pergunta: É possível que, lá no mundo físico, exista alguém que possa autorrealizar-se sem a necessidade da Magia Sexual? A resposta foi terrível, espantosa. "Impossível, filho meu; isso não é possível!" Eu fiquei impressionado e comovido no mais íntimo da alma...

E que diremos sobre o Vayú Tattwa? O elemento ar? Qual é sua relação com o fruto da vida?

É óbvio que nenhum bêbado poderia adquirir os poderes maravilhosos do Vayú Tattwa...

Resulta evidente e manifesto que o vinho puro e sem fermento de nenhuma espécie é usado com êxito no Ritual do Pancatattwa...

De que forma, ou de que maneira poderíamos adquirir os milagrosos poderes ígneos do Tattwa Tejas, se cometemos o erro de renunciar aos elementos carnívoros? Desgraçadamente, as humanas multidões ou se tornam vegetarianas radicais, ou se tornam quase canibalescas.

E que diríamos sobre o Tattwa Apas e seus formidáveis poderes? É óbvio que nos peixes se encontra o segredo que nos permite dominar as tempestades e caminhar sobre as águas; desafortunadamente, as pessoas ou aborrecem os mariscos ou abusam deles.

De que maneira poderíamos conquistar os poderes do Tattwa Phrithvi, o elemento terra, se aborrecemos os cereais, legumes e plantas, ou se abusamos desses alimentos?

Do citado se depreende que todos os elementos, tanto da terra como da carne, são, em essência, absolutamente puros. Quando o Vira desfruta do prazer sem mescla de um matiz pessoal, revela-se-lhe, no sexo, a causa primitiva do cosmos, o mundo dos fenômenos, o mundo de Maya.

As correntes de Tattwa que se encontram no cosmos em consonância com a estrutura de forças e que produzem a evolução e a involução do universo, manifestam-se como limite da criação e primogênito da natureza, de maneira que alça uma imensa potência e transforma a vontade do Vira que, daí em diante, arde na brasa de Maha-Kundalini.

O sábio escritor Waldemar diz textualmente, em uma de suas obras:

"Prana, a sexta força fundamental, não só surte efeito nos homens, senão que é o princípio vital de todo ser existente no universo."

"Prana é o que se chama o sopro de Deus e que provoca, nos organismos, as manifestações vitais. Pelo desfrute dos cinco elementos do Ritual Pancatattwa, dinamizam-se, por assim dizer, as potências, para brilhar no sexto princípio, na constituição dos seres, ou seja, no Lingam-Sarira, o corpo etérico."

"Se sabemos prestar a devida atenção à verdadeira natureza da vontade desperta por este brilho, para captá-la com alerta Consciência e não só imaginativamente, senão retendo-a com todo o Ser Íntimo, realiza-se um transporte de ordem transcendental."

É inquestionável que os brilhos do vinho, da mulher, da carne, etc., depois de fazer rodar os chacras do corpo vital, vêm atualizar as superiores forças da alma: Atman-Buddhi-Manas.

"A fim de que a obscura massa de Tamas (potência latente) seja superada em seu estado caótico e inerte, devem ser provocados momentos especiais de emoção estática; o indivíduo sai fora de si de certo modo, e os recursos do vinho e ao ato sexual desempenham, aqui, um papel decisivo."

Este sair fora de si é no próprio sentido, devidamente entendido, um entrar na força dos elementos.

As correntes de Tattwas que se encontram no cosmos estão, obviamente, subordinadas a Shakti, à potência.

Atualizada a potência dos cinco elementos no fundo vivente da alma, é evidente que nos convertemos em Mestres dos Tattwas. Então podemos, se assim o queremos, imortalizar o corpo físico; passar entre o fogo sem nos queimar; caminhar sobre as águas; acalmar ou desatar as tempestades; flutuar nos ares; desatar os furacões; atravessar qualquer rocha ou montanha de lado a lado sem receber o menor dano; pronunciar palavras que intumescem ou encantam as serpentes venenosas, etc., etc.

OM, obediente à Deusa que se assemelha a uma serpente adormecida no Swayambbulingam e maravilhosamente ornada, desfruta do amado e de outras belezas. Acha-se presa pelo vinho e irradia como milhões de raios. Será despertada pelo ar e pelo fogo, pelos mantrans YAM e DRAM e pelo mantram HUM, durante a Magia Sexual.

Na pronúncia do mantram KRIM deve empregar-se grande imaginação. É necessário insuflar-lhe energia e transformá-lo em força mágica.

Tal mantram não só se usa na Magia Sexual; é ostensível que ele forma parte vivente de todo o Ritual Pancatattwa.

O Vira Gnóstico, quando bebe o vinho ou come a carne, ou o peixe, ou os cereais, pronuncia o mantram KRIM e intensifica sua imaginação de tal modo que todo o universo lhe parece cumulado pela Bendita Mãe do Mundo.

Capítulo 14 - Poderes Tattwicos

Para o bem da Grande Causa vou transcrever, agora, no presente capítulo, dois relatos extraordinários de Sri Swami Sivananda:

Yogi Bhusunda

"Considera-se o Yogi Bhusunda, entre os iogues, como um Chiranjivi."

"Foi mestre na ciência do Pranayama. Diz-se que este iogue construiu, na parte ocidental do Kalpa Vriksha, situado no cume norte do Mahamera, uma enorme guarida onde viveu."

"Este Yogi era um Trikala Jnani e podia estar em Samadhi por longo tempo. Havia obtido a suprema Santi e Jnana e em tal estado desfrutou da felicidade de seu próprio Ser, sempre como um Chiranjivi."

"Possuía pleno conhecimento das cinco Dharanas e havia dado provas de domínio sobre os cinco elementos, mediante a prática da concentração."

"Diz-se que, quando os doze Adityas queimaram o mundo com seus refulgentes raios, ele pôde, mediante seu Apas Dharana, alcançar o Akasha; e, quando o feroz vendaval sopra até fazer saltar as rochas em pedaços, ele permanecerá no Akasha, mediante o Agni Dharana."

"Mais ainda, quando o mundo, junto com o Mahamera, afundar nas águas, ele flutuará mediante o Vayú Dharana."

Até aqui este relato maravilhoso de Sri Swami Sivananda. É óbvio que o Yogi Bhusunda teve de praticar intensivamente o Ritual Pancatattwa.

Vejamos, agora, detidamente o segundo relato do Guru-Deva Sivananda: Milarepa

"Milarepa foi uma dessas almas que se impressionam profundamente, ao compreender a natureza transitória da mundana existência e os sofrimentos e misérias nos quais os seres se acham imergidos."

"Parecia-lhe que a existência, deste ponto de vista, era igual a uma enorme fogueira onde as criaturas viventes se consumiam."

"Ante tal desconcertante dor, sentiu, em seu coração, que era incapaz de perceber algo da celestial felicidade desfrutada por Brahma e Indra nos céus; porém, muito menos sentia, ainda, os gozos terrenos e as delícias próprias do mundo profano."

Por outra parte, sentiu-se profundamente cativado pela visão de imaculada pureza e casta beatitude, descritas no estado de liberdade perfeita e onisciência, alcançáveis no Nirvana, a tal ponto que não podia malgastar sua vida na procura de algo que desde longo tempo havia rejeitado, dedicando-se, com plena fé, profundidade de mente e coração cheio do onipenetrante amor e da simpatia de todas as criaturas."

"Havendo obtido conhecimento transcendental no controle da natureza etérica e espiritual da mente, sentiu-se capaz de dar demonstrações disso e sob tal efeito pôde voar pelo céu, caminhar e descansar no ar."

"Foi capaz, também, de produzir chamas e fazer surgir águas de seu corpo, transformando-se no objeto que desejasse; demonstrações que foram capazes de convencer os descrentes e trazê-los às sendas religiosas."

"Milarepa foi perfeito na prática dos quatro estados de meditação; e, mediante eles, pôde projetar seu corpo sutil ao extremo de estar presente, presidindo concílios iogues, em vinte e quatro lugares distintos, nos quais se celebravam assembleias de deuses e anjos, iguais a nuvens de espiritual comunhão."

"Foi capaz de dominar a deuses elementais, colocando-os a seu imediato comando no cumprimento de seus deveres."

"Perfeito adepto de sobrenaturais poderes tattwicos, teve a graça de poder atravessar e visitar inumeráveis paraísos sagrados e céus dos budas, onde, pela virtude de seus oniabsorventes atos e nunca superada devoção, os budas e os bodhisattvas que regem esses sacros lugares o favoreceram, permitindo-lhe expressar-se acerca do Dharma, santificando-o, em seu retorno, com a visão desses mundos celestiais e permanência em tais moradas."

Capítulo 15 - O Abominável Vício do Álcool

Muito longe daqui, desta minha querida pátria mexicana, viajando por outros caminhos, fui levado pelos ventos do destino a essa antiga cidade sul-americana que, em tempos pré-colombianos, se chamara Bacatá, na típica linguagem Chibcha.

Cidade boêmia e taciturna, com mentalidade crioula do século XIX; nebuloso povoado no vale profundo...

Urbe maravilhosa de quem certo poeta dissera: "Gira a cidade de Bacatá sob a chuva como um desnivelado carrossel; a cidade neurastênica que cobre suas horas com cachecóis de nuvens."

Então havia começado a primeira guerra mundial... Que tempos, Deus meu! Que tempos! Mais vale, agora, exclamar como Rúben Darío: "Juventude, divino tesouro que vais para não voltar, quando quisera chorar, não choro e, as vezes, choro sem querer."

Quanta dor ainda sinto ao recordar, agora, tantos amigos já mortos! Os anos passaram...

Essa era a época de brinde do Boêmio e Julio Florez; anos em que estiveram em moda Lope de Vega e Gutiérrez de Cetina.

Então, quem se queria presumir de inteligente recitava, entre taças e taças, aquele soneto de Lope de Vega que literalmente diz:

"Um soneto me manda fazer Violante, em minha vida me vi em tal aperto, catorze versos dizem que é soneto, burla, burlando vão os três adiante."

"Eu pensei que não achasse consoante e estou na metade de outro quarteto, mas, se me veio no primeiro terceto, não há coisa, nos quartetos, que me espante."

"Pelo primeiro terceto vou entrando, e ainda presumo que entrei com pé direito, pois fim com este verso lhe vou dando."

"Já estou no segundo e ainda suspeito que estou os treze versos acabando, contai se são catorze e está feito."

É ostensível que, naquele ambiente crioulo de bardos desvelados, concluíam esta classe de declamações entre gritos de admiração e salva de palmas.

Esses eram os tempos de brinde do Boêmio; anos em que os cavalheiros jogavam até a vida por qualquer dama que pela rua passasse...

Alguém me apresentou a um amigo de chispante intelectualidade, muito dado aos estudos de tipo metafísico. Roberto era seu nome e, se calo seu sobrenome, faço-o com o evidente propósito de não ferir suscetibilidades.

Rebento ilustre de um representante de seu Estado ante a Câmara Nacional daquele país.

Com a taça de fino bacará em sua destra, ébrio de vinho e de paixão, declamando, aquele bardo de cabeleira alvoroçada sobressaía em qualquer lugar, ante intelectuais, em tendas, cantinas e cafés.

Certamente, era algo digno de se admirar, naquele mancebo, a portentosa erudição que possuía; tão bem comentava Juan Montalvo e seus sete tratados, como recitava a marcha triunfal de Rúben Darío...

No entanto, havia pausas mais ou menos longas em sua vida borrascosa; às vezes, parecia arrepender-se e se encerrava longas horas, dia após dia, na Biblioteca Nacional.

Muitas vezes aconselhei-o a abandonar para sempre o abominável vício do álcool; mas, de nada serviram meus conselhos; cedo ou tarde regressava o donzelo a suas antigas andanças.

Sucedeu que, uma noite qualquer, enquanto meu corpo físico jazia dormindo no leito, tive uma experiência astral muito interessante.

Com olhos de pavor, eu me vi ante um horrendo precipício, frente ao mar; e, olhando nas trevas abismais, observei pequenas naves ligeiras de inchadas velas, acercando-se dos alcantilados.

Os gritos marinhos e o ruído de âncoras e remos permitiram-me verificar que aquelas pequenas embarcações haviam chegado à tenebrosa borda.

E percebi almas perdidas, gentes esquerdas, horripilantes, espantosas, desembarcando ameaçadoras...

Vãs sombras ascendendo até o cume, onde Roberto e eu nos encontrávamos!

Aterrorizado, o mancebo arrojou-se de cabeça, ao fundo abismal, caindo como a Pentalfa invertida e perdendo-se, definitivamente, entre as águas tormentosas.

Não posso negar que eu fiz o mesmo; mas, em vez de afundar-me entre aquelas águas do Porto, flutuei deliciosamente, enquanto, no espaço, me sorria uma estrela.

É ostensível que esta experiência astral me impressionou vivamente; compreendi o porvir que aguardava meu amigo.

Passaram os anos e eu, continuando minha viagem pela senda da vida, me afastei dessa nebulosa cidade boêmia...

Muito mais tarde, além do tempo e da distância, viajando pelas costas do Mar do Caribe, cheguei ao Porto do Rio do Hacha, hoje capital da Península Goajira. Povoado de arenosas ruas tropicais à borda do mar; pessoas hospitaleiras e caritativas de rosto queimado pelo sol...

Jamais pude olvidar aquelas índias goajiras, vestidas com tão formosas túnicas e gritando por toda parte: Caria! Caria! Carua! (Carvão).

"Piracá! Piraca! Piracá! (Venha aqui!) Exclamavam as senhoras da porta de cada casa, com o propósito de comprar o necessário combustível.

"Haita Maya!" (Eu te quero muito!) Diz o índio, quando namora a índia. "Ai macai pupura!" Contesta ela, como dizendo: dias vêm e dias vão.

Existem casos insólitos na vida, supressas tremendas; uma delas foi, para mim, o encontro com aquele bardo que antes conhecera na cidade de Bacatá.

Veio ele a mim, declamando em plena rua, ébrio de vinho... como sempre... e, para cúmulo, na mais espantosa miséria...

É ostensível que aquela luminária do intelecto se havia degenerado espantosamente com o vício do álcool.

Inúteis resultaram todos os meus esforços para tirá-lo do vício; cada dia andava de mal a pior.

Acercava-se o Ano Novo; por toda parte ressoavam os tambores, convidando o povo às festas, aos bailes que em muitas casas eram celebrados; à orgia.

Certo dia, estando eu sentado sob a sombra de uma árvore, em profunda meditação, tive que sair do meu estado estático ao escutar a voz do poeta...

Havia chegado Roberto com os pés descalços e o corpo semidesnudo; meu amigo era, agora, um mendigo; o eu do álcool o havia transformado em esmoleiro.

Mirando-me, fixamente, e estendendo sua mão direita exclamou: "Dai-me uma esmola!"

Para que queres tu a esmola? "Para reunir o dinheiro que permita comprar uma garrafa de rum."

Sinto muito, amigo; creia-me que eu jamais cooperarei para o vício. Abandone você o caminho da perdição.

Uma vez ditas estas palavras, aquela sombra se retirou, silente e taciturna.

Chegou a noite do Ano Novo; aquele bardo de melena alvoroçada revolvia-se como o porco entre o lodo, bebendo e mendigando de orgia em orgia...

Perdido por completo o juízo, sob os efeitos asquerosos do álcool, meteu-se numa rixa; algo disse e lhe disseram; e é evidente que lhe deram tremenda surra.

Depois, interveio a polícia, com o são propósito de pôr fim à sova e, como é óbvio em todos estes casos, o bardo foi parar no cárcere.

O epílogo desta tragédia, cujo autor foi, naturalmente, o eu do álcool, é, realmente, macabro e arrepiante; pois, aquele poeta morreu enforcado; dizem os que o viram que, no outro dia, o encontraram pendurado pelo pescoço nas mesmas grades do calabouço.

As pompas fúnebres foram magníficas e muita gente concorreu ao panteão, para dar o último adeus ao bardo.

Depois de tudo isto, muito pesaroso tive de continuar minha viagem, afastando-me daquele porto marítimo.

Mais tarde, eu me propus a investigar, de forma direta, o desencarnado amigo no mundo astral.

Esta classe de experimentos metafísicos se pode realizar projetando-se o Eidolon, ou duplo mágico, do qual nos falara Paracelso.

Sair da forma densa, certamente não me custou trabalho algum; o experimento resultou maravilhoso.

Flutuando com o Eidolon na atmosfera astral do planeta Terra, entrei pelas portas gigantescas de um grande edifício.

Situei-me ao pé da escadaria que conduz aos pisos altos, pude verificar uma bifurcação da escalinata ao acercar-me da base.

Clamei com grande voz, pronunciando o nome do falecido, e logo aguardei, pacientemente, os resultados...

Estes últimos, certamente, não se deixaram esperar muito; fui surpreendido por um grande tropel de pessoas que, precipitadamente, desciam por um ou outro lado da derivada escalinata.

Toda esta tropa chegou-se a mim e me rodeou; Roberto, amigo meu! Por que te suicidaste?

Sabia que todas estas pessoas eram Roberto; mas, não achava ninguém a quem me dirigir; não encontrava um sujeito responsável, um indivíduo...

Tinha diante de mim um eu pluralizado, um montão de diabos. Meu amigo desencarnado não gozava de um centro permanente de Consciência.

Concluiu-se o experimento, quando aquela legião de eus se retirou, ascendendo pela derivada escalinata.

Capítulo 16 - Pausa Magnética Criadora

A experiência da vida diária nos veio demonstrar, de forma concludente, que a excessiva excitação de luz e som embotam, lamentavelmente, os órgãos maravilhosos da vista e do ouvido.

A sábia lei das concomitâncias nos permite inferir, de forma lógica, que o contínuo intercâmbio de raios anímicos esgota tanto a alma como o corpo.

O homem, como microcosmos, requer caminhar de acordo com todos estes ritmos viventes do espaço infinito que sustêm o universo firme em sua marcha.

De igual modo que os astros, no firmamento, vão e voltam dentro de suas órbitas, sem estorvar-se mutuamente e tendo, portanto, suas proporcionais luminosidades; assim, também, marido e mulher devem proceder, unindo-se sexualmente, em forma periódica.

Ainda quando fosse impossível e que determinados cônjuges tenham recâmaras separadas, existe um remédio infalível para evitar a repleção magnética e, dado que seria muito grave calar isto, daremos a fórmula: "Coabita-se uma ou duas vezes por semana e se intenta não interromper a fluente eletricidade vital, evitando, cuidadosamente, o abominável espasmo." De Hutten são estes versos:

"É bissemanal o dever que tens para com a mulher, que nem a ti nem a mim prejudica, e cento e quatro ao ano adjudica."

Escreve Zoroastro a seus fiéis que o homem deve coabitar com a mulher cada nove dias; para isso, a mulher deve fazer ao senhor nove vezes, cada manhã, a pergunta: dize-me, dono meu, o que hoje devo fazer? Tua vontade é lei.

O sábio legislador Solon adjudicava à mulher o direito de ser coberta, pelo homem, três vezes, no curso de quatro semanas.

Aos homens que já passaram mais além dos cinquenta anos, aconselha-se-lhes, simplesmente, obedecer à pausa magnética criadora que a natureza estabelece em sua fisiologia de Eros.

Estas pessoas, ainda que queiram praticar Magia Sexual, devem saber aguardar o momento oportuno; seria absurdo violentar os órgãos sexuais ou realizar a cópula com uma ereção deficiente.

De nenhuma maneira devem preocupar-se as pessoas de idade avançada; é ostensível que a natureza também estabelece nelas seus "plus" e "minus" sexuais, suas épocas de atividade e repouso.

A pausa criadora magnética soluciona, também, o deficiente desenvolvimento dos genitais e dos Chakras, ou plexos simpáticos, abastecidos por estes.

O sábio Waldemar diz:

"No período preparatório gastam-se energias da própria massa de potência e a consequência é que, pela frequente repetição destes dispêndios, produz-se um crescente vazio interior e descontentamento."

"A pausa magnética é necessária para a reposição do consumido."

"Amiúde, entretanto, vai um partícipe tão longe, até interpretar essa pausa como deficiência em amor e desejo conjugal, obrigando, então, seu par, em morbosa vaidade, a mostrar sua complacente deferência, mediante novas ostentações de excitação."

"De maneira forçada há de dar, repetidamente, claras chamadas ao fogo sensual; ao outro não lhe fica outro remédio, pois, senão evadir-se à representação mímica de sensações não mais excitáveis, nem experimentáveis."

"Como consequência disso, vai incrementando-se o desvio anímico até que engrossem, de tal modo, a repulsão e o desespero e não são mais evitáveis veementes disputas."

"A vergonha e o ódio dos afetados aumentam o que conduz à perturbação anímica e à conversão, portanto, do matrimônio em uma maldição. O culpado se chama, aqui, desconhecimento e não emprego da pausa criadora magnética."

O intercâmbio magnético, no trato sexual, se manifesta especialmente positivo, quando marido e mulher se unem com o evidente propósito de não sobrepassar o ponto culminante sexual; quer dizer, não chegando até o orgasmo.

Então dispõem ambos, marido e mulher, de forças elétricas, sexuais, prodigiosas, com as quais podem reduzir a cinzas todos os agregados psíquicos que, em seu conjunto, constituem isso que se chama ego, eu, mim mesmo, si mesmo.

Capítulo 17 - O Desdobramento

Em se tratando de projeções do Eidolon e viagens suprasensíveis fora do corpo físico, temos muito que dizer.

Nos instantes em que escrevo estes parágrafos, vêm a minha memória acontecimentos extraordinários, maravilhosos.

Repassando velhas cenas de minha longa existência com a rigidez de um clérigo na cela, surge Eliphas Lévi.

Uma noite qualquer, fora da forma densa, andei por onde quis, invocando a alma daquele falecido que, em vida, se chamava abade Alfonso Luís Constans (Eliphas Lévi).

É óbvio que o encontrei sentado ante um velho escritório, no salão augusto de um antigo palácio.

Com muita cortesia se levantou de sua poltrona para atender, respeitosamente, a minhas saudações.

Venho pedir-vos um grande serviço, disse. Quero que me deis uma chave para sair, instantaneamente, em corpo astral cada vez que o necessite.

"Com muito gosto, respondeu o abade; porém, antes quero que me traga o senhor, amanhã mesmo, a seguinte lição: que é o mais monstruoso que existe sobre a Terra?"

Dai-me a chave agora mesmo, por favor... "Não! Traga-me o senhor a lição e, com muito gosto, dar-lhe-ei a chave."

O problema que o abade me havia proposto resultou convertido num verdadeiro quebra-cabeça; pois, são tantas as coisas monstruosas que existem no mundo que, francamente, eu não achava solução.

Andei por todas as ruas da cidade, observando, tratando de descobrir o mais monstruoso e, quando cria havê-lo achado, então, surgia algo pior; de repente um raio de luz iluminou meu entendimento.

Ah! Disse-me, já entendo. O mais monstruoso tem que ser, de acordo com a Lei da Analogia dos Contrários, o antipolo do mais grandioso...

Bem! Porém, que é o mais grandioso que existe sobre a dolorosa face deste aflito mundo?

Veio, então, a meu translúcido, a Montanha das Caveiras, o Gólgota das amarguras e o grande Kabir Jesus agonizando em uma cruz, por amor a toda humanidade doente...

Então exclamei: o Amor é o mais grandioso que existe sobre a Terra! Eureka! Eureka! Eureka! Agora descobri o segredo: o ódio é a antítese do mais grandioso.

Resultava evidente a solução do complexo problema; agora, é indubitável que devia pôr-me, novamente, em contato com Eliphas Lévi.

Projetar, outra vez, o Eidolon foi, para mim, questão de rotina; pois é claro que eu nasci com essa preciosa faculdade.

Se buscava uma chave especial, fazia-o não tanto por minha insignificante pessoa que nada vale, senão por muitas outras pessoas que anelam o desdobramento consciente e positivo.

Viajando com o Eidolon, ou duplo mágico, muito longe do corpo físico, andei por diversos países europeus, buscando o abade; mas este por nenhuma parte aparecia.

De repente, de forma inusitada, senti uma chamada telepática e penetrei numa luxuosa mansão. Ali estava o abade; porém...

Oh! Surpresa! Maravilha! Que é isto? Eliphas convertido em menino e metido em seu berço. Um caso verdadeiramente insólito. Verdade?

Com profunda veneração, muito quietinho, acerquei-me do bebê, dizendo: Mestre, trago a lição; o mais monstruoso que existe sobre a Terra é o ódio. Agora quero que cumpras o que me prometeste. Dá-me a chave...

Porém, ante meu assombro, aquele menino calava, enquanto eu desesperava sem compreender que o silêncio é a eloquência da sabedoria.

80

De vez em quando, tomava-o em meus braços, desesperado, suplicando-lhe; mas, tudo em vão! Aquela criatura parecia a esfinge do silêncio.

Quanto tempo duraria isto? Não sei! Na eternidade não existe o tempo; e o passado e o futuro se irmanam dentro de um eterno agora.

Por fim, sentindo-me defraudado, deixei o menino em seu berço e saí muito triste daquela casa vetusta e solarenga.

Passaram os dias, os meses e os anos e eu continuava sentindo-me defraudado; sentia como se o abade não tivesse cumprido sua palavra empenhada com tanta solenidade; mas, um dia qualquer, veio a mim a luz. Recordei, então, aquela frase do Kabir Jesus: "Deixai que venham os meninos a mim, porque deles é o reino dos céus."

Ah! Já entendo, disse a mim mesmo. É urgente e indispensável reconquistar a infância na mente e no coração. "Enquanto não sejais como meninos, não podereis entrar no reino dos céus."

Esse retorno, esse regresso ao ponto de partida original, não é possível sem ter, antes, morrido em si mesmo; a Essência, a Consciência está, desafortunadamente, engarrafada em todos esses agregados psíquicos que em seu conjunto tenebroso constituem o ego.

Só aniquilando tais agregados esquerdos e sombrios, pode despertar a Essência em estado de inocência primordial.

Quando todos os elementos subscientes tiverem sido reduzidos a poeira cósmica, a Essência é liberada. Então, reconquistamos a perdida infância.

Novális disse: "A Consciência é a própria Essência do homem em completa transformação, o Ser primitivo celeste."

Resulta evidente e manifesto que, quando a Consciência desperta, o problema do desdobramento voluntário deixa de existir.

Depois que compreendi, a fundo, todos estes processos da humana psique, o abade, nos mundos superiores, fez-me entrega da parte segunda da chave régia.

Certamente, foi esta uma série de mânticos sons com os quais pode uma pessoa, de forma consciente e positiva, realizar a projeção do Eidolon.

Para o bem de nossos estudantes gnósticos, convém estabelecer, de forma didática, a sucessão inteligente destes mágicos sons.

- a) Um silvo longo e delicado, semelhante ao de uma ave.
- b) Entonação da vogal "E" (eeeeeeeee), alongando o som com a nota Ré da escala musical.
- c) Cantar o "R", fazendo-o ressoar com o Si musical, imitando a voz do menino em forma aguda; algo semelhante ao som agudo de um amolador ou motor demasiado fino e sutil (rrrrrrrrrr).
- d) Fazer ressoar o "S" de forma muito delicada como um silvo doce e aprazível (sssssssss).

Esclarecimento: o ponto "a" é um silvo real e efetivo. O ponto "d" é só semelhante a um silvo.

Asana

Deite-se o estudante gnóstico na posição de homem morto: decúbito dorsal (boca para cima).

Abram-se as pontas dos pés, em forma de leque, tocando-se pelos calcanhares.

Os braços ao longo do corpo; todo o veículo físico bem relaxado.

Adormecido, o devoto, em profunda meditação, cantará muitas vezes os mágicos sons.

Elementais

Estes mantrans se encontram intimamente relacionados com o departamento elemental das aves e é ostensível que estas últimas assistirão ao devoto, ajudando-o, efetivamente, no trabalho de desdobramento.

Cada ave é o corpo físico de um elemental e estes sempre ajudam o neófito, na condição de uma conduta reta.

Se o aspirante anela a assistência do departamento elemental das aves, deve aprender a amá-las. Aqueles que cometem o crime de encerrar as criaturas do céu em abomináveis gaiolas, jamais receberão essa ajuda.

Alimentai as aves do céu; convertei-vos em libertadores dessas criaturas; abri as portas de suas prisões e sereis assistidos por elas.

Quando eu experimentei, pela primeira vez, com a chave régia, depois de entoar os mantrans, senti-me vaporoso e ligeiro como se algo houvesse penetrado dentro do Eidolon.

É óbvio que não aguardei que me levantassem da cama; eu mesmo abandonei o leito; levantei-me voluntariamente e, caminhando devagarinho, saí de casa; os elementais inocentes das aves amigas, metidos dentro de meu corpo astral, ajudaram-me no desdobramento.

Conclusão

Temos exposto, pois, no presente capítulo, os dois aspectos fundamentais da chave régia.

O pleno e absoluto desenvolvimento destas duas partes da grande chave, permitir-nos-á desdobrar-nos, à vontade, de forma consciente e positiva.

Aqueles que, de verdade, anelem converter-se em experimentadores das grandes realidades nos mundos superiores, devem desenvolver, dentro de si mesmos, os dois aspectos da grande chave.

Capítulo 18 - Intercâmbio Magnético

Em cópula química, no coito metafísico, durante o Sahaja Maithuna, experimenta-se a máxima sensação erótica aos cinco minutos.

Chamas dinâmicas, magnéticas, como ondeante mar de gás vermelho purpúreo, terrivelmente divino, rodeiam o casal durante o transe sexual.

Tremendo instante é esse em que as correntes masculinas intentam unir-se com as femininas.

Com a pausa magnética criadora, estabelecem-se ritmos sexuais harmônicos e coordenados entre o homem e a mulher. Tal pausa contém, em si mesma, dois fatores básicos:

- a) Determinado período de tempo inteligente e voluntariamente estabelecido entre cópula e cópula.
- b) Desfrute prolongado do coito metafísico sem orgasmo, espasmo e sem perda do licor seminal.

Para que o intercâmbio das forças magnéticas seja profundo, edificante e essencialmente dignificante, é urgente que os mais importantes centros do corpo façam contato de forma harmônica e tranquila.

O clitóris que se acha encaixado entre ambos os lábios pequenos da vulva, representa o ponto mais sensível do organismo feminino.

Qualquer clarividente iluminado poderá perceber as forças centrífugas magnéticas que iniciam sua marcha desde o clitóris.

É, pois, o clitóris o ponto centrífugo magnético que provê a aura da mulher de convenientes correntes de energia.

Entretanto, nós devemos estudar tudo isto não de forma parcial, senão total; seria absurdo supor que o clitóris que se encontra ante a saída vaginal, separado desta pelo canal condutor da uretra, seja o único portador e gerador da superior sensação para o sexo feminino.

Devemos pensar e compreender que também o útero e partes isoladas do interior da vagina podem ser portadoras e geradoras da máxima sensação sexual.

É inquestionável que o tecido cavernoso e os corpúsculos terminais se encontram no clitóris.

Sem tais tecidos e corpúsculos, a idoneidade fisiológica feminina e a possibilidade de alcançar a máxima sensação sexual ficariam excluídas.

Depois do contato com o varão, o clitóris, provido de corpos cavernosos, entra em ereção, como o falo masculino, inflamando-se ao par.

No instante extraordinário em que também incham os corpos cavernosos na região dos lábios da vulva, a entrada da vagina se reveste de uma espécie de acolchoado esponjoso que envolve, maravilhosamente, o falo masculino.

Quanto mais se umedece, agora, a entrada da vagina pela secreção glandular, tanto maior é a possibilidade de levar os finos condensadores magnéticos que ali se encontram situados, a uma afinidade elétrica com o falo que, na organização da tensão do corpo humano, representa, por assim dizer, o emissor primário de energia, para intercambiar uma corrente alternada físico-psíquica.

O sábio Waldemar diz: "Não o olvidemos; nosso corpo será invariavelmente tanto mais completo quanto mais desenvolvido e sob controle consciente se ache o sistema nervoso simpático."

"Quando o homem e a mulher, com o mínimo possível de movimentos, isto é, só com os que são necessários para a manutenção e prolongamento do contato, fazem da união sexual, também, uma união psíquica, só então se procurará a oportunidade de que sejam carregados de eletricidade os gânglios cérebro-espinhais que se acham ligados à glândula pineal, a soberana do corpo, e, ademais, também ao plexo solar (Plexus Coeliacus) com os numerosos plexos radiadores para fígado, intestino, rins e baço."

O abominável espasmo sexual é, certamente, um curto-circuito que nos descarrega espantosamente; por isso devemos evitá-lo sempre.

A força maravilhosa de Od se acha especificada nos diversos órgãos em qualidade diversa; assim, o melhor e mais fecundo intercâmbio magnético criador se fundamenta no seguinte procedimento revolucionário: o lado do coração do varão repousa ao lado direito da fêmea, unindo-se sua mão esquerda com a direita dela e estabelecendo contato de seu pé direito com o esquerdo da mulher.

Os órgãos sexuais podem, então, dedicar-se a uma tarefa da qual, com grande frequência, são subtraídos, ou seja, a de servir ao princípio físico da assimilação e depuração da matéria, primariamente, mediante a atuação sobre o plexo situado embaixo do diafragma (parte ventral do sistema nervoso simpático), o que é imprescindivelmente necessário, como base para o desenvolvimento da sensação mais refinada.

A cópula metafísica, com todo seu refinamento erótico, nos coloca em uma posição privilegiada, mediante a qual dispomos de forças maravilhosas que nos permitem reduzir a poeira cósmica cada uma dessas entidades tenebrosas que personificam nossos defeitos psicológicos.

Capítulo 19 - O Demônio Algol

É urgente repetir, às vezes, certas frases, quando se trata de compreender. Não é demais enfatizar aquilo que já dissemos no capítulo 15. Quero referir-me ao álcool.

Não há necessidade de discutir longamente sobre os efeitos do álcool. Seu próprio nome árabe (igual ao da estrela Algol, que representa a Cabeça da Medusa, cortada por Perseu) quer dizer, simplesmente, o Demônio...

E que seja, efetivamente, um demônio, ou maléfico espírito, quando se apossa do homem, é evidente e facilmente demonstrável por seus efeitos que vão desde a embriaguez ao "delirium tremens" e à loucura, consignando-se nos descendentes sob a forma de paralisia e outras taras hereditárias.

É inquestionável que, sendo um produto de desintegração que se origina, também, em nosso organismo, entre os que são eliminados pela pele, tem uma tendência vibratória desagregante, dissolvente e destruidora, secando nossos tecidos e destruindo as células nervosas, as que, gradualmente, se acham substituídas por cartilagens.

Resulta evidente e manifesto que o álcool tende a eliminar a capacidade de pensar independentemente (uma vez que estimula fatalmente a fantasia) e de julgar serenamente, assim como debilita, espantosamente, o sentido ético e a liberdade individual.

Os ditadores de todos os tempos, os tiranos não ignoram que é mais fácil governar e escravizar um povo de bebedores que um povo de abstêmios.

É igualmente sabido que, em estado de embriaguez, pode-se fazer aceitar a uma pessoa qualquer sugestão e cumprir atos contra seu decoro e sentido moral. É demasiado notória a influência do álcool sobre os crimes, para que haja necessidade de insistir nisso.

O álcool horrendo sobe do precipício e cai no abismo da perdição; é a substância maligna que caracteriza de forma íntima os Mundos Infernos, onde só se escutam berros, alaridos, silvos, relinchos, chiados, mugidos, grasnidos, miados, latidos, bufares, roncares e coaxares.

O abominável Algol gira incessantemente, dentro do círculo vicioso do tempo.

Insinua-se, por onde quer, sempre tentador; parece ter o dom da ubiquidade; tão logo sorri na taça de ouro e de prata, sob o teto dourado do faustoso palácio, como faz cantar o bardo melenudo da horrível taberna.

O maligno Algol é, às vezes, muito fino e diplomático; vede-o, aí, brilhando perigosamente, entre a taça resplandecente de fino bacará, que a mulher amada vos oferece!

E diz o poeta que, quando, no macio e perfumado leito de caoba, a amada, ébria de vinho, desnudar-se pretendia, o anjo da guarda saía um momento...

Todos vamos a um fim; todos temos nosso nome na ânfora fatal. Nunca bebas, eu te digo, licor maldito, porque, se o bebes, prontamente errarás o caminho.

Vinhete bem forte de Sabina, em taças pequenas beberás hoje comigo, ainda que em ânfora grega fosse ele envasilhado, que o selei eu mesmo, exclama satanás do fundo do abismo...

Em suas negras profundidades, cada demônio sua faina cumpre, apanhando vinhas até o sol vespertino; e, como a deus te chama, quando na alegre ceia chega a hora de beber o fermentado vinho.

Numen novo em seus lares, brindam-te os lavradores, com votos e libações do mosto de suas vides e sorri Algol, Medusa pérfida, gozando com sua vítima.

Jejuns, mortificações, cilícios pede o anacoreta, ou penitente, na alba ridente e, depois, tudo conclui, libando entre a bebedeira e a orgia, quando o sol, já cansado, se apaga no poente...

O que não desgasta o tempo? Já foram inferiores aos avós rudes nossos queridos pais; piores que eles somos nós; e, em melancólica decadência, entre o licor e a tragédia, nos segue uma viciosa descendência.

"Quão distinta a prole – de quão outra família! que tinge em sangue púnico os mares da Sicília, a que a Píros e Antíocos de um só lance prostrastes, e ao formidável Aníbal, porque até o fim lhe arrosta."

"Casta viril de rústicos soldados, ensinada a remover as torrões com **sabélica** enxada; gigantes obedientes a uma mãe severa, que a seu mandar carregavam, na hora derradeira."

"Do dia enormes troncos para o lar cortados, quando, soltos do jugo os bois fatigados, funde-se o sol nas sombras que a noite remansa e em amigo repouso a casa descansa."

Hoje, tudo passou; esta pobre humanidade cheia de tantas amarguras se degenerou com o vício abominável do álcool.

E quem são esses tontos que pretendem negociar com Satã? Escutai, amigos! Com o sinistro demônio algol não é possível fazer concessões, arranjos, trapanças de nenhuma espécie. O álcool é muito traiçoeiro e, cedo ou tarde, nos dá a punhalada pelas costas.

Muitas pessoas de Thelema (Vontade) bebem tão só uma ou outra taça diária; trapança maravilhosa. Verdade?

Arranjo? Favoritismo? Trapança? Gentes inexperientes da vida; certamente a elas, falando-lhes em linguagem socrática, poderíamos dizer-lhes que não só ignoram, senão, ademais, ignoram que ignoram.

Os átomos do inimigo secreto, semelhantes a microscópicas frações de vidro, com o suceder do tempo e entre tanta **melopea**, bebedeira ou embriaguez muito sutil e dissimulada, vão-se incrustando dentro das células vivas do organismo humano...

Assim, bem sabem os divinos e humanos que o Demônio Algol se apodera do humano corpo, muito astuta e lentamente, até que, por fim, um dia qualquer, nos precipita no abismo da bebedeira e da loucura.

Escutai-me muito bem, estudantes gnósticos! À luz do Sol ou da Lua, de dia ou de noite, com o Demônio Algol tendes que ser radicais! Qualquer compostura, transação, diplomacia ou negociação com esse espírito maligno está condenada, cedo ou tarde, ao fracasso.

Recordai, devotos da Senda Secreta, que o eixo fatal da roda dolorosa do Samsara é umedecido com álcool.

Escrito está, com palavras de fogo, no livro de todos os mistérios, que com o álcool ressuscitam os demônios, os eus já mortos, essas abomináveis criaturas brutais e animais que personificam nossos erros psicológicos.

Como o licor está relacionado com o Vayú Tattwa (o elemento ar), bebendo-o, cairemos como a Pentalfa invertida, com a cabeça para baixo e as pernas para cima, no abismo da perdição e de lamentos espantosos (Veja-se no capítulo 13).

O poço do abismo, do qual sobe fumo, como de um grande forno, cheira a álcool.

Essa mulher do Apocalipse de São João, vestida de púrpura escarlate e adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, e que tem, na mão, um cálice de ouro cheio de abominações e da imundice de sua fornicação, bebe álcool; essa é a grande rameira, cujo número é 666.

Desditoso o guia religioso, o sacerdote, o místico ou o profeta que cometa o erro de embriagar-se com o abominável álcool!...

Está bem trabalhar pela salvação das almas, ensinar a doutrina do Senhor; mas, em verdade vos digo que não é justo lançar ovos podres contra aqueles que vos seguem.

Sacerdotes, anacoretas, místicos, missionários que com amor ensinais ao povo, por que o scandalizais?

Ignorais, acaso, que scandalizar as pessoas equivale a faltar-lhes com o respeito, a lançar-lhes tomates e ovos podres?...

Quando ide vós compreender tudo isto?...

Capítulo 20 - A Cobiça

Viajando por todos esses países do mundo, tive de morar, por algum tempo, na cidade do conquistador Gonzalo Jiménez de Quesada, ao pé das montanhas de Monserrat e Guadalupe.

Por aqueles tempos, já muito próximos da segunda guerra mundial, foi-me apresentado, naquela cidade, um amigo, por certo, muito singular.

Sucre, chamava-se e, viajando, também tinha vindo em busca de conhecimentos universitários, de certo porto do Atlântico, até o cume andino.

Com este amigo de outros tempos, tudo foi muito curioso; até a insólita e própria apresentação.

Alguém, cujo nome não menciono, tocou, qualquer noite, na porta de minha morada, com o evidente propósito de convidar-me a uma conversa profunda com o citado amigo...

Não foi, por certo, muito formoso o lugar da reunião; uma venda de mau agouro, com um pequeno salão.

E, depois de todos os formalismos de apresentação, entramos na matéria da discussão.

Resultou evidente e manifesta a capacidade intelectual de meu novo amigo; sujeito teórico, especulativo, estudioso...

Dizia-se fundador de alguma loja de tipo teosófico e citava, com frequência, a H.P.B., Leadbeater, Annie Besant, etc.

No intercâmbio de ideias é indubitável que brilhou, fazendo exposições pseudoesotéricas e pseudo-ocultistas...

Se não tivesse sido por sua afeição ao hipnotismo e ao desejo exibicionista, aquela reunião teria terminado pacificamente, mas, eis aqui que o diabo, onde quer, mete a cauda.

Sucedeu que este amigo deu por fazer demonstrações de seu poder hipnótico; e, acercando-se de um senhor de certa idade que estava por ali, sentado perto de outra mesa, rogou-lhe, muito cortesmente, que servisse de sujeito passivo para seu experimento.

Em se tratando de questões relacionadas com a Hipnologia, não é demais enfatizar a ideia de que nem todos os sujeitos são suscetíveis de cair em transe.

Sucre, com seu eu exibicionista, é ostensível que não queria ver-se no ridículo; necessitava demonstrar seu poderio e por isso fez sobre-humanos esforços para pôr em sono hipnótico o cavalheiro.

Mas tudo foi inútil, enquanto Sucre lutava, e até sofria, aquele bom cavalheiro por dentro pensava o pior.

E, de repente, como se caísse um raio em noite tenebrosa, sucedeu o que tinha que suceder; o cavalheiro passivo saltou de seu lugar, increpando Sucre, tratando-o de ladrão, bandido, etc., etc. Mas nosso mencionado amigo, que tampouco era uma mansa ovelha, trovejou e relampejou.

E voaram mesas pelos ares, e cadeiras, e xícaras, e pratos e clamava o dono do negócio, entre aquele grande destroço, pedindo que lhe pagasse a conta.

Afortunadamente interveio a polícia e tudo ficou tranquilo; o pobre Sucre teve de empenhar sua bagagem para pagar a dívida...

Passando aquele tão desagradável descalabro, fixamos uma nova entrevista com o mencionado amigo, a qual é óbvio que foi mais tranquila; pois, Sucre não se meteu na cabeça a absurda ideia de repetir seu experimento.

Então, esclarecemos muitas ideias e conceitos de fundo esotérico e ocultista.

O amigo ingressou, mais tarde, na universidade com o propósito de fazer-se advogado e é evidente que era um magnífico estudante.

Um dia qualquer, depois de muitos anos, o mencionado amigo me convidou para uma refeição e, de sobremesa, houve uma conversa sobre tesouros escondidos; então, ocorreu-me narrar-lhe o seguinte caso:

"Dormia eu em minha recâmara – disse-lhe – quando fui, subitamente, despertado por um estranho ruído subterrâneo que corria ou circulava misteriosamente, de noroeste a sudoeste."

"Sentei-me, algo sobressaltado por tão inusitado som, para ver, do meu leito, o que estaria sucedendo."

"Então, com grande surpresa, vi que, num canto de meu dormitório, a terra se abria."

"E surgiu, como por encanto, o fantasma de uma mulher desconhecida que, com voz muito delicada, me disse: "Faz muitos anos que estou morta; aqui, neste lugar, enterrei um grande tesouro; tira-o tu; é para ti."

Ao escutar, Sucre, o meu relato de sobremesa, rogou-me veemente, levá-lo ao lugar dos fatos; e é claro que eu não quis negar-lhe este serviço...

Outra tarde, veio dizer-me que se havia posto em contato com o dono da casa –um doutor muito famoso da cidade– e me suplicou que investigasse se tal personagem era ou não, realmente, o dono de dita propriedade, pois tinha suas dúvidas.

Confesso, singelamente e com a mais inteira franqueza, que não me foi difícil realizar o desdobramento astral; simplesmente aproveitei o estado de transição entre a vigília e sono.

No instante de começar a dormir, levantei-me delicadamente do meu leito e saí à rua. É ostensível que o corpo físico ficou dormindo na cama.

Assim se realizou o desdobramento do Eidolon com pleno êxito; ainda recordo, fielmente, aquele notável experimento psíquico.

Voando, flutuando no ambiente astral do planeta Terra, andei por várias ruas, buscando o consultório médico do doutor...

Roguei ao meu intercessor elemental que me levasse a esse consultório e é ostensível que fui assistido...

Ao chegar a certa casa, conclui ser a procurada. Três degraus conduziam à fachada suntuosa de uma mansão...

Entrei por aquelas portas e me encontrei em uma sala de espera; avancei um pouco mais e penetrei, resolutamente, no consultório...

Examinei, em detalhes, o interior deste último; vi uma mesa e, sobre ela, uma máquina de escrever e algumas outras coisas; uma janela permitia ver o pátio da residência. O doutor estava sentado e em sua aura pude ver a mencionada propriedade...

Regressei a meu corpo físico muito satisfeito com o experimento; o Eidolon, certamente, é extraordinário...

Bem de manhã, veio o meu amigo conhecer o resultado de meu experimento psíquico.

Narrei-lhe, detalhadamente, tudo que havia visto e ouvido; então vi assombro no rosto de Sucre; ele conhecia tal consultório e os dados que lhe dava, resultavam exatos...

O que sucedeu depois é fácil de adivinhar; Sucre não só logrou que aquele médico lhe alugasse a casa; mas, também, e isto é o mais curioso, fê-lo seu sócio.

Por aqueles dias resolvi afastar-me daquela cidade, apesar dos rogos daquele amigo que insistia para que eu cancelasse minha viagem...

Quando regresssei, mais tarde, depois de alguns anos, àquele lugar, já tudo havia mudado, aquela casa havia desaparecido...

Então me encontrei em um terreno árido, horrível, pedregoso, espantosamente aborrecedor...

E vi instalações de alta tensão elétrica e motores de dupla bomba e máquinas de toda espécie e trabalhadores bem pagos, etc., etc., etc.

Sucre, vivendo ali mesmo, dentro de um quarto, que parecia mais uma trincheira em campo de batalha; entrava, saía, dava ordens imperantes aos trabalhadores, etc., etc., etc.

Aquele quarto estava protegido com gigantescas rochas e em seus muros se viam muitas janelinhas que podiam abrir-se ou fechar-se à vontade.

Por aqueles postigos vigiava Sucre o que passava ao seu redor. Tais mirantes lhe eram, diz, muito úteis.

De quando em quando, ao menor ruído exterior, empunhava sua pistola ou seu fuzil e, então, daquelas aberturas viam-se, de fora, já abrindo, ou fechando, ou assomando, através delas, as bocas dos fuzis ou pistolas...

Assim estavam as coisas quando eu voltei; então, meu amigo me explicou que aquele tesouro era muito cobiçado; que se tratava do famoso bezerro de ouro que tanto havia inquietado a muitas gentes da comarca e que, portanto, estava rodeado de mortais inimigos cobiçosos que haviam intentado assassiná-lo.

Valha-me Deus e Santa Maria! Disse a mim mesmo... em má hora fui eu contar a este amigo a visão do tesouro... melhor teria sido calar o bico...

Outro dia, cheio de otimismo, confessou-me que, certamente, a doze metros de profundidade, havia encontrado um boneco de barro cozido e que, dentro da oca cabeça do mequetrefe, achou o pergaminho no qual estava traçado todo o plano do tesouro.

No laboratório do doutor foi cuidadosamente tirado tal pergaminho da cabeça do fantoche; pois, com o tempo e a umidade, havia grudado demasiadamente...

De acordo com o plano, existiam, a doze metros de profundidade, quatro depósitos situados um a leste, outro a oeste, um terceiro a norte e o último para o sul...

Tal plano dava sinais preciosos e, ao final, tinha uma sentença firmada com iniciais de nome e sobrenome.

"Quem encontre meu tesouro que enterrei em poços fundos, será perseguido pela Igreja do Patrono e, antes de vinte dias, que não saibam que tirou as ganâncias que enterrei para mim."

Por esses dias, já a segunda guerra estava muito avançada; Hitler havia invadido muitos países europeus e se preparava para atacar a Rússia...

Meu amigo era germanófilo cem por cento e acreditava, muito seriamente, no triunfo de Hitler...

É claro, pois, que influenciado pelas táticas políticas de Hitler, que hoje firmava um tratado de paz com qualquer país e no outro dia o atacava, não quis trabalhar de acordo com as indicações do plano...

Sucre disse a si mesmo: "Tais indicações são um despiste... O tesouro está muitos metros abaixo do boneco; os citados quatro depósitos não me interessam..."

Assim, pois, abandonou as indicações e se foi ao fundo; quando assomei ao buraco aquele, só vi um precipício, negro, profundo, espantoso...

Amigo Sucre, disse-lhe: O senhor cometeu um erro muito grave; deixou o tesouro acima, nos quatro depósitos e foi ao fundo; ninguém enterra um tesouro a tanta profundidade...

É ostensível que tais palavras, por mim pronunciadas, levavam a fragrância da sinceridade e o perfume da cortesia...

Entretanto devemos falar sem rodeios, para dar ênfase ao eu da cobiça.

Inquestionavelmente, este último ressaltava, exorbitantemente, em meu amigo, combinando-se com a astúcia, a desconfiança e a violência.

De nenhuma maneira foi, para mim, algo insólito que Sucre, então, trovejasse e relampejasse vociferando a até endossando coisas nas quais jamais havia pensado.

Pobre Sucre!... Ameaçou-me de morte; acreditou, por um instante, que eu, disse, estava muito de acordo com seus conhecidos inimigos; talvez com o propósito de roubar-lhe o tesouro...

Depois de tudo e vendo minha espantosa serenidade, convidou-me a seu refúgio de trincheira a tomar café...

Antes de afastar-me, definitivamente, daquela hispânica cidade em outros tempos conhecida como Nova Granada, fez-me aquele amigo outra petição; suplicou-me, de todo coração, que estudasse, com o Eidolon, seu trabalho subterrâneo.

Eu também queria fazer uma exploração astral naquela fundura e por isso acedi a sua petição...

E sucedeu que, numa noite deliciosa de plenilúnio, acostei-me muito tranquilo, em decúbito dorsal (boca para cima) e com o corpo bem relaxado...

Sem preocupação alguma propus-me vigiar, espiar meu próprio sono... Queria utilizar, para minha saída astral, aquele estado de transição existente entre a vigília e letargia...

Quando começou o processo de sonolência; quando começaram a surgir as imagens próprias dos sonhos, delicadamente e como sentindo-me um espírito, fiz um esforço para eliminar a preguiça e, então, levantei-me da cama...

Saí de minha recâmara como se fosse um fantasma, caminhando delicadamente, e logo abandonei a casa...

Pelas ruas da cidade flutuava deliciosamente, cheio de uma delicada voluptuosidade espiritual...

Não me foi difícil orientar-me; prontamente estive no lugar dos acontecimentos, no terreno dos fatos...

Ante aquele buraco negro e horrível que já tinha mais de setenta metros de profundidade, um velhinho anão, um pigmeu, um gnomo de respeitável barba branca, contemplou-me inocente...

Flutuando na atmosfera, desci suavemente, até o fundo aquoso da nefasta cova de cobiças...

Tocando meus pés sidéreos no limo da terra úmida e sombria, fiz com agrado um esforço mais e penetrei no interior desta, sob o fundo mesmo do poço...

Quão suavemente descia com o Eidolon, sob o assento negro de tal antro, do qual emanara muita água!...

Examinando detalhadamente cada rocha de granito submergida sob as águas caóticas, adentrei-me muito profundamente, sob aquele subsolo.

É evidente que meu amigo de outrora havia deixado o fabuloso tesouro lá em cima como já o dissemos em parágrafos anteriores...

Agora, nestas regiões abismais, só via, ante minha insignificante pessoa, pedras, lodo, água...

Mas, de repente, algo inusitado sucede; estou ante um canal horizontal que, saindo daquele terreno, dirige-se para a rua...

Que surpresa! Sucre nada me havia falado disto; nunca me disse que em semelhantes profundidades pensara fazer uma perfuração horizontal...

Serenamente deslizei com o Eidolon, por entre o sobredito canal inundado pelas águas; avancei um pouco mais e logo saí à superfície pelo lado da rua...

Concluída a exploração astral, regressei a meu corpo físico; a investigação, obviamente, foi maravilhosa...

Mais tarde, quando comuniquei tudo isto a meu amigo, vi-o muito triste; este homem sofria o indizível; queria ouro, esmeraldas, riquezas; a cobiça o estava tragando vivo...

Entretanto, justificava-se, dizendo que todo esse tesouro o necessitava para fazer uma revolução proletária; disse que necessitava investir esse dinheiro em armamentos, etc.

Quão horrível é a cobiça!... Em tal lugar só reinava o medo, a desconfiança, o revólver, o fuzil, a espionagem, a astúcia, os pensamentos de assassinato, as ânsias de mandar, imperar, subir ao topo da escada, fazer-se sentir... etc.

Quando saí daquela cidade, tomei a resolução de jamais voltar a intervir nesses motivos de cobiça...

"Vendei o que possuíis –disse o Cristo– e dai esmola; fazei-vos bolsas que não envelheçam; tesouro nos céus que não se esgote, onde ladrão não chega, nem cupim destrói. Porque onde está vosso tesouro, ali estará, também, vosso coração."

Capítulo 21 - Traição

Um a um, com outro, de tantos entre muitos, sobressaem entre as três imundas bocas desse vil gusano que atravessa o coração do mundo, Judas, Brutus e Cassius.

Voltar às malfeitorias de Roma e topar com Brutus, assinalado com uma faca da mão de Deus; remeter-se a esses originais; saborear o caramelo venenoso, certamente, não é nada agradável; mas é urgente tirar do poço dos séculos certas recordações dolorosas.

Transpassado de angústia, sem vanglória alguma, em estado de alerta novidade, conservo, com energia, a vivente recordação daquela minha reencarnação romana, conhecida com o nome de Júlio Cesar.

Então tive que sacrificar-me pela humanidade, estabelecendo o cenário para a quarta sub-raça desta nossa quinta raça raiz.

Valha-me Deus e Santa Maria! Se algum erro muito grave cometi naquela antiga idade, foi haver-me filiado à Ordem da Jarreteira; entretanto, é óbvio que quiseram os Deuses perdoar-me...

Encimar-se até as nuvens, sobre suas amizades, não é em verdade nada fácil; e, contudo, é evidente que o logrei, surpreendendo a aristocracia romana.

Ao relatar isto não me sinto envaidecido, pois, bem sei que só o eu gosta de subir, trepar ao topo da escada, fazer-se sentir, etc. Cumpro com o dever de narrar e isso é tudo.

Quando saí para as Gálias, roguei a minha bela esposa Calpúrnia que, ao regresso, enviasse a meu encontro nossos dois filhos.

Brutus morria de inveja, recordando minha entrada triunfal na cidade eterna; entretanto, parecia olvidar, de propósito, meus espantosos sofrimentos nos campos de batalha.

O direito de governar aquele império, certamente, não me foi dado de regalo; bem sabem os divinos e os humanos o muito que sofri.

Bem que poderia salvar-me da pérfida conjuração, se tivesse sabido escutar o velho astrólogo que visitava minha mansão.

Desafortunadamente, o demônio dos ciúmes torturava meu coração; aquele ancião era muito amigo de Calpúrnia e isto não me agradava muito...

Na manhã daquele dia trágico, ao levantar-me do leito nupcial, com a cabeça coroada de lauréis, Calpúrnia me contou seu sonho; havia visto, em visão, de noite, uma estrela caindo dos céus à Terra e me advertiu, rogando-me que não fosse ao Senado...

Inúteis foram as súplicas de minha esposa. Hoje irei ao Senado, respondi de forma imperativa...

"Recorde-se que hoje uma família amiga nos convidou para um jantar nos arredores de Roma; o senhor aceitou o convite." Replicou Calpúrnia...

Não posso assistir a esse jantar, objetei. "Vais, então, deixar essa família aguardando?"

Tenho que ir ao Senado...

Horas mais tarde, em companhia de um cocheiro, marchava em carro de guerra, rumo ao Capitólio da águia romana...

Bem rápido cheguei ali, entre os vivas tremendos das excitadas multidões.

Salve César! Gritavam-me...

Alguns notáveis da cidade rodearam-me no átrio do Capitólio; respondi perguntas, esclareci alguns pontos, etc.

De repente, de forma inusitada, aparece diante de mim o ancião astrólogo, aquele que antes me havia advertido sobre os **tistilos** de Março e os terríveis perigos; entrega-me, com sigilo, um pedaço de pergaminho, no qual estão anotados os nomes dos conjurados...

O pobre velho quis salvar-me; mas tudo foi inútil; não lhe fiz caso; ademais, encontrava-me muito ocupado, atendendo a tantos ilustres romanos...

Depois, sentindo-me invencível e invulnerável, com essa atitude cesária que me caracterizava, avancei rumo ao Senado por entre as colunas olímpicas do Capitólio.

Mas, ai de mim! Os conjurados, atrás dessas heroicas colunas, espreitavam-me; o afiado punhal assassino rasgou minhas costas...

Acostumado a tantas batalhas, instintivamente tratei de empunhar minha espada; mas sinto que desmaio; vejo Brutus e exclamo: Tu também, filho meu?

Logo... a terrível Parca leva minha alma...

Pobre Brutus... o eu da inveja lhe havia devorado as entranhas e o resultado não podia ser outro...

Duas reencarnações mais tive na Roma augusta dos Césares; e, logo, muitas variadas existências com o magnífico carma, na Europa, durante a Idade Média e o Renascimento.

Em tempos do terrível inquisidor Tomás de Torquemada, eu me reencarnei na Espanha; e este é outro relato muito interessante...

Falar sobre o citado inquisidor e o Santo Ofício, certamente não resulta muito agradável; porém, isso é agora conveniente...

Eu fui, então, um marquês muito célebre que, por desgraça, teve que se pôr em contato com aquele execrável inquisidor, tão perverso como aquele outro chamado Juan de Arbuses.

Naquele tempo, eu reencontrei o traidor Brutus, reincorporado em novo organismo humano.

Que conde tão incisivo, mordaz e irônico!... Boa burla fazia da minha pessoa!... Que insultos!... Que sarcasmos!

De nenhuma maneira queria eu enfrascar-me em novas disputas; não tinha ganas de enfadar-me...

A rusticidade, a grosseria, a incultura daquele nobre me desagradava espantosamente; mas não queria censurá-lo; pareceu-me bom evitar novos duelos e, por isso, busquei o inquisidor...

Qualquer dia desses tantos, bem de manhã, dirigi-me ao palácio da Inquisição; devia buscar solução inteligente ao meu mencionado problema.

"Ó Senhor Marquês! Que milagre ver o senhor por aqui! Em que posso servi-lo?"

Assim contestou à minha saudação o monge que estava sempre à porta do palácio, onde funcionava o Santo Ofício...

Muitas graças, Sua Reverência, disse! Venho pedir-lhe uma audiência com o senhor inquisidor...

"Hoje é um dia de muitas visitas, senhor Marquês; porém, tratando-se do senhor, vou imediatamente diligenciar sua audiência."

Ditas tais palavras, desapareceu aquele frade, para reaparecer, ante mim, instantes depois...

"Passe, senhor Marquês! Consegui para o senhor a audiência." Muito obrigado, Sua Reverência!...

Atravessei um pátio e penetrei num salão o qual estava em completa escuridão; passei para outra sala e achei-a também em trevas; penetrei, por último, na terceira peça e sobre a mesa resplandecia uma lâmpada... Ali encontrei o temível inquisidor Torquemada...

Aquele cenobita parecia, certamente, um santo... Que olhar!... Que atitudes tão beatíficas!... Que poses pietistas!... Sobre o seu peito resplandecia um crucifixo.

Quantas hipocrisia (N.doE.:do espanhol: "santurronería"), Deus meu! Que dissimulação tão horripilante!... É ostensível que o eu fariseu estava bem forte nesse monge azul...

Depois de muitas saudações e reverências, de acordo com os costumes daquela época, sentei-me ante a mesa junto ao frade...

"Em que posso servi-lo, senhor Marquês? Fale o senhor!..."

Muito obrigado, Vossa Senhoria!... Sucede que o Conde fulano de tal tem feito a minha vida impossível, insultando-me por inveja, ironizando-me, caluniando-me, etc.

"Oh! Não se preocupe o senhor por isso, senhor Marquês, já contra esse Conde temos aqui muitas queixas..."

"Imediatamente darei ordens para que o capturem. Encerrá-lo-emos na torre de martírio. Arrancar-lhe-emos as unhas das mãos e dos pés e lhe poremos, nos dedos, chumbo derretido para torturá-lo; depois queimaremos suas plantas com carvões acesos; e, por último, o queimaremos vivo na fogueira..."

Porém, por Deus! Ter-se-á tornado louco esse monge? Jamais pensei ir tão longe; só buscava na casa inquisitorial uma admoestação cristã para esse Conde, no qual se haviam reincorporado aqueles valores que outrora estiveram metidos na personalidade de Brutus...

Aquele monge azul, sentado ante a mesa sacra, com esse rosto de penitente e anacoreta, em atitude pietista e o Cristo colocado no pescoço...

Aquela singular figura beatífica, tão devota e cruel, tão doce e bárbara, tão santarrona e perversa...

Aquele malvado com pele de ovelha despertou, no interior de minha Consciência, um não sei que... senti que aquilo que tenho de Bodhisattva se sublevava, protestava, gemia.

Uma tempestade íntima havia estalado em mim mesmo; o raio, o trovão não demorou em aparecer e então...

Ó Deus! Sucedeu o que tinha que suceder...

É o senhor um perverso, lhe disse! Eu não vim pedir-lhe que queime vivo a ninguém; só vim solicitar-lhe uma admoestação para esse nobre; o senhor é um assassino! Por isso é que não pertenço a sua seita, etc., etc., etc.

"Ah! Agora temos essa, senhor Marquês?..."

Enfurecido o prelado fez ressonar, com veemência, uma sonora campainha e então, como por encanto, apareceram no recinto uns quantos cavaleiros armados até os dentes...

"Prendei a este! " Exclamou o abade.

Um momento! Respeitai as regras da cavalaria; recordai que estamos entre cavaleiros, não tenho espada. Dai-me uma e me baterei com cada um de vós...

Um desses varões, fiel ao código da cavalaria, entregou-me uma espada e logo...

Saltei sobre ele como um leão; não era em vão que eu tinha fama de ser um grande espadachim... (esses eram meus tempos de Bodhisattva caído).

Como voam no ar os flocos de neve congelada ao sopro do etéreo boreal, espargiam-se, dentro daquele recinto inquisitorial, as fortes e resplandecentes armaduras, os escudos convexos, as couraças duras e as lanças de freixo.

E ascendia a Urano seu esplendor; e, certamente, ria a Terra iluminada pelo brilho do bronze e trepidando sob as plantas dos guerreiros e, no meio deles, estava eu batendo-me em dura briga com esse outro cavaleiro...

Como se destroça a ligeira nave, quando a água do mar, inflada pelos ventos que sopram com veemência desde as nuvens, a acomete, cobrindo-a por completo de espuma; enquanto o ar faz gemer a vela, assustando os marinheiros com a morte próxima; assim, o temor destroçava, em seus peitos, o coração daqueles cavaleiros que contemplavam a batalha...

Obviamente, eu era vitorioso entre o estrondoso chocar dos aços e só faltava usar a minha melhor estocada para pôr fora de combate aquele guerreiro...

Espantados os senhores ante a proximidade inevitável da terrível Parca soberana, olvidaram-se de todas as regras cavalleirescas e, então, em grupo me atacaram...

Isso, sim, não o aguardava! Foi grave, para mim, ter que defender-me de todo aquele grupo bem armado...

Tive que pelejar até ficar exausto, extenuado, vencido, pois eles eram muitos...

O que sucedeu depois é bem fácil adivinhar; fui queimado vivo na fogueira, em pleno pátio do palácio da Inquisição...

Amarrado a um poste desapiedado, sobre a lenha verde que ardia com fogo lento, senti dores impossíveis de descrever com palavras; então vi como minhas pobres carnes incineradas se desprendiam, caindo entre as chamas...

Entretanto, a dor humana, por muito grave que seja, tem, também, um limite bem definido, além do qual existe felicidade...

Não é, pois, de estranhar que por fim experimentasse certa dita; senti sobre mim algo muito agradável, como se uma chuva refrescante e benfeitora estivesse caindo do céu...

Ocorreu-me dar um passo. Quão suave o senti! Saí daquele palácio caminhando devagarinho... devagarinho... não pesava nada, estava já desencarnado.

Assim foi como vim a morrer durante aquela época espantosa da Santa Inquisição.

O Arcano catorze do Livro de Ouro (O Tarô) nos ensina como a Água da Vida passa de uma ânfora a outra...

Não é, pois, de estranhar que, depois daquela borrascosa reencarnação, com tantos títulos de nobreza que de nada me valeram ante o terrível inquisidor Tomás de Torquemada, voltasse a tomar corpo físico...

Então me chamei Simon Bleler e andei pela Nova Espanha; não é meu propósito falar, no presente capítulo, sobre essa minha nova vida, nem sobre a minha anterior existência no México porfirista de antanho; só quero referir-me, agora, à minha atual reencarnação.

O Nêmesis da vida teve que me pôr, novamente, em contato com esses valores que outrora estiveram reincorporados na personalidade de Brutus...

Eu permiti a certo cavalheiro, retorno de tais valores, fazer algum labor no templo...

Muitas pessoas o escutaram e até parecia muito cheio de sinceridade; falava sobre Gnose e as gentes o aplaudiam...

Mas, de repente, algo inusitado sucede; um dia qualquer entra no santuário com atitudes agressivas...

Soa! Troveja! Relampeja! Converte-se num insultador; eu me limito, então, a perdoar e bendizer; logo se retira ameaçando...

Aquele ego havia voltado às suas antigas andanças; outra vez suas conhecidas calúnias e ameaças...

Tais despropósitos e infusões difamantes tinham, no fundo, certos sonhos sem tom nem som, nos quais me via por caminhos muito escuros, cometendo infundáveis delitos.

Resulta evidente e manifesto que aquele espírito perverso que ele via em seus sonhos absurdos, era um "eu" criado por ele mesmo desde a antiga Roma...

Tal eu de Brutus assumia, sob seus impulsos infraconscientes, minha própria forma e figura.

Não é demais comentar que algum desses seus outros eus, assumindo certa forma jesus-cristiana, encomendara-lhe a missão de assassinar-me; assim o manifestou na praça pública...

Para libertar-me de tão ancestral inimigo, foi necessário pôr o caso em mãos de Anúbis, o Chefe dos Senhores do Carma...

Desde então, Brutus se afastou de mim, faz muito tempo que não o vejo neste mundo físico.

Do dito sobre Brutus e suas visões sonhadoras, conclui-se que ninguém, em verdade, pode converter-se em investigador competente da vida nos mundos superiores, enquanto não tenha dissolvido o eu psicológico e todos os elementos subjetivos que condicionam as percepções...

Ingrato a seus benfeitores, com muito trabalho de cavalheiro, sem dúvida, Brutus aceitou a Gnose e o Sahaja Maithuna...

Sem inibir-se no conhecimento de uma causa, mas dando as costas ao Guru (Mestre), trabalhou na Frágua Acesa de Vulcano inutilmente, porque Devi Kundalini não premia jamais a traição...

Ainda que se trabalhe muito seriamente com o Sexo-Yoga, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes jamais subiria pela espinha dorsal dos traidores, assassinos, adúlteros, violadores e perversos...

Devi Kundalini nunca se converteria em cúmplice do delito; o Fogo Sagrado ascende de acordo com os méritos do coração...

Magia Sexual é fundamental; porém, sem santidade não são possíveis os triunfos espirituais...

Brutus pensou em um Kundalini mecânico e se equivocou lamentavelmente; a Divina Mãe é muito exigente...

Para o indigno todas as portas estão fechadas, menos uma, a do arrependimento. Desafortunadamente, Brutus não quis golpear nessa porta e o Fogo Sagrado, em vez de subir por seu canal medular, precipitou-se desde o cóccix, convertendo-se no abominável órgão Kundartiguador, a cauda de satã...

Uma noite estrelada, conversando nos mundos superiores, com meu grande amigo, o resplandecente anjo Adonai, que agora tem corpo físico, tive que receber uma notícia extraordinária...

"Fulano de Tal (Brutus) –disse o Anjo– despertou no mal e para o mal."

Isto o comprovei alguns dias depois, ao encontrá-lo nos mundos superiores...

Concluiremos o presente capítulo com aquelas palavras que escutara, em êxtase, Daniel, o Profeta Eterno, e que se referem aos tempos do fim...

"E muitos dos que dormem no pó da terra serão despertados; uns, para a vida eterna e outros, para a vergonha e confusão perpétua."

"Os entendidos resplandecerão como o resplendor do firmamento; e os que ensinam a justiça à multidão, como as estrelas na perpétua eternidade."

"Porém, tu, Daniel, encerra as tuas palavras e sela o livro até o tempo do fim. Muitos correrão daqui para lá e a ciência aumentará."

Capítulo 22 - Compreensão

Em se tratando de compreender, fundamentalmente, qualquer defeito de tipo psicológico, devemos ser sinceros com nós mesmos...

Desafortunadamente, Pilatos, o Demônio da Mente, sempre lava as mãos; nunca tem culpa, jamais reconhece seus erros...

Sem evasivas de nenhuma espécie, sem justificativas e sem desculpas, devemos reconhecer nossos próprios erros...

É indispensável autoexplorar-nos para autoconhecer-nos profundamente e partir da base zero radical.

O fariseu interior é óbice para a compreensão. Presumir-se de virtuoso é absurdo...

Uma vez fiz, a meu guru, a seguinte pergunta: Existe alguma diferença entre a tua Mônada divina e a minha? O Mestre respondeu: "Nenhuma, porque tu e eu e cada um de nós não é mais que um mau caracol no seio do Pai..."

Ajuizar a outros e qualificá-los de magos negros resulta incongruente, porque toda humana criatura, enquanto não haja dissolvido o eu pluralizado, é mais ou menos negra..

Autoexplorar-se intimamente é, certamente, algo muito sério; o ego é, realmente, um livro de muitos tomos.

Em vez de render culto ao execrável demônio Algol, convém beber o vinho da meditação na taça da perfeita concentração...

Atenção plena, natural e espontânea em algo que nos interessa, sem artifício algum é, em verdade, concentração perfeita...

Qualquer erro é polifacético e se processa, fatalmente, nas quarenta e nove guardas do subconsciente...

O ginásio psicológico é indispensável; afortunadamente o temos e este é a própria vida...

A senda do lar doméstico, com seus infinitos detalhes, muitas vezes doloroso, é o melhor salão do ginásio.

O trabalho fecundo e criador, mediante o qual nós ganhamos o pão de cada dia, é outro salão de maravilhas.

Muitos aspirantes à vida superior anelam, com desespero, evadir-se do lugar onde trabalham, não circular mais pelas ruas de seu povo, refugiar-se no bosque, com o propósito de buscar a liberação final...

Essas pobres gentes são semelhantes a rapazes gazeadores que fogem da escola, que não assistem às classes, que buscam escapatórias...

Viver de instante a instante, em estado de alerta percepção, alerta novidade, como vigia em época de guerra, é urgente, indispensável, se, em realidade, queremos dissolver o eu pluralizado.

Na inter-relação humana, na convivência com nossos semelhantes, existem infinitas possibilidades de autodescobrimento.

É inquestionável, e qualquer um o sabe, que, na inter-relação, os múltiplos defeitos que levamos escondidos entre as ignotas profundidades do subconsciente, afloram sempre naturalmente, espontaneamente e, se estamos vigilantes, então os vemos, os descobrimos.

Entretanto, é óbvio que a autovigilância deve, sempre, processar-se de momento em momento.

Defeito psicológico descoberto deve ser integralmente compreendido nos distintos recôncavos da mente.

Não seria possível a Compreensão profunda sem a prática da meditação.

Qualquer defeito íntimo resulta multifacético e com diversos enlaces e raízes que devemos estudar judiciosamente.

Autorrevelação é possível quando existe compreensão íntegra do defeito que, sinceramente, queremos eliminar...

Autodeterminações novas surgem da Consciência, quando a Compreensão é unitotal...

Análise superlativa é útil, se a combinamos com a meditação profunda; então brota a labareda da Compreensão.

A dissolução de todos esses agregados psíquicos, que constituem o ego, precipita-se, se sabemos aproveitar até o "maximum" as piores adversidades.

Os difíceis ginásios psicológicos no lar ou na rua, ou no trabalho, nos oferecem sempre as melhores oportunidades.

Cobiçar virtudes resulta absurdo; melhor é produzir mudanças radicais.

O controle dos defeitos íntimos é superficial e está condenado ao fracasso.

Mudanças de fundo é o fundamental e isto só é possível compreendendo, integralmente, cada erro...

Eliminando os agregados psíquicos que constituem o mim mesmo, o si mesmo, estabelecemos, em nossa Consciência, alicerces adequados para a ação reta...

Mudanças superficiais de nada servem; necessitamos, com urgência inadiável, mudanças de fundo...

Compreensão é o primeiro; eliminação, o segundo...

Capítulo 23 - Eliminação

O coito químico subliminal origina comoções nervosas transcendentais e extraordinárias vibrações áuricas entre os muito diversos componentes do humano casal Adão–Eva.

As divinas radiações de tipo sexual têm sido qualificadas, pelos melhores tratadistas do esoterismo, como luz Ódica.

Havendo começado já a ciência a estudar a teoria astral do corpo humano, convém, para maior simplicidade, usar os termos da tradição antiga.

Aqui, o Od é, fora de toda dúvida, o brilhante magnetismo positivo ativo, dirigido pelo poder maravilhoso da vontade consciente.

Aqui, o Ob é o fluído magnético passivo, governado, muito sabiamente, pela inteligente faculdade conhecida como imaginação criadora.

Aqui, o Aur é o agente luminoso diferenciado, o Genius Lucis do anfiteatro cósmico.

Uma imagem régia que guarda sublime concordância com o magnetismo sexual de Eros, é a já conhecida do famoso Caduceu de Mercúrio, cingida de serpentes; a víbora Flamejante solar da direita representa a Od; a cobra lunar e úmida da esquerda alegoriza a Ob; no remate magnífico do misterioso caduceu, resplandece, gloriosamente, o globo de Aur ou a igualdade da Luz

Mediante o coito metafísico, o azoto e a magnésia dos antigos alquimistas, a luz astral polarizada sofre alterações notáveis.

Tais alterações íntimas influem, secretamente, sobre as relações eletroquímicas nas últimas unidades vitais do nosso organismo, para transformar sua estrutura.

Waldemar diz: "Quando os químicos nos dizem que a totalidade dos biocatalizadores de um organismo aparece como um sistema ordenado dos inferiores fatores tele-causais que se acham sob a legalidade da vida, ou seja, a serviço dos superiores objetivos do organismo, não resulta difícil completar que a formação de emoções internas, reflexos ou impulsos, depende dos fatores radio-causais da aura."

"Demos de maneira comparativa, diz Waldemar, uma olhada nas relações de elétrons e íons da substância vivente e nos aproximaremos, de maneira considerável, da compreensão do anteriormente dito."

É algo evidente e manifesto que, no instante maravilhoso do jardim das delícias, no momento delicioso em que o membro viril entra profundamente na vagina da mulher, apresenta-se uma espécie muito singular de indução elétrica.

É indubitável que, então, os fatores teleocausais da aura, sob o impulso elétrico, oferecem possibilidades surpreendentes...

Mudanças psicológicas de fundo podem surgir nas profundezas da Consciência, se sabemos aproveitar, inteligentemente, a cósmica oportunidade que se nos brinda...

Perde-se tal oportunidade de maravilhas, quando só nos propomos gratificar nossos sentidos.

Desditado, o Sansão da Cabala, que se deixa adormecer por Dalila, o Hércules da Ciência, que troca seu cetro de poder pelo osso de Onfália, sentirá, prontamente, as vinganças de Dejanira e não lhe ficará mais remédio que a fogueira do Monte Etna, para escapar dos devoradores tormentos da túnica de Neso.

Concupiscência é abominação; cair como uma besta no leito de Proscuto, equivale a perder a melhor das oportunidades.

Em vez da incontinência fatal da libido sexual, melhor é orar; escrito está, com palavras de fogo, no livro de todos os enigmas, que o coito é uma forma de oração.

O Patriarca Gnóstico Santo Agostinho disse enfaticamente: "Por que não haveremos de crer que os humanos puderam, antes da queda no pecado, dominar os órgãos sexuais, assim como os restantes membros do corpo, aos quais serve a alma, através do desejo, sem moléstia nem excitação?"

Santo Agostinho propõe a tese incontrovertível de que só atrás do pecado, ou do tabu, formou-se a libido (agitação despótica ou arbitrária, carnal ou instintiva, potência sexual incontrolada): "Após o pecado, a natureza, que antes não se envergonhava, sentiu a libido, recatou-se e se envergonhou dela, porque havia perdido a força soberana que, originalmente, oferecia a todas as partes do corpo."

O segredo da felicidade do Deus Íntimo de cada criatura consiste na relação d'Ele consigo mesmo...

O próprio estado divinal é, fora de toda dúvida, o da dita suprema, um desejo e prazer sexual que permanecem invariáveis em Eones e que procedem da relação da divindade consigo mesma...

Em último extremo, os sete cosmos, que resplandecem gloriosamente no espaço infinito, enlaçam-se sexualmente...

Por que haveria de ser exceção o microcosmo homem? Ele e Ela sempre se adoram... tu o sabes...

O prazer sexual é, pois, um direito legítimo do homem e advém, como já dissemos, da relação da divindade consigo mesma.

Com outras palavras enfatizaremos a realidade transcendental dizendo: o deleite sexual é terrivelmente divino.

Santo Alberto diz que o homem espiritual deve dirigir o comércio carnal a um objetivo moral e que uma função da sexualidade, baseada só no prazer dos sentidos, pertence aos vícios mais infamantes.

Nestes instantes, resulta oportuno recordar que aqueles troncos, ou tábuas da Lei, onde Moisés escrevera, por mandato de Iod-Heve, os preceitos luminosos do Decálogo, não são, senão, uma dupla lança das Runas, sobre cujo significado fálico devemos meditar profundamente...

O amor é o Fiat Lux do Livro de Moisés, o grande desiderato cósmico sexual, a lei divinal para todos os continentes, mares, mundos e espaços.

O Sahaja Maithuna, o Sexo-Yoga, é o fundamento diamantino e eternal do Fiat Luminoso e espermático do primeiro instante.

É inquestionável que, se empunhamos, valorosamente, a lança sexual de Eros com o são propósito de reduzir a poeira cósmica, em sucessiva ordem, a cada um dos variados elementos subjetivos que levamos dentro, brota, então, a Luz.

Dentro de cada um desses variados e pendenciadores eus gritalhões que personificam nossos erros de tipo psicológico, existe substância, Essência anímica.

Assim como o átomo, ao ser fracionado, libera energia, assim, também, a desintegração total de qualquer desses variados eus infernais libera Essência, Luz...

Devemos, pois, fabricar Luz, fazer Luz...

"Luz, mais Luz!" Gritou Goethe com todas as forças de sua alma, momentos antes de morrer.

Compreensão é básica em psicologia transcendental; mas, é óbvio que não é tudo; necessitamos eliminar.

Em Devi Kundalini, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, está a chave.

Não é possível eliminar eus-diabos (defeitos psicológicos) sem o auxílio de Devi Kundalini. Tu o sabes!...

IO, nossa Mãe Cósmica particular, é, certamente, o desdobramento maravilhoso de nossa própria Mônada divina e, ainda que careça de forma concreta, pode, se assim o quiser, assumir humana e maternal figura...

No momento supremo da entrega sexual, em pleno coito, meditai e orai, para que não caiais em tentação...

Nesses instantes de dita, rogai com todas as forças de vossa alma, suplicai à vossa Divina Mãe Kundalini, para que elimine, de vosso interior, o eu-diabo; quero referir-me ao defeito psicológico que, através da meditação profunda, haveis compreendido em todos os níveis da mente. Assim é como vamos morrendo de instante a instante. Só com a MORTE advém o novo.

Capítulo 24 - O Fogo Sagrado

O descenso à Nona Esfera (o sexo) foi, desde os antigos tempos, a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante; Hermes, Buda, Jesus, Dante, Zoroastro, Quetzalcoatl, etc., etc., etc., tiveram que passar por essa terrível prova.

Ali baixa Marte, para retemperar a espada e conquistar o coração de Vênus; Hércules, para limpar os estábulos de Áugias e Perseu, para cortar a cabeça da Medusa com sua espada Flamejante...

O círculo perfeito com o ponto mágico no centro, símbolo sideral e hermético do astro-rei e do princípio substancial da vida, da luz e da Consciência Cósmica, é, fora de toda dúvida um emblema sexual maravilhoso.

Tal símbolo expressa, claramente, os princípios masculino e feminino da Nona Esfera.

É inquestionável que o princípio ativo de irradiação e penetração se complementa, no Nono Círculo Dantesco, com o princípio passivo de recepção e absorção.

A serpente bíblica nos apresenta a imagem do Logos Criador, ou força sexual, que começa sua manifestação desde o estado de potencial latente.

O Fogo Serpentino, a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes dorme enroscada três vezes e meia, dentro do chacra Muladhara, situado no osso coccígeo.

Se reflexionamos, muito seriamente, nessa íntima relação existente entre o S e o Tau, cruz ou T, chegamos à conclusão lógica de que, só mediante o Sahaja Maithuna (Magia Sexual), pode-se despertar a Cobra Criadora.

A Chave, o Segredo o tenho publicado em quase todos os meus livros anteriores e consiste em não derramar, jamais na vida, o Vaso de Hermes (o Ens Seminis), durante o transe sexual.

Conexão do Lingam-Yoni (falo-útero) sem ejacular nunca esse vidro líquido, flexível, maleável (o Ens Seminis), porque nessa supra dita substância que os fornicários derramam miseravelmente, encontra-se, em estado latente, todo o Ens Virtutis do Fogo.

OM, obediente à Deusa que lança uma serpente adormecida no Swayambhulingam e, maravilhosamente ornada, desfruta do amado e de outras belezas. Acha-se presa pelo vinho e irradia com milhões de raios. Será despertada, durante a Magia Sexual, pelo Ar e pelo Fogo, com os mantrans YAM e DRAM e pelo mantram HUM (o H soa aspirado como no inglês, ou como o J espanhol).

Cantai estes mantrans nesses preciosos instantes em que o falo esteja metido dentro do útero; assim despertará a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes.

I.A.O é o mantram básico fundamental do Sahaja Maithuna; entoai cada letra em separado, prolongando seu som, quando estejais trabalhando no Laboratorium Oratorium do Terceiro Logos (em plena cópula metafísica).

A transmutação sexual do Ens Seminis em energia criadora é um legítimo axioma da sabedoria hermética.

A bipolarização desse tipo de energia cósmica, dentro do organismo humano, foi, desde os antigos tempos, analisada muito cuidadosamente nos colégios iniciáticos do Egito, México, Grécia, Índia, Pérsia, etc.

O ascenso milagroso da energia seminal até o cérebro faz-se possível graças a certo par de cordões nervosos que, em forma de oito, desenvolve-se esplendidamente, à direita e à esquerda da espinha dorsal.

Chegamos, pois, ao Caduceu de Mercúrio, com as asas do Espírito maravilhosamente abertas...

O mencionado par de cordões nervosos jamais poderia ser encontrado com o bisturi; estes dois fios são bem mais de natureza etérica, tetradimensional.

Não há dúvida de que estas são as duas Testemunhas do Apocalipse de São João, as duas Olivas e os dois Candelabros que estão diante do Deus da Terra.

No país sagrado dos Vedas, este par de nervos é, classicamente, conhecido com os nomes sânscritos de Idá e Pingalá; o primeiro se relaciona com a fossa nasal esquerda e o segundo, com a direita.

É obvio que o primeiro destes dois "nádís" é de natureza lunar; é ostensível que o segundo é de tipo solar.

A muitos estudantes gnósticos pode surpreender um pouco quem sendo Idá de natureza fria e lunar, tenha suas raízes no testículo direito.

A muitos discípulos do nosso Movimento Gnóstico Internacional poderá cair como algo insólito e inusitado a notícia de que, sendo Pingalá de tipo exclusivamente solar, parta, realmente, do testículo esquerdo.

Entretanto, não devemos surpreender-nos, porque, tudo na natureza se baseia na lei das polaridades.

O testículo direito encontra seu polo oposto, precisamente, na fossa nasal esquerda.

O testículo esquerdo acha seu antipolo perfeito na fossa nasal direita.

A fisiologia esotérico-gnóstica ensina que, no sexo feminino, as duas Testemunhas partem dos ovários.

É indubitável que, nas mulheres, a ordem deste par de Olivas do Templo se inverte harmoniosamente.

Velhas tradições que surgem, como por encanto, da noite profunda de todas as idades, dizem que, quando os átomos solares e lunares do sistema seminal fazem contato no "tribeni", próximo do osso coccígeo, então, por indução elétrica, desperta uma terceira força de tipo mágico; quero referir-me ao Kundalini, o fogo místico do Arhat gnóstico, mediante o qual podemos reduzir a poeira cósmica o ego animal.

Escrito está, nos velhos textos da sabedoria antiga, que o orifício inferior do canal medular, nas pessoas comuns e correntes, encontra-se hermeticamente fechado; os vapores seminais o abrem, para que a Cobra Sagrada penetre por ali.

Ao longo do canal medular, processa-se um jogo maravilhoso de variados canais que se penetram e se compenetraram mutuamente, sem se confundir, porque estão situados em distintas dimensões.

Não é demais recordar o glorioso Sushumna e o famoso Chitra, e o Centralis e o Brahmanadi; é inquestionável que por este último ascende o fogo flamífero.

Em se tratando da verdade, devemos ser muito francos; certamente é uma espantosa mentira atrever-se a dizer que, depois de haver encarnado o Jivatma (o Ser) no coração, a Serpente Sagrada empreenda a viagem de retorno até ficar, novamente, encerrada no chacra Muladhara.

É uma horrível falsidade afirmar, ante Deus e ante os homens, que a Serpente Ígnea de Nossos Mágicos Poderes, depois de haver gozado sua união com Paramashiva, separe-se cruelmente, iniciando a viagem de retorno para o centro coccígeo.

Tal regresso fatal, tal descenso até o Muladhara só é possível, quando o Iniciado, em pleno coito, derrama o sêmen; então perde a espada Flamejante e cai fulminado ao abismo, sob o raio terrível da Justiça Cósmica.

O ascenso do Kundalini, ao longo do canal medular, realiza-se muito lentamente, de acordo com os méritos do coração. Os fogos do cárdias controlam o desenvolvimento milagroso da Serpente Sagrada.

Devi Kundalini não é algo mecânico, como muitos supõem; a Serpente Ígnea só desperta com o amor autêntico entre esposo e esposa; nunca subiria pelo canal medular dos adúlteros.

Em um passado capítulo deste livro, algo dissemos sobre os três tipos sedutores: Don Juan Tenório, Casanova e Diabo.

É óbvio que o terceiro destes resulte, certamente, o mais perigoso; não devemos, pois, estranhar que esta classe de sujeitos –tipo Diabo– com o pretexto de praticar o Sahaja Maithuna, seduzam muitas ingênuas damas.

É bom saber que, quando Hadit, a Serpente Alada de Luz, desperta, para iniciar sua marcha ao longo do canal medular espinhal, emite um som misterioso, muito similar ao de qualquer víbora que é cutucada com um pau.

O tipo Diabo, esse que seduz aqui, lá e acolá, com o pretexto de trabalhar na Nona Esfera, esse que abandona sua esposa, porque diz que já não serve para o trabalho na Frágua Acesa de Vulcano, em vez de despertar o Kundalini, despertará o abominável órgão Kundartiguador.

Certo iniciado, cujo nome não menciono neste tratado, comete o erro de atribuir ao Kundalini as sinistras qualidades do abominável órgão Kundartiguador.

É ostensível que tal erro está causando danos muito graves entre os círculos pseudoesotéricos e pseudo–ocultistas.

É urgente, inadiável compreender que, de modo algum, é possível eliminar todos esses eus pendenciadores e gritalhões que levamos dentro, se não apelamos ao auxílio da Kundalini.

Aquele iniciado que cometeu o delito de pronunciar–se, em malfadada hora, contra o Kundalini, é óbvio que será devidamente castigado pelos Juizes da Lei da Katância (quero referir–me aos Juizes do Karma Superior, ante os quais comparecem os Mestres da Loja Branca).

Em nome Disso que não tem nome, digo: O Kundalini é a Dúada Mística, Deus–Mãe, Ísis, Maria, ou, melhor dizendo, RAM–IO, Adônia, Insoberta, Reia, Cibeles, Tonantzin, etc., o desdobramento transcendental de toda Mônada divinal, no fundo profundo de nosso Ser.

Analisando raízes, esclareço: a palavra Kundalini vem de dois termos: Kunda e Lini

KUNDA nos recorda o abominável órgão Kundartiguador.

LINI, palavra atlante que significa fim.

KUNDA–LINI: fim do abominável órgão Kundartiguador.

É óbvio que, com o ascenso da Flama Sagrada pelo canal medular, chega a seu fim o órgão das abominações, conclui a força fohática cega.

Tal Fohat negativo é o agente sinistro em nosso organismo, mediante o qual, o ideoplástico se converte nessa série de eus que personificam nossos defeitos psicológicos.

Quando o Fogo se projeta para baixo, desde o chacra coccígeo, aparece a cauda de satã, o abominável órgão Kundartiguador.

O poder hipnótico do órgão dos conciliábulos tem, pois, adormecidas e embrutecidas as multidões humanas.

Aqueles que cometem o crime de praticar o tantrismo negro (Magia Sexual com ejaculação seminal), é ostensível que despertam e desenvolvem órgão de todas as fatalidades.

Aqueles que atraíam o Guru, ou Mestre, ainda que pratiquem tantrismo branco (sem ejaculação seminal), é óbvio que porão em atividade o órgão de todas as maldades.

Tal poder sinistro abre as sete portas do baixo ventre (os sete chacras infernais) e nos converte em demônios terrivelmente perversos.

Capítulo 25 - A Pérola Seminal

Ao chegar a este capítulo da Mensagem de Natal 1971–1972, não é demais enfatizar algo muito penoso que pudemos verificar através de muitíssimos anos de constante observação e experiência.

Quero referir-me, sem rodeios, à mitomania, tendência muito marcada entre pessoas afiliadas a diversas escolas de tipo metafísico.

Sujeito aparentemente muito simples, da noite para o dia, depois de umas quantas alucinações, convertem-se em mitômanos.

Inquestionavelmente, tais pessoas de psique subjetiva quase sempre logram surpreender muitos incautos que, de fato, se fazem seus seguidores.

O mitômano é como um paredão sem alicerce; basta um leve empurrão, para convertê-lo em miúdo sedimento.

O mitômano crê que isto de ocultismo é algo assim como soprar e fazer garrafas e, de um momento para o outro, declara-se Mahatma, Mestre Ressurrecto, Hierofante, etc.

O mitômano tem, comumente, reclamações impossíveis; sofrem, invariavelmente, disso que se chama delírios de grandeza.

Essa classe de personagens costuma apresentar-se como reencarnação de Mestres ou de heróis fabulosos, legendários, fictícios.

Entretanto, é claro que estamos dando ênfase sobre algo que merece ser explicado.

Centros egóicos da subconsciência animalesca que, nas relações de intercâmbio, seguem determinados grupos mentais, podem provocar, mediante associações e reflexos fantásticos, algo assim como espíritos que, quase invariavelmente, são só formas ilusórias, personificações do próprio eu pluralizado.

Não é, pois, estranho que qualquer agregado psíquico assuma forma jesus-cristiana, para ditar falsos oráculos...

Qualquer destas tantas entidades, que, em seu conjunto constituem isso que se chama ego, pode, se assim o quiser, tomar forma de Mahatma ou Guru e, então, o sonhador, ao voltar ao estado de vigília, dirá de si mesmo: "Estou autorrealizado! Sou um Mestre!"

Deve-se observar a respeito que, de todos os modos, no subconsciente de toda pessoa, acha-se latente a tendência à tomada de partido para a personificação.

Este é, pois, o clássico motivo pelo qual muitos gurujis asiáticos, antes de iniciar seus discípulos no magismo transcendental, previnem-nos contra todas as formas possíveis de autoengano.

Um monge foi visitar Te Shan que lhe fechou a porta no nariz. O monge golpeou a porta e Te Shan perguntou: "Quem é?" O monge contestou: "O Filhote de Leão." Então Te Shan abriu a porta e saltou sobre o pescoço do monge, enquanto gritava: "Animal! Onde irás agora?" O monge não contestou nada.

O termo filhote de Leão é empregado por budistas Zen para designar um discípulo que é capaz de entender a Verdade Zen. Quando os mestres elogiam o entendimento de um discípulo, ou querem prová-lo, costumam empregar este termo.

Neste caso, o monge chama-se a si mesmo, presunçosamente, Filhote de Leão; porém, quando Te Shan o prova, tratando-o como um verdadeiro Filhote de Leão, quando trepa em seu pescoço e lhe faz uma pergunta esotérica, então o monge não sabe contestar.

Isto é a prova de que o monge carecia do autêntico entendimento que pretendia possuir.

Tal monge era, de fato, um homem de Consciência adormecida, um equivocado sincero, um mitômano.

Um dia, no monastério de Nan Chuan, os monges da ala oriental tiveram uma peleja com os da ala ocidental pela posse de um gato. Todos acudiram a Nan Chuan, para que oficiasse de juiz.

Brandindo uma faca em uma mão e o gato na outra, Nan Chuan disse: "Se algum de vós pode acertar em dizer o que há para dizer, o gato se salvará; do contrário, cortá-lo-ei em dois." Nenhum dos monges soube dizer nada.

Então Nan Chuan matou o gato.

Essa noite, quando Chao Chou voltou ao monastério, Na Chuan lhe perguntou que teria dito no caso de haver estado presente. Chao Chou tirou as sandálias de palha e as pôs sobre a cabeça e se afastou. Então Nan Chuan comentou: "Oh! Se tivesses estado aqui, o gato se teria salvo."

É óbvio que Chao Chou era um homem de Consciência Desperta, um autêntico iluminado.

Não é possível despertar Consciência, objetivá-la totalmente, sem haver, previamente, eliminado os elementos subjetivos das percepções.

Tais elementos infra-humanos são formados por toda essa multiplicidade de eus pendenciadores e gritalhões que, em seu conjunto, constituem o ego, o mim mesmo.

A Essência, engarrafada entre todas essas entidades subjetivas e incoerentes, dorme profundamente.

A aniquilação de cada uma dessas entidades infra-humanas é indispensável para liberar a Essência.

Só emancipando a Essência, consegue-se seu despertar; então advém a iluminação.

Os iogues indostânicos intentam despertar Consciência por meio do Kundalini; desafortunadamente, não ensinam a didática, o procedimento.

Dizem que, quando o Kundalini dorme enroscado dentro do chacra Muladhara, o homem está desperto neste vale de lágrimas e isso é cem por cento falso, porque o humanoide intelectual, onde quer que se encontre, seja no mundo físico ou nas dimensões superiores da natureza, sempre está adormecido.

Dizem que, quando o Kundalini desperta, o homem dorme nesta terra de amarguras, perde a Consciência do mundo e penetra em seu corpo causal; tal afirmação resulta, no fundo, utópica por dois motivos:

- 1) O bípede tricerebrado ou tricentrado, equivocadamente chamado homem, sempre está adormecido aqui e agora e não somente perdeu a Consciência planetária, senão, ademais –e isto é o pior– continua degenerando-se.
- 2) O animal racional não tem corpo causal; deve fabricá-lo mediante a Alquimia Sexual na Frágua Acesa de Vulcano.

O mais importante princípio é que, quando o Kundalini desperta, cessa como um poder estático e se transforma numa potência dinâmica.

Aprender a manejar o poder ativo do Kundalini é urgente para despertar Consciência.

Em pleno coito químico, devemos dirigir, inteligentemente, o raio do Kundalini contra esses demônios vermelhos (eus), dentro dos quais, desgraçadamente, acha-se a Essência, a Consciência.

O caçador que quer caçar dez lebres ao mesmo tempo, não caça nenhuma; assim também o gnóstico que, de forma simultânea, anela eliminar vários eus, fracassa lamentavelmente.

O trabalho esotérico, encaminhado a dissolver qualquer defeito psicológico, resulta um verdadeiro quebra-cabeça chinês; não só devemos compreender, previamente, o defeito em questão, em todos e cada um dos níveis subconscientes da mente, senão, ainda, eliminar cada um dos eus que o caracterizam.

A todas as luzes ressalta com inteira claridade meridiana que necessitamos muito longos e pacientes trabalhos para eliminar qualquer defeito psicológico.

Muitos aspirantes que chegaram, neste mundo tridimensional de Euclides, à castidade absoluta, fracassaram lamentavelmente, nos mundos suprassensíveis, quando foram submetidos à prova, demonstraram, com fatos contundentes e definitivos, que eram fornicários e adúlteros.

Qualquer defeito psicológico pode desaparecer da zona intelectual e continuar existindo nas diversas regiões subconscientes.

Alguém poderia ser uma pessoa honrada neste mundo físico e até em quarenta e oito zonas subconscientes e, não obstante, falhar na quadragésima nona.

Agora devem refletir nossos amados leitores e compreender o difícil que é o Despertar Consciência, converter-se em Filhote de Leão, entender a Verdade Zen, experimentar o Tao.

Não é tão fácil Despertar Consciência. É necessário liberar a Essência, tirá-la de seus habitáculos subconscientes; destruir tais habitáculos; transformá-los em pó. Este é um processo gradativo, muito lento, penoso, difícil.

Conforme a Essência vai se liberando, a porcentagem de Consciência vai aumentando.

Os humanoides intelectuais, equivocadamente chamados homens, possuem, em verdade, tão só uns três por cento de Consciência; se tivessem sequer uns dez por cento, as guerras seriam impossíveis sobre a face da terra.

A Essência primigênia que se libera ao iniciar-se o processo do morrer, é inquestionável que se converte na Pérola Seminal, esse ponto matemático da Consciência, citado pelo Evangelho do Tao. Assim se inicia o Mistério do Áureo Florescer.

O mitômano se presume de iluminado, sem haver liberado a Essência, sem possuir, nem sequer, a Pérola Seminal.

As pessoas de psique subjetiva são utópicas cem por cento; supõem, equivocadamente, que se pode ser iluminado sem haver logrado a morte do ego de forma radical e definitiva.

Não querem entender essas pessoas que, havendo autoaprisionamento, a iluminação objetiva, autêntica é completamente impossível.

É óbvio que, quando a Essência está engarrafada no eu pluralizado, existe o autoaprisionamento.

A Essência engarrafada só funciona de acordo com seu próprio condicionamento.

O ego é subjetivo e infra-humano. É ostensível que as percepções que a Essência tenha através dos sentidos do eu pluralizado, resultem deformadas e absurdas.

Isto nos convida a compreender o difícil que é chegar à iluminação verdadeira, objetiva.

O preço da iluminação se paga com a própria vida. Na terra sagrada dos Vedas, há chelas-discípulos que, depois de trinta anos de intenso trabalho, encontram-se tão só no começo, no prólogo de seu trabalho.

O mitômano quer ser iluminado da noite para o dia; presume-se de sábio, crê-se um Deus.

Capítulo 26 - O Embrião Áureo

O Mistério do Áureo Florescer diz: "Purifica o coração, limpa os pensamentos, detém os apetites e conserva o sêmen."

"Se os pensamentos são duradouros, assim será o sêmen; se este é duradouro, assim será a força; se esta é duradoura, assim será duradouro o Espírito."

"A força dos rins se acha sob o signo da Água. Quando se agitam os impulsos, flui para baixo, é dirigido ao exterior e produz criaturas. Quando se acha dirigida para trás, pela força do pensamento, invadindo para cima, no crisol do criador, e refresca e alimenta coração e corpo, é o método do refluxo" (estas são palavras do citado texto taoísta).

Vamos, agora, transcrever outra asana tântrica do principesco autor Anangaranga. Esta é a postura Uttbia:

"O ato carnal se efetua de pé. Só os homens fisicamente muito fortes empregam esta postura."

a) "Primeiramente, situa-se um ante o outro; logo toma o homem a mulher entre os joelhos; alça-a, mantém-na no arco dos cotovelos e executa a cópula, enquanto ela segura na nuca dele."

b) "O homem alça uma perna da mulher, enquanto ela tem a outra firmemente plantada no solo. Especialmente às mulheres jovens compraz muito esta posição."

c) "Enquanto o homem se planta com as pernas um tanto abertas, a mulheres agarra com braços e pernas em seus quadris, sustendo-a ele com suas mãos de maneira que ela penda, por completo, dele."

É vital, cardinal e definitivo não ejacular, jamais na vida, o licor seminal.

É urgente fazer retornar a energia sexual para dentro e para cima, sem derramar, nunca, o Vaso de Hermes.

"Este método de refluxo, ou recorrente, realiza aquele movimento rotatório da luz pelo qual se cristalizam em uma Flor Áurea, no corpo, as forças do céu e da terra."

A força seminal dirigida para o exterior (fluindo para baixo) produz uma dissipação e rebaixamento da Consciência Espiritual."

Mediante a sublimação da vida e das forças procriadoras, pode ser alcançado o fenômeno de um renascimento: nasce o ponto do elixir vital, a Pérola Seminal, formando-se disso o Embrião Áureo, ou Puer Aeternus, o qual vem desenvolver e transformar os nossos princípios pneumáticos imortais.

O sábio autor Anangaranga ensina outra asana tântrica muito interessante que em continuação transcrevo.

Posição do Elefante

"A mulher está estendida de maneira que sua face, peito e ventre tocam a cama ou tapete. O homem se aproxima, então, por detrás e introduz o membro viril muito suavemente dentro da vulva, retirando-se antes do espasmo, para evitar a ejaculação do sêmen."

O Purushayita-Banda faz da mulher o elemento ativo, enquanto o homem permanece passivo de costas. Nesses momentos ela, colocada sobre o varão, empunha com sua mão direita o falo e o introduz dentro da vulva, iniciando, logo, o movimento erótico muito lento e delicioso, ao mesmo tempo que invoca a Kamadeva para que lhe ajude no Maithuna.

A mulher consagrada, a Suvani, sabe cerrar, mediante a vontade, todos os esfíncteres, comprimindo o Yoni até o máximo, a fim de evitar o orgasmo e a perda do licor sexual. (Assim o ensina a iniciação Tantra).

Não é demais acrescentar, em forma oportuna, o seguinte: em caso de sobrevir um espasmo, deve-se evitar a ejaculação seminal, retirando-se instantaneamente e deitando-se no solo, em decúbito dorsal (boca para cima).

Nestes instantes cerra-se as fossas nasais direita e esquerda, obstruindo-as com os dedos índice e polegar da mão direita. Procure-se reter, assim, o alento até o máximo possível. Envia-se a corrente nervosa para os esfíncteres sexuais ou portas de escape, com o propósito de evitar o derrame do Vaso de Hermes. Imagina-se que a energia seminal ascende por Idá e Pingalá até o cérebro.

As asanas tântricas, ensinadas pelos grandes iniciados na terra sagrada do Ganges, resultam maravilhosas no Sahaja Maithuna.

O coito químico, a cópula metafísica da iniciação Tantra é, realmente, transcendental.

Nestes momentos de indiscutíveis delícias paradisíacas, devemos suplicar a nossa divina Mãe Kundalini particular, pois cada pessoa tem a sua própria Serpente Ígnea, que elimine de nosso interior aquele defeito que tenhamos compreendido em todos os recôncavos da mente.

Ela, a Adorável, empunhará a lança de Eros e reduzirá a cinzas aquele eu diabo que personifica o defeito compreendido.

Assim, a Essência, de forma progressiva, irá se liberando à medida que vamos destruindo eus.

Nesta forma e desta maneira a Pérola Seminal se desenvolverá com o aumento das distintas porcentagens da Essência, até converter-se no Embrião Áureo.

É inquestionável que o Despertar da Consciência advém maravilhoso no Mistério do Áureo Florescer.

O Embrião Áureo nos confere a Autoconsciência e o Conhecimento Objetivo Transcendental.

O Embrião Áureo nos converte em cidadãos conscientes dos mundos superiores.

Capítulo 27 - A Escola Jinayana

A conquista do Ultra-Mare-Vitae, ou Mundo Superliminal e Ultraterrestre, seria algo mais que impossível se cometêssemos o erro de subestimar a mulher.

O Verbo delicioso de Ísis surge do seio profundo de todas as idades, aguardando o instante de ser realizado.

As palavras inefáveis da Deusa Neith têm sido esculpidas com letras de ouro nos muros resplandecentes do templo da sabedoria.

"EU SOU A QUE FOI, É E SERÁ; E NENHUM MORTAL LEVANTOU MEU VÉU."

A primitiva religião de Jano ou Jaino, quer dizer, a áurea, solar, e super-humana doutrina dos Jinas, é absolutamente sexual, tu o sabes.

Escrito está, com carvões acesos no Livro da Vida, que, durante a Idade de Ouro do Lácio e da Ligúria, o Rei Divino Jano ou Saturno (I.A.O, Baco, Jeová, Iod-Heve) imperou sabiamente, sobre aquelas santas gentes, tribos árias todas, ainda que de muito diversas épocas e origens.

Então, ó Deus meu!... Como em épocas semelhantes de outros povos da antiga Arcádia, podia dizer-se que conviviam felizes Jinas e homens.

Dentro do inefável idílio místico, comumente chamado Os Encantos da Sexta-feira Santa, sentimos, no fundo de nosso coração, que nos órgãos sexuais existe uma força terrivelmente divina, que a mesma pode liberar ou escravizar o homem.

A energia sexual contém, em si mesma, o arquétipo vivente do autêntico Homem Solar que deve tomar forma dentro de nós mesmos.

Muitas almas sofredoras, quiseram ingressar no Montsalvat transcendente; mas, desgraçadamente, isto é algo mais que impossível devido ao véu de Ísis ou véu sexual adâmico.

Entre a bem-aventurança inefável dos paraísos Jinas, existe, certamente, uma humanidade divina que é invisível aos sentidos dos mortais, devido a seus pecados e limitações, nascidos do abuso sexual.

Escrito está e com caracteres de fogo no grande Livro da Vida que, na Cruz Jaina ou Jina, esconde-se, milagrosamente, o segredo indizível do Grande Arcano, a chave maravilhosa da transmutação sexual.

Não é difícil compreender que tal Cruz Mágica é a mesma Suástica dos grandes mistérios.

Entre o êxtase delicioso da alma que anela, podemos e até devemos pôr-nos em contato místico com Jano, o austero e sublime Hierofante Jina que, no velho continente Mu, ensinara a Ciência dos Jinas.

No Tibet secreto, existem duas escolas que se combatem mutuamente; quero referir-me, claramente, às instituições Mahayana e Jinayana.

Em nosso próximo capítulo, falaremos sobre a primeira destas duas instituições; agora, só nos preocuparemos pela escola Jinayana.

É ostensível que o caminho Jinayana resulta, no fundo, profundamente Búdico e Crístico.

Neste Misterioso caminho encontramos, com assombro místico, os fiéis custódios do Santo Graal, ou Pedra Iniciática; quer dizer, da suprema Religião-Síntese que foi a primitiva da humanidade: a doutrina da Magia Sexual.

Jana, Swana ou Jaina é, pois, a doutrina desse velho Deus da luta e da ação, chamado Jano, o senhor divino de duas caras, transposição andrógina do Hermes egípcio e de muitos outros Deuses dos panteões Maias, Quichés e Astecas, cujas imponentes e majestosas esculturas cinzeladas na rocha viva ainda se podem ver no México.

O mito greco-romano conserva, ainda, a recordação do desterro de Jano, ou Jaino, à Itália, por haver arrojado, do céu, Cronos ou Saturno, quer dizer, a recordação legendária de seu descenso à Terra como instrutor e guia da humanidade, para dar a esta a primitiva religião natural Jina ou Jaina.

Jana, ou Jaina, é também, obviamente, a maravilhosa doutrina chino-tibetana de Dan, Chan Dzan, Shuan, Loan, Huan ou Dhyán-Choan, características de todas as escolas esotéricas do mundo ario, com raízes na submersa Atlântida.

A Doutrina Secreta, a Doutrina Jaina primitiva fundamenta-se na Pedra Filosofal, no sexo, no Sahaja Maithuna.

Doutrina Gnóstica infinitamente superior, por mais antiga, ao próprio Bramanismo, a primitiva escola Jinayana, é a da estreita senda que conduz à Luz.

Doutrina de salvação realmente admirável, da qual, na Ásia Central e na China, ficam muitíssimas recordações, como ficam também na Maçonaria Universal, onde ainda encontramos, por exemplo, a supervivência da simbólica Cruz Jaina ou Swastika (de Swan, o Hamsa, o Cisne, a Ave Fênix, a Pomba do Espírito Santo, ou Paráclito, Alma do Templo do Graal, Nous, ou Espírito, que não é senão o Ser ou Dhyani do homem).

Ainda nestes tempos modernos, todavia, podemos achar rastros, na Irlanda, desses vinte e três profetas Dijnas ou conquistadores de almas que foram enviados em todas as direções do mundo pelo fundador do Jainismo, o Rishi-Baja-Deva.

Nos instantes em que escrevo estas linhas, vem à minha memória recordações transcendentais.

Num dos tantos corredores de um antigo palácio, não importa a data, nem a hora, bebendo água com limão em taças deliciosas de fino bacarâ, junto com um grupo muito seletivo de Elohim, disse: Eu necessito descansar por um tempo entre a Felicidade; faz vários Mahamvantaras estou ajudando à humanidade e já estou cansado.

"A maior felicidade é ter Deus dentro, contestou um Arcanjo muito amigo..."

Aquelas palavras me deixaram perplexo, confuso; pensei no Nirvana, no Maha-Paranirvana, etc.

Habitando em regiões de tão intensa felicidade, poderia, acaso, alguma criatura não ser feliz? Como? Por que? Por não ter a Mônada dentro?

Cheio, pois, de tantas dúvidas, resolvi consultar o velho sábio Jano, o Deus vivente da Ciência Jinas.

Antes de entrar em sua morada, fiz, ante o Guardião, uma saudação secreta; avancei ante os vigilantes e os saudei com outra saudação e, por último, tive a dita de encontrar-me frente ao Deus Jano.

"Falta outra saudação!" Disse o Venerável. Não há melhor saudação que a do coração tranquilo. Assim respondi, enquanto, devotamente, punha minhas mãos no cárdias.

"Está bem!" Disse o Sábio.

Quando quis fazer-lhe perguntas que dissipassem minhas mencionadas dúvidas, o Ancião, sem falar nem uma só palavra, depositou a resposta no fundo de minha Consciência.

Tal resposta podemos resumi-la assim:

"Ainda que um homem habitasse o Nirvana ou qualquer outra região de ditas infinitas, se não tem Deus dentro, não seria feliz."

"Entretanto, se vivesse nos mundos infernos ou no cárcere mais imundo da Terra, tendo Deus dentro, seria feliz."

Concluiremos este capítulo dizendo: A Escola Jinayana, com seu esoterismo profundo, nos conduz pela via sexual até a encarnação do Verbo e a Liberação final.

Oremos...

Capítulo 28 - Budismo Zen

Por que a última Verdade–Prajna que o Budismo Zen quer indicar é tão indefinível, abstrata e inacessível?

Definir significa, realmente, pôr limites intelectuais a, ou declarar o sentido de uma coisa determinada.

Prender, no sentido empregado aqui, significa compreender algo e retê-lo na memória.

Como o próprio ato de definir consiste, obviamente, em encerrar algo dentro de um certo limite, será, necessariamente, finito, estreito e restrito em sua natureza; assim, também, compreender significa prender algo mentalmente. Porém, nem tudo será igualmente limitado e exclusivo.

A última Verdade–Prajna que a Escola Zen quer indicar, não pode ser, de nenhum modo, algo estreito, finito ou exclusivo; deve ser algo vasto, universal e infinito; algo que tudo inclui e alcança; algo mais além da definição e da designação.

A mesma palavra definir sugere, ostensivelmente, um dedo humano que assinala um objeto determinado; e a palavra prender sugere a mão que retém algo e não solta.

Dada esta lamentável limitação e este aferramento profundamente arraigado no racionalismo do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não é, de modo algum, surpreendente que a livre e oni-includente Verdade–Prajna se torne, realmente, algo evasivo que sempre está iludindo, misteriosamente, todo pensador.

Iluminação. Esta palavra, grandiosa em essência e em potência, usa-se, neste capítulo, para indicar, enfaticamente, a experiência mística transcendental que consiste em experimentar o Tao, a Verdade Zen, o Real.

Não é suficiente compreender algo; precisamos captar, apreender, capturar sua íntima significação.

O sexto Patriarca perguntou ao Bodhidharma: "Como é possível alcançar o Tao?" O Bodhidharma respondeu:

"Exteriormente, toda atividade cessa; interiormente, a mente deixa de agitar-se. Quando a mente se converteu num muro, então advém o Tao."

É urgente saber que o Zen japonês é o mesmo Dhyana indostânico, o Jhana Pali, o Ch An Na chinês: uma forma extraordinária do Budismo Mahayana.

É inquestionável que os estudos e práticas Zen nos permitem captar o íntimo significado dos ensinamentos budistas, preconizados pela escola Mahayana, antítese maravilhosa e complemento, por sua vez, da escola de Autorrealização Íntima Jinayana.

O Vazio Iluminador resulta impossível de descrever com humanas palavras. Não é definível ou descritível. Como disse o Mestre Zen Huai Jang: "Qualquer coisa que se diga, falhará no ponto principal."

O ensinamento budista sobre o Vazio é compreensivo e profundo e requer muito estudo antes de ser entendido.

Só na ausência do ego podemos experimentar, de forma direta, o Vazio Iluminador.

Endeusar a mente é um absurdo; porque esta, em si mesma, é tão só um calabouço fatal para a Consciência.

Afirmar que a mente é o Buda, dizer que é o Tao, resulta um disparate, porque o intelecto é tão só uma jaula para a Consciência.

A mística experiência do Vazio Iluminador se realiza sempre fora do terreno intelectual.

A iluminação budista nunca é conseguida, desenvolvendo a força mental, nem endeusando a razão; pelo contrário, logra-se desatando qualquer vínculo que nos até à mente.

Só liberando-nos do calabouço intelectual, poderemos vivenciar a dita do Vazio Iluminador, livre e inteiramente insubstancial.

O Vazio é simplesmente um termo budista claro e preciso que denota a natureza não substancial e não pessoal dos seres e um sinal de indicação do estado de absoluto desprendimento e liberdade fora do tempo e mais além da mente.

Bebei o vinho da meditação na taça deliciosa da perfeita concentração.

Capítulo 29 - As Duas Escolas

A realidade (Li, em chinês) pode ser vista de maneira repentina; porém, a matéria (Shih, em chinês) deve ser cultivada de forma progressiva e ordenada.

Em outras palavras, depois de ter chegado ao êxtase, tem que se cultivá-lo até seu completo desenvolvimento e maturidade.

Assim, o trabalho esotérico consiste em dois aspectos principais: a Visão e a Ação.

Para ter uma visão, é preciso subir até o mais alto da montanha e olhar dali; para iniciar a viagem, é preciso descer até o fundo do abismo e começar a caminhar dali.

Ainda que o Templo Zen, que é uma forma maravilhosa do Budismo Mahayana, esteja sustentado pelos dois pilares da Visão e a Ação, é ostensível que põe ênfase muito especial no primeiro.

Isto é reconhecido, claramente, pelo Guruji I Shan que disse: "Tua visão e não tua ação é o que me importa."

É por isto que os Mestres Zen põem toda ênfase no êxtase, no Samadhi, no Satori e concentram todos os seus esforços em levar diretamente seus discípulos, ou chelas, até ele.

A escola tibetana Jinayana é diferente e, ainda que suas duas colunas torais sejam, também, a Visão e a Ação, é inquestionável que põe especial solenidade na segunda e luta incansavelmente para levar os seus devotos à Nona Esfera (o sexo).

Não é demais, neste capítulo, afirmar que os aspirantes da escola Mahayana anelam, de verdade e com ânsia infinita, a experiência direta do Vazio Iluminador.

De nenhuma maneira exageramos conceitos se afirmamos com certa veemência que os discípulos da escola Jinayana trabalham, tenazmente, na Forja dos Cíclopes (o sexo), com o propósito inteligente de lograr a Autorrealização Íntima do Vazio Iluminador.

Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, por dentro e por fora e no centro, advém a experiência mística do Vazio; porém, é óbvio que, Autorrealização é algo muito diferente.

O Vazio não é muito fácil de explicar. Certamente vos digo que não é definível ou descritível.

A linguagem destes humanoides, que povoam a face da Terra, tem sido criada para designar coisas e sentimentos existentes; não é adequada para expressar aquilo que está mais além do corpo, dos afetos e da mente.

O Vazio Iluminador não é assunto de conhecer ou não conhecer; experimentá-lo diretamente é o indicado.

Visão e Ação se complementam mutuamente. As duas escolas citadas resultam indispensáveis.

Ver com lucidez infinita só é possível na ausência do ego, do mim mesmo, do si mesmo; dissolvê-lo é urgente.

Ação consciente é o resultado do trabalho progressivo na Forja dos Cíclopes (o sexo).

A Flor Áurea estabelece o equilíbrio harmônico perfeito entre a Visão e a Ação.

O Embrião Áureo, a Sublime Flor, é o embasamento extraordinário do Buda Íntimo.

Arcaicas tradições milenares dizem que existem duas classes de Budas:

a) Budas transitórios

b) Budas permanentes

É ostensível que os primeiros se encontram em trânsito, de esfera em esfera, lutando por realizar, em si mesmos, o Vazio Iluminador.

É inquestionável que os segundos são os Budas de Contemplação; aqueles que já realizaram, dentro de si mesmos, o Vazio Iluminador.

144

No estudo esotérico do Zen – forma maravilhosa da escola Mahayana – existem dois termos chineses muito interessantes: Chien e Hsing.

Utilizado como verbo, Chien significa ver ou mirar; utilizado como substantivo, significa a visão, o entendimento ou a observação.

Hsing significa a prática, a ação, o trabalho esotérico. Também se pode usar como verbo ou substantivo.

Chien, em seu sentido mais íntimo, significa todo o entendimento místico do ensinamento budista; porém, no Zen, não só denota o entendimento claro e evidente dos princípios e da Verdade–Prajna, senão que, também, implica na visão desperta que surge da Experiência Wu (Satori, Êxtase, Samadhi).

Chien, neste sentido transcendental e divinal, pode ser entendido como realidade vista ou uma visão da realidade. Ainda que isto signifique ver a realidade, não implica na posse ou no domínio da mesma.

Hsing, o trabalho fecundo e criador na Frágua Acesa de Vulcano, é fundamental quando se quer a posse e o domínio do Real.

Capítulo 30 - Homens Despertos

O monge desperto chamado Tien Jan foi visitar o Venerável Mestre Hui Chang.

Ao chegar, perguntou muito solenemente a certo asceta ajudante, se o Mestre Real estava em casa.

O místico contestou: "Sim; porém, não recebe visitas." Tien Jan disse: "Oh! O que dizes é demasiado profundo e estranho."

O anacoreta ajudante replicou: "Nem sequer os olhos do Buda o podem ver."

Então argumentou Tien Jan: "A fêmea do dragão pari um dragãozinho e a da fênix pari uma pequena fênix!" E logo se retirou.

Mais tarde, quando Hui Chang saiu da meditação em que se achava e se inteirou do que havia ocorrido em sua casa, golpeou o religioso assistente.

Quando Tien Jan se inteirou disto, fez o seguinte comentário: "Este velho merece ser chamado o Mestre Real."

No dia seguinte, Tien Jan, o homem de Consciência Desperta, voltou a visitar o Guru Hui Chang.

De acordo com os exóticos costumes orientais, quando divisou o Guru, estendeu sobre o chão sua manta (como dispondo-se a sentar-se para receber seus ensinamentos). Hui Chang disse: "Não é necessário, não é necessário."

Tien Jan retrocedeu um pouco e o Mestre Real disse enfaticamente: "Está bem, está bem."

Entretanto, de forma inusitada, Tien Jan avançou novamente uns quantos passos. Então o Mestre Real disse: "Não, não."

Entretanto, Tien Jan compreendeu tudo; deu uma simbólica volta ao redor do Hierofante e se foi.

Mais tarde, o Venerável comentou: "Muito tempo passou desde os dias dos Bem-Aventurados. As pessoas são agora muito folgadas. Dentro de trinta anos será muito difícil encontrar um homem como este."

Estranhas atitudes! Práticas telepáticas instantâneas! Intuições que relampagueiam...

Explicar tudo isto, seria como castrar o ensinamento; nossos muito amados leitores devem captar sua profunda significação.

Hui Chang possuía o Embrião Áureo; é ostensível que havia realizado, em si mesmo, o Vazio Iluminador.

Tien Jan era, também, um homem de Consciência Desperta. Alguém que, ainda que não tivesse, todavia, Autorrealizado o Vazio, possuía a Flor Áurea.

Huang Po encontrou, uma vez, um monge desperto e caminhou junto com ele. Quando chegaram próximo de um rio borrascoso que furioso se precipitava entre seu leito de rochas, Huang Po tirou, por um momento, seu chapéu de bambu e, deixando de lado seu bastão, deteve-se a pensar como poderiam passar.

Estando nestas reflexões, de repente, algo insólito sucede; o outro monge caminhou sobre as águas tormentosas do rio, sem deixar que seus pés tocassem a água; e chegou, em seguida, à outra margem.

Contam velhas tradições que se perdem na noite dos séculos que, quando Huang Po viu o milagre, mordeu os lábios e disse: "Oh! Não sabia que podia fazer isso! Se o soubesse, tê-lo-ia empurrado até o fundo do rio."

Estes poderes milagrosos são, simplesmente, os produtos naturais da verdadeira iluminação e os têm os homens despertos, aqueles que já fabricaram o Embrião Áureo na Frágua Acesa de Vulcano (o sexo).

Chang Chen-Chi nos conta o seguinte relato:

"O Mestre Zen Pu Hua havia sido ajudante de Lin Chi. Um dia decidiu que havia chegado o momento de morrer e, então, se dirigiu ao mercado e pediu ao povo que lhe desse, por caridade, uma vestimenta. Porém, quando algumas pessoas que ofereceram a vestimenta e outras roupas, ele as recusou e seguiu marchando com o bastão na mão."

"Quando Lin Chi ouviu isto, persuadiu algumas pessoas que dessem a Pu Hua um ataúde. Assim, ofereceram um ataúde a Pu Hua.

Ele sorriu e disse aos doadores: Este indivíduo, Lin Chi, é realmente mau e charlatão."

"Depois aceitou o ataúde e anunciou ao povo: Amanhã sairei da cidade pela porta do leste e morrerei em algum rincão dos subúrbios do leste."

"No dia seguinte, muita gente da cidade, levando o ataúde, escoltou-o até a porta do leste. Porém, subitamente, ele se deteve e exclamou: Oh! Não, não! Segundo a geomancia, este dia não é auspicioso. É melhor que morra amanhã, num subúrbio do sul."

"Assim, no dia seguinte, todos se encaminharam à porta do sul; porém, Pu Hua mudou, outra vez, de ideia e disse ao povo que preferia morrer no dia seguinte, no subúrbio do oeste."

"Muito menos gente foi escoltá-lo no dia seguinte. E, novamente, Pu Hua mudou de ideia, dizendo que adiava sua partida deste mundo um dia mais tarde e que, então, morreria num subúrbio do norte. Então, as pessoas se cansaram do assunto e, assim, ninguém o escoltou no dia seguinte."

"Pu Hua teve que levar, ele mesmo, o ataúde até o subúrbio do norte. Quando chegou, meteu-se no ataúde, sempre com o bastão na mão e esperou que chegassem alguns transeuntes. Então lhes pediu que pegassem o ataúde, uma vez que ele estivesse morto. Quando eles consentiram, ele se deitou e morreu."

"Então – continua dizendo Chang Chen-Chi – os transeuntes pregaram o caixão, como o haviam prometido."

"As notícias deste fato chegaram, prontamente, à cidade e as pessoas começaram a chegar aos montes. Alguém sugeriu, então, que abrissem o ataúde para dar uma olhada no cadáver; porém, ao fazê-lo, ante a sua surpresa, não encontraram nada."

"Antes de recobrar-se da surpresa, ouviram, do céu, o som familiar das campainhas do bastão que Pu Hua havia levado toda sua vida."

"No princípio a campainha era violenta, porque estava muito perto; depois se tornou mais e mais débil; até que, finalmente, desapareceu inteiramente.

Ninguém soube aonde havia ido Pu Hua."

Capítulo 31 - Goethe

Em sublime e inefável êxtase Goethe proclamava sua divina mãe Kundalini como autêntica libertadora:

"Levantai os olhos até a visão salvadora vós, todas as almas ternas arrependidas, a fim de transformar-nos, cheias de agradecimento Para um venturoso destino.

Que cada sentido purificado esteja pronto para seu serviço. Virgem, mãe, rainha, deusa, Sede propícia".

Goethe sabia que sem o auxílio de Devi Kundalini, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes, seria impossível a eliminação do ego animal. Incontestavelmente, nas relações amorosas mais conhecidas de Goethe, excluindo-se, naturalmente, a sustentada com Cristina Vulpius – foram, sem exceção alguma, de natureza mais erótica que sexual.

Disse o sábio Waldemar: "Não cremos ser demasiado dizer que em Goethe o desfrutar da fantasia era o fundamental em suas relações com as mulheres. Esforçava-se para captar a sensação de entusiástico consolo. Numa palavra, o excitante elemento musa da mulher, que lhe inflamava o espírito e o coração em absoluto devida procurar a satisfação para a sua matéria.

O apaixonado namoro que teve por Carlota Buff, Lili ou Frederica Brion – não podia desenvolver correspondentemente toda a situação sexual. Muitas histórias literárias tentam expor simplesmente até que ponto chegaram as relações de Goethe com a senhora Von Stein. Os fatos examinados abonam a ideia de que se tratou de uma correspondência ideal. Goethe não vivera, como é sabido, em completa abstinência sexual na Itália. Em seu regresso à pátria, estabeleceu rapidamente um vínculo com Cristina Vulpius, a qual nada lhe recusava, permite a conclusão que devesse carecer de algo.

Prossegue dizendo Waldemar: "Indubitavelmente Goethe amou de maneira mais apaixonada quando se achava separado do objeto de seu anseio. Só na reflexão seu amor tomava corpo e lhe insuflava ardor. Invariavelmente, quando deixava brotar de sua pena os sentimentos de seu coração para com a senhora Von Stein, estava realmente próximo dela... mais próximo do que jamais pudera estar fisicamente".

Herman Grimm diz com razão: "Sua relação com Lotte só é compreensível quando reportamos toda sua paixão às horas em que não estava com ela".

Enfatizamos que o coito dos fornicários aborrecia Goethe.

"Así que traes a mi amor un desdichado desfrute.

Llévate el deseo de tantas canciones, vuelve a llevarte el breve placer. Llévatelo y dá al triste pecho, al eterno triste pecho, algo mejor".

Que fale agora o poeta. Que diga o que sente, em verdade e poesia:

"Eu saía raramente, mas nossas cartas, – referindo-se a Frederica – eram trocada cada vez cheias de vida. Punha-me a par de circunstâncias... para tê-las presentes, de modo que tinha diante de minha alma, com afeto e paixão, seus merecimentos.

A ausência fazia-me livre e toda minha inclinação florescia devidamente só pela prática na distância. Em tais instantes podia ficar deslumbrado pelo p o r v i r " .

Em seu poema "A Felicidade da Ausência" expressa claramente sua propensão para a metafísica erótica.

"Suga, ó jovem, o sagrado néctar da flor ao longo do dia, no olhos da amada. Mas, sempre esta dita é melhor que nada, estando afastado do objeto do amor. Em parte alguma esquecê-la posso, mas se à mesa sentar-me tranquilo com espírito alegre e em toda liberdade e o imperceptível engano que faz venerar o amor e converte em ilusão o desejo".

Comentando, diz Waldemar: "O poeta não se interessava por nada – e isto deve ser consignado – nem pela senhora Von Stein, nem como ela realmente era, mas como a via através do anseio de seu próprio coração criador.

Seu anseio metafísico pelo eterno feminino se projetava de tal modo sobre Carlota que nela via à Mãe, a amada, numa palavra, como sendo o princípio universal, ou a própria ideia de Eva. Já em 1775 escrevia: "Seria um magno espetáculo ver como se refletia nesta alma o universo. Ela vê o universo tal como ele é, por certo, mediante o amor.

Entretanto Goethe pode poetizar a mulher que amava, ou seja, criar um ente ideal que correspondesse ao voo de sua fantasia, e a isto, era fiel e dedicado. Porém, quando relaxava o processo desta poetização, por sua própria culpa, ou da outra pessoa, afastava-se. Procura suas sensações erótico-poéticas até o momento em que a coisa ameaça ficar séria. Neste ponto busca refúgio na distância".

Permita-nos a liberdade de discordar de Goethe neste aspecto espinhoso de sua doutrina.

Amar a alguém à distância, prometer muito e depois parece-nos demasiado cruel. No fundo, existe fraude moral. Ao invés de apunhalar corações adoráveis, melhor é praticar o Sahaja Maithuna com a esposa sacerdotisa, amando-a e permanecendo fiel durante toda a vida.

Este homem compreendeu o aspecto transcendental do sexo, porém falhou no ponto mais delicado. Por essa razão não obteve a Autorrealização Íntima.

Goethe adorando a sua divina mãe Kundalini exclama cheio de êxtase.

"Virgem pura no mais belo sentido, mãe digna de veneração, rainha eleita por nós de condição igual aos Deuses..."

Ansiando morrer em si mesmo aqui e agora durante o coito alquímico, querendo destruir a Mefistófeles exclama:

"Flechas, transpassai-me.

Lanças, submetei-me, feri-me. Tudo desapareça desvaneça-se tudo e brilhe a estrela perene, foco do eterno amor".

Este bardo genial possuía, inquestionavelmente, uma intuição maravilhosa. Se tivesse achado o caminho secreto numa só mulher; se com essa mulher houvesse trabalhado durante toda a vida na nona esfera, obviamente teria chegado à libertação final.

Em "Fausto" expõe, com grande acerto, a fé na possibilidade da elevação do Embrião Áureo, passa por transformações íntimas extraordinárias. Seremos, então, Homens com Alma. Ao chegarmos a essas alturas, alcançamos a maestria, o adepto e nos transformaremos em membros ativos da fraternidade oculta. Não obstante, isto não significa perfeição no sentido mais amplo da palavra. Bem sabem os divinos e os humanos quão difícil é alcançar a perfeição na maestria.

Diga-se de passagem, urge saber que tal perfeição só se consegue depois que tenhamos realizado esotéricos e profundos trabalhos nos mundos: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. De todas as maneiras, a encarnação da Alma Humana ou terceiro aspecto da "Trimurti Hindustânica" conhecida

como Atman Budhi–Manas em nós, e sua mescla com o Embrião Áureo, é um evento cósmico extraordinário que nos transforma de forma radical.

A encarnação do Manas Superior em nós não implica o ingresso dos princípios átomico e búdico ao interior de nosso organismo. Este último pertence a trabalhos ulteriores sobre os quais falaremos profundamente em nosso futuro livro intitulado "As Três Montanhas".

Depois desta pequena digressão, indispensável para o tema em questão, continuaremos com o seguinte relato:

Há muito tempo sucedeu-me no caminho da vida algo insólito e inusitado. Uma noite, enquanto me ocupava em interessantíssimos trabalhos esotéricos fora do corpo físico, tive de aproximar-me com o Eidolon da gigantesca cidade de Londres. Recordo, com inteira clareza, que ao passar por certo lugar daquela urbe percebi, com místico assombro, a aura amarela resplandecente de um jovem inteligente que se encontrava postado numa esquina. Penetrei num café muito elegante daquela metrópole e sentando-me ante uma mesa, comentei o caso com uma pessoa de certa idade que lentamente saboreava numa xícara o conteúdo delicioso daquela bebida árabe. De repente algo inusitado acontece, senta-se ao nosso lado aquele mesmo jovem de resplandecente aura amarela que momentos antes tanto admirava. Após as costumeiras apresentações, fiquei sabendo que se tratava daquele que em vida escrevera "O Fausto". Era o Goethe.

No mundo astral acontecem maravilhas, fatos extraordinários e prodígios. Não é raro encontrar-se ali homens já desencarnados; personagens como Vitor Hugo, Platão, Sócrates, Danton, Mollière, etc. Assim, pois, vestido com o Eidolon, quis conversar com o Guethe fora de Londres, às margens do imenso mar. Convidei-o e ele aceitou meu convite.

Juntos, numa das praias daquela grande ilha britânica onde se encontra a capital inglesa, estávamos conversando enquanto podíamos ver algumas ondas mentais cor vermelho–sanguinolentas que flutuando sobre o furioso oceano vinham até nós. Expliquei àquele jovem de radiante aura, que ditas formas mentais provinham de uma dama que na América Latina me desejava sexualmente.

Isso não deixou de causar-nos certa tristeza.

Brilhavam as estrelas do espaço infinito. As ondas enfurecidas, rugiam e golpeavam incessantemente a arenosa praia. Conversando sobre os alcantilados do Ponto eu e ele, trocando ideias resolvi fazer–lhe à queima roupa, como se diz comumente no mundo físico, as seguintes perguntas:

- Tens novo corpo físico?
- Sim.
- Teu veículo atual é masculino ou feminino?
- Meu corpo atual é feminino.
- Em que país estás reencarnado? Amas a alguém?
- Estou reencarnado na Holanda e amo um príncipe holandês. Penso casar-me com ele em determinada data (perdoe-me, caro leitor, pois não posso mencionar a data).

Pensava que teu amor fosse estritamente universal; amar às rochas, às montanhas, aos rios, aos mares, às aves que voam, aos peixes que deslizam nas profundas águas, disse–lhe.

- O amor não é por acaso uma chispa do amor divino?

Este tipo de resposta em forma de pergunta pronunciada por aquele que em sua passada reencarnação se chamara Goethe, deixou-me perplexo. Indubitavelmente o insigne poeta me havia dito algo irrefutável e perfeitamente exato.

Capítulo 32 - A Reencarnação

O Baghavad Gita, o livro sagrado do Senhor Krishna, diz textualmente o seguinte:

"O Ser não nasce, nem morre, nem se reencarna. Não tem origem, é eterno, imutável, o primeiro de tudo e não morre quando lhe matam o corpo".

Que os nossos leitores gnósticos reflitam agora no seguinte versículo, antitético e contraditório:

"Como alguém que deixa suas vestes gastas e se coloca noutras novas assim é o Ser corpóreo. Deixa seu corpo gasto e entra noutros novos".

Dois versículos opostos do Grande Avatar Krishna. Se não conhecêssemos a chave, obviamente ficaríamos confusos.

"Ao deixar o corpo, tomando a senda do fogo, da luz, do dia, da quinzena luminosa da lua e do solstício setentrional, os conhecedores de Brahma vão a Brahma".

"O iogue que ao morrer segue pela senda da fumaça, da quinzena obscura da lua e do solstício meridional, chega à esfera lunar (o mundo astral) e logo renasce (retorna, se reincorpora)".

"Estas duas sendas, a luminosa e a escura são consideradas permanentes. Pela primeira nos emancipamos. Pela segunda, renascemos (ou retornamos)".

Declaramos, contudo, que o Ser, o senhor encarnado em alguma criatura perfeita, pode voltar, reencarnar-se.

"Quando o Senhor (o Ser) toma um corpo ou o deixa, ele se associa com os seis sentidos ou os abandona e se vai com a brisa que leva consigo o perfume das flores".

"Dirigindo os ouvidos, os olhos, os órgãos do tato, o olfato e também a mente, Ele experimenta os objetos dos sentidos".

"Os ignorantes, alucinados, não veem quando Ele toma um corpo, quando o deixa ou quando faz as experiências associando-se com as Gunas. Em compensação, os que têm os Olhos da Sabedoria O veem".

Como documento extraordinário para a doutrina da reencarnação vale pena meditar sobre o seguinte versículo de Krishna:

"Ó Bharatá! Toda vez que a religião decai e prevalece a irreligião, encarno-me novamente (reencarno-me), para proteger os bons, destruir os maus e estabelecer a religião. Reencarno-me em distintas épocas".

De todos estes versículos de Krishna deduz-se logicamente. Com inteira clareza, duas conclusões:

a) Os conhecedores de Brahma vão à Brahma e podem, se assim o quiserem, voltar, incorporar-se, reencarnar-se para trabalhar na grande obra o Pai.

b) Aqueles que não dissolvem o ego, o eu, o mim mesmo, depois da morte vão pela senda da fumaça, da quinzena escura da lua e do solstício meridional, chegam à esfera lunar e logo renascem, retornam, reincorporam-se neste doloroso vale do "Sansara".

A doutrina do Grande Avatar Krishna ensina que só os deuses, semideuses, reis divinos, titãs e devas se reencarnam.

Retorno é algo muito diferente. É inquestionável o retorno de Kalpas, Yugas, Mahamvantaras, Mahapralayas, etc.

A Lei do Eterno Retorno de todas as coisas combina-se sempre com a lei da recorrência.

Os egos retornam incessantemente para repetirem dramas, cenas, acontecimentos, aqui e agora. O passado se projeta no futuro através do beco do presente.

A palavra reencarnação é muito exigente e não deve ser usada de qualquer maneira. Ninguém poderia reencarnar-se sem antes haver eliminado o ego, sem Ter de verdade uma individualidade sagrada.

Reencarnação é uma palavra muito venerável. Significa de fato, reincorporação do Divinal em um homem.

Reencarnação é a repetição desse acontecimento cósmico numa nova manifestação do Divino. De forma alguma estamos exagerando ao enfatizarmos a transcendental ideia de que a reencarnação só é possível para os Embriões Áureos que já lograram em qualquer ciclo de manifestação a união gloriosa com a Superalma.

Seria um absurdo confundir a reencarnação com o retorno. Seria cair num desatino da pior espécie, afirmar que o ego, legião de eus tenebrosos, sinistros e esquerdos pudessem reencarnar.

160

Capítulo 33 - Retorno

Afirmamos claramente que três formas humanas vão ao sepulcro:

- a) O corpo físico (o cadáver);
- b) O corpo vital (ou ligam sarira);
- c) A personalidade.

Qualquer um sabe que a forma densa desintegra-se gradativamente dentro da sepultura. O corpo vital (ou ligam sarira) flutua diante do sepulcro, qual fantasma fosforescente, às vezes tornando-se visível para determinadas pessoas. Entretanto, desintegra-se lentamente, paralelamente ao corpo físico.

Interessante, para os clarividentes, é a terceira forma, ou seja, a personalidade energética.

Seria um desatino enfatizar a possibilidade de reencarnação para a personalidade. Esta é filha de seu tempo, nasce em seu , tempo inexistindo qualquer amanhã para a personalidade do morto.

Devemos dizer, em nome da verdade, que a personalidade se forma durante os primeiros sete anos da infância e se robustece com o tempo e as experiências. Após a morte do corpo carnal a personalidade vai ao sepulcro. Contudo, costuma escapar do mesmo e perambular pelo cemitério.

Nossa compaixão também deve estender-se até essas personalidades descartadas, que têm feito do sepulcro sua morada. Os povos antigos não ignoravam estas coisas, por isso, colocavam dentro da tumba de seus entes queridos, alimentos e objetos relacionados com o extinto. Tais coisas têm sido verificados por muitos arqueólogos ao descobrirem túmulos antigos, sarcófagos, nichos, moradas...

As flores e as visitas dos parentes alegram muito às personalidades descartadas. O processo de desintegração de tais personalidades costuma ser espantosamente lento.

No momento em que escrevo estas linhas veem-me à memória a lembrança de meus companheiros tombados no campo de batalha, durante a revolução mexicana. É indubitável que suas personalidades sepulcrais saíram das tumbas para receber-me, quando os visitei em um antigo cemitério. Obviamente reconheceram-me e interrogaram-me sobre minha existência e forma de vida no presente.

Devi Kundalini, a Rainha consagrada de Shiva, nossa divina Mãe Cósmica Particular, individual, assume em cada criatura, cinco aspectos místicos transcendentais, que urge enumerar:

- a) A Imanifestada Prakriti.
- b) A casta Diana, Ísis, Tonantzin, Maria, ou melhor, Ram-íu.
- c) A terrível Hékaté, Prosérpina, Coatlique, rainha dos infernos e da morte, terror de amor e lei.
- d) A Mãe Natura particular, individual, criadora e artífice de nosso organismo físico.
- e) A Maga Elemental a quem devemos todo o impulso vital, todo instinto.

A bendita Deusa Mãe Morte tem poder para castigar-nos quando violamos a lei. Tem também o poder para tirar-nos a vida. Ela é tão só uma faceta magnífica de nossa deidade mística, uma forma esplêndida de nosso próprio Ser. Sem o seu consentimento nenhum anjo da morte se atreveria a romper o fio da vida, o cordão de prata, o Antakarana.

Aquilo que continua além do sepulcro é o Ego, o Eu, o Mim Mesmo, certa soma de Eus–Diabos que personificam nossos defeitos psicológicos.

Normalmente, esses agregados psíquicos agem no mundo astral e mental. Raras são as essências que conseguem emancipar–se de tais elementos subjetivos, por algum tempo, para gozarem umas férias no mundo causal, antes do retorno a este vale de lágrimas.

Por esses tempos tenebrosos do Kaly–Yuga, a vida celeste entre a morte e o novo nascimento se torna cada vez mais impossível. A causa de tal anomalia consiste no robustecimento do Ego Animal. A essência de cada pessoa está demasiadamente engarrafada pelo Eu Psicológico.

Os egos normalmente submergem dentro do reino mineral, nos mundos infernos, ou retornam de forma imediata ou mediata em um novo organismo.

O Ego continua na semente de nossos descendentes. Retornamos incessantemente para repetirmos sempre os mesmos dramas, as mesmas tragédias.

162

Devemos insistir nisto: nem todos os agregados psíquicos conseguem tal retorno humano. Realmente muitos "eus–diabos" se perdem pelo fato de submergirem dentro do reino mineral, ou continuarem reincorporando–se em organismos animais, ou se aferram ou aderem resolutamente a determinados lugares.

164

Capítulo 34 - Fecundação

É inquestionável que os ovários emitem um óvulo a cada vinte e oito dias que é recolhido numa das trompas de falópio e conduzido, sabiamente, ao útero dos prodígios, onde deve encontrar-se com o gérmen masculino (zoosperma), se é que uma nova vida há de começar.

O Sahaja-Maithuna, o Sexo-Ioga, com todas as suas asanas tântricas e seu famoso Coitus Reservatus, se que bem limita a quantidade de fecundações, não é, de modo algum, óbice para algumas concepções.

Qualquer zoosperma maduro pode escapar, durante o Sahaja Maithuna, para realizar a fecundação.

Resulta interessante que dos seis ou sete milhões de zoospermas que qualquer profano comum e corrente perde num coito, tão só um afortunado espermatozoide logrará penetrar no óvulo.

É ostensível que o zoosperma fecundante capaz de entrar no óvulo possui uma força maior.

Não está demais enfatizar a ideia de que a dinâmica do zoosperma fecundante deve-se à Essência que regressa para reincorporar-se.

Resulta, pois, manifestadamente absurdo derramar o Vaso de Hermes, perder vários milhões de zoospermas, quando, na realidade, só é necessário um espermatozoide fecundante.

Os gnósticos criamos com o poder de Kriyashakti, o poder da vontade e da Ioga. Jamais, na vida, derramamos o Vao do Mercúrio Sáfico.

Não há na vida força mais impelente na sua expressão que o esforço que fazem os germes masculino e feminino, para se encontrar.

O útero é o órgão sexual feminino em que se desenvolve o feto, o vestíbulo deste mundo onde a criatura se prepara para o seu advento.

Foi-nos dito, com grande acerto, que é possível escolher e determinar, voluntariamente, o sexo da criatura; isto é possível quando a lei do carma o permite.

Na imaginação de todo homem existe sempre o protótipo vivente de uma beleza ideal feminina...

Na imaginação de toda mulher não deixa sempre de existir algum príncipe azul; isso está já demonstrado...

Se, no instante do coito, predomina o anelo masculino, o fruto do amor será fêmea...

Se, no momento preciso da cópula, ressalta o anelo feminino, a criatura será macho...

Baseados neste princípio, podemos formular assim: se ambos, Adão-Eva, se põem de acordo para criar, é óbvio que podem determinar, voluntariamente, o sexo da criatura.

Se, no instante transcendente da cópula química, marido e mulher, em mútuo acordo psicológico, anelarem, de verdade, um filho varão, o resultado manifesto seria um menino.

Se, no momento maravilhoso do coito metafísico, ele e ela quiserem, ardentemente, uma filha, o resultado seria menina.

Escrito está, com carvões acesos nas páginas do Livro da Vida, que toda concepção se realiza sob as influências cósmicas da Lua em Câncer.

A morte e a concepção encontram-se intimamente relacionadas. Os extremos se tocam. A senda da vida é formada pelas marcas dos cascos do cavalo da morte.

Os últimos instantes do agonizante acham-se associados às delícias eróticas dos casais que se amam...

No último segundo da vida, no momento preciso em que exalamos o final alento, transmitimos, ao futuro organismo que nos aguarda além do tempo e da distância, certo desenho cósmico particular que vem a cristalizar-se no óvulo fecundado...

É por meio do cordão de prata – o famoso Antakarana – que ficamos conectados com o zoosperma fecundante.

166

Não é demais afirmar que a Essência só vem a penetrar no corpo físico, no instante em que fazemos nossa primeira inalação.

168

Capítulo 35 - Beleza

Waldemar diz : " É demasiado conhecido o susto de gravidez da mulher para que nos estendamos muito sobre o particular. Consigna as especiais agitações de ânimo que obram sobre o terno fruto que se acha no ventre materno. Porém, de maneira singular, jamais se teve bastante em conta que imensa importância tem uma influência psíquica sobre o feto."

"Já uma simples sugestão de objetos pode acarretar uma transformação física do mesmo; assim, uma mulher deu a luz, faz algum tempo, num hospital berlinês, a um monstro que tinha orelhas e focinho de cachorro e pelo de besta. Entre os meus conhecidos ocorreu o caso de que, visitando, com frequência, o zoo durante sua gravidez, a esposa de um industrial de Chemnitz, pois ela gostava muito dos filhotes de leoa, deu à luz a um par de gêmeos com cabeças leoninas e garras; ambas as criaturas estavam desprovidas de inteligência humana e morreram nas idades de onze e doze anos respectivamente."

"De grávidas que tiveram um susto de rato, têm-se ouvido, amiúde, que o recém-nascido tinha uma mancha, ou nódoa, semelhante à pele do rato, exatamente no lugar onde sua mãe havia levado a mão no momento do susto."

"Na antiguidade, continua dizendo Waldemar, extraía-se a correspondente consequência do susto das mulheres; podia produzir resultados negativos, mas, também, positivos. Assim nos manifesta Oppian que as mulheres de Esparta davam a luz a criaturas extraordinariamente belas e bem constituídas, porque tinham à vista, em seus dormitórios, estátuas de Apolo, Jacinto, Narciso e os Dióscuros e, ademais, desfrutavam, durante sua gravidez, da música de harpas e de flautas."

"Também se impunha aos maridos espartanos que, durante a gravidez de suas mulheres, não mostrassem jamais um semblante carrancudo ou mal humorado, senão sempre satisfeito. Heliodoro conta que de um casal de cônjuges, espantosamente feios, nasceu um rebento extraordinariamente formoso, porque a mãe teve sempre diante de si, em seu dormitório, uma maravilhosa estátua de tamanho natural de Adônis. Também o tirano de Chipre, mal conformado e feio, foi, não obstante, pai de garotinhos surpreendentemente lindos, porque ornou o dormitório com radiantes figuras de divindades."

"No curso da História ocorreu, repetidamente, que as mulheres levantaram suspeitas de infidelidade, devido a seu susto de gravidez."

"A esposa de pele escura do também pele escura Hydaspo, chamada Persina, deu a luz, ao cabo de dez anos de matrimônio estéril, a uma filha completamente branca. Em seu desespero, porque o marido não acreditaria em sua inocência e a acusaria de trato com estranho, abandonou a criatura. Pôs-lhe o nome Charikleia."

"E sucedeu que voltou a achá-la ao cabo de muitos anos. Ditosa, declarou, então, à sua filha: Como, ao nascer, foste branca, cuja cor contradiz a natureza dos etíopes, reconheci eu mesma a causa. Nos braços de meu esposo havia eu visto a imagem de Andrômeda desnuda, quando a raptou Perseu das rochas e, por isso, tu obtiveste essa cor. Em seguida, Persina confessou a seu esposo que tinha uma filha; fez pôr a imagem de Andrômeda junto a Charikleia e, com efeito, a semelhança era desconcertante. Hydaspo se deixou convencer admirado e o povo, fora de si de júbilo, cumulou aos três de beneplácitos."

"Também um crítico de espírito tão penetrante como Lessing manifesta, muito expressivamente, que, em especial, as artes plásticas, à par do infalível fluxo que têm sobre o caráter da nação, são capazes de uma ação que precisa um controle mais próximo do Estado. Se belos seres criam belas estátuas, estas obram de novo sobre aqueles e o Estado há de agradecer às belas estátuas os belos cidadãos. Entre nós, a delicada imaginação da mãe só parece exteriorizar-se em monstros."

Necessário é regressar ao ponto de partida original e cultivar, com singular anelo, a beleza do espírito...

A recâmara nupcial deve converter-se no templo da arte; ela é, em si mesma, o centro magnético do amor...

As mulheres de santa predestinação não devem perder, jamais, a capacidade de assombro...

Contemplai, ó Filhas de Vênus! As divinais esculturas de vossa habitação, a fim de que o fruto de vosso amor seja realmente belo...

Criai belezas, eu vos digo, em nome do amor e da verdade... Sede felizes, bem amadas! Sede ditosas com vossas criações...

170

A alcova nupcial é o Santuário de Vênus; não o profaneis, jamais, com pensamentos indignos.

172

Capítulo 36 - Inteligência

A procriação mágica, esotérica, sem ejaculação seminal, a impregnação ideoplástica do feto, deveria ser animada pelo inteligente desejo de procurar para o rebento as melhores propriedades características e a possibilidade de uma vida longa, cheia de luz e de vida...

O momento oportuno para engendrar filhos sãos e inteligentes acha-se na curva da vida ascendente, na qual a Essência maravilhosa do infante, portada pelo grande respirar do Sol, na jubilosa ressurreição da Grande Natureza, será reincorporada no geral florescer da Vida Universal.

Escrito está, com palavras de fogo, que a potência da ação e da energia psíquica e física é alcançada na procriação mágica, de maneira muito especial, no quarto crescente de maio e na hora da saída do Sol.

Os chamados filhos da noite nupcial, ou aqueles desventurados que foram engendrados após copiosos banquetes e bebedeiras, são portadores de valores anímicos muito inferiores...

Os neurastenóides, aqueles que sofrem de complexos de todo tipo, os covardes, misantropos, esquizofrênicos, masoquistas, assassinos de todo tipo, bêbados empedernidos, homossexuais, lésbicas, embotados, rombudos, imbecis e idiotas que, ademais, acrescentam à sua asquerosa tara, um corpo doentio e deformado, procedem de azaradas coabitações abomináveis ou bem da concorrência de enfermidades venéreas...

A procriação incontrolada de criaturas no instante da embriaguez, inconsciência, amiúde sob o influxo depravado do álcool, opera como uma maldição, em gerações posteriores...

Só quando vivem Adão-Eva em um estado autoenaltecedor, edificante e essencialmente dignificante, produz-se aquele intercâmbio de força anímicas, através de cada célula que, realmente, logram engendrar um filho do sol, uma formosa criatura física e animicamente ditosa...

É propriamente inconcebível que o homem, como pecuarista ou jardineiro, cuida com maior esmero de produzir os melhores exemplares de animais e os frutos e plantas mais belos, fragrantos e matizados, mediante a seleção e cruzamento dos mais seletos produtos e sementes, exclua, em geral, na própria geração de sua espécie, aquelas precauções, diligência e atenção.

A qualidade do sêmen se encontra intimamente associada à potência imaginativa; quando se comete o crime de derramar este elixir maravilhosos, empobrece-se a faculdade criadora, o translúcido, a imaginação; então, já não é possível manter, com igual frescor na mente, qualquer bela imagem que pudéssemos usar para dar vida e forma a uma resplandecente criatura.

Platão, que em seu "Banquete", denomina à doutrina da beleza os mistérios de Eros, define o amor como a apetência divina, conferindo ao homem um Grande Poder Universal que logra entusiasmar o coração para criar filhos sãos e belos...

Sabido é que, mensalmente, durante a fase da lua cheia, desprende-se um óvulo do ovário da mulher, o qual causa hemorragia. Isto se chama menstruação.

O óvulo não fecundado por nenhum zoosperma abandona, ao cabo de uns dias, o útero e começa um novo ritmo vital.

Foi-nos dito que, no lugar em que o óvulo se desprende, forma-se o chamado corpo amarelo, o qual é infinitesimal.

Este é o fruto maravilhoso que possui a preciosa substância de potência nervosa, da qual obtém todo o seu corpo uma consequência energizante e estruturadora.

A corrente sanguínea, assim como todas as células vitais, são então, por assim dizer, carregadas eletricamente de novo.

Quanto mais casta seja a mulher, quanto mais transmute e sublime a energia sexual, tanto mais se produz nela uma reanimação física e anímica.

É indubitável que, quanto mais espasmos e orgasmos tenha, produzir-se-á uma diminuição da secreção interna estruturadora. Os valiosos núcleos orgânicos das glândulas genitais não poderão, então, transformar-se naquela substância etérica de tecido sutil que outorga, às células do corpo físico, tensão e renovação e virá a velhice prematura e as enfermidades.

Também o mais longo ou mais curto ritmo respiratório da mãe determina, no parto, a qualidade do primeiro respirar da criatura; com este ritmo de respiração fará afluir a si do mundo e devolver-lhe gosto e desgosto, valor e futilidade.

A cega paixão, no ato carnal, gera desordenados redemoinhos eletromagnéticos que, como oscilações vitais herdadas, provocam uma dissonância tão grande nas células da criatura, que não pode abrir brechas para a parte positiva da influência paterna...

É ostensível que, havendo Castidade Científica, Beleza e Amor, será impregnado o óvulo fecundado por alguma Essência muito desenvolvida e o resultado será, então, um filho ou filha com ricos valores anímicos.

Capítulo 37 - A Lei do Karma

Em se tratando de experimentos metafísicos transcendentais, assevero que tenho ficado plenamente satisfeito com o uso inteligente do Eidolon. Sem me vangloriar com certas descobertas de ordem esotérica, simples e humildemente relatarei um certo e notável acontecimento íntimo.

Certa noite, encontrando-me fora da forma densa, aconteceu que a mestra Litelantes e eu resolvemos entrar em contato com o Templo do Zodíaco.

É evidente, e qualquer um pode compreender, que encontrar tal santuário aqui no mundo tridimensional de Euclides é algo impossível. Por essa razão não é de se estranhar que para este tipo de investigação experimental utilizássemos o Eidolon. Não quero, de forma alguma, fazer alarde de sábio. Proponho-me, apenas, a esclarecer que esse contato foi maravilhoso.

O Sancta Sanctorum Zodiacal resplandece virginal e gloriosamente entre os ritmos ardentes do Mahavan e o Chotavan que sustentam o universo firme em sua marcha. Templo cósmico, Basílica de luz zodiacal com doze santuários. Caso sideral do divino... Sublime igreja circular de irresistíveis encantos. Santas opostos, que entre si se completam, situados frente a frente.

Projetando-nos no futuro, além de nossa presente reencarnação, Litelantes penetrou resolutamente no Sancta da brilhante constelação de Libra. No umbral desse templo havia uma efígie com semelhança de anjo. Com uma das mãos sustentava a Balança da Justiça Cósmica e com a outra empunhava a Espada. Litelantes, avançando alguns passos no interior do sacro recinto deteve-se finalmente, situando-se sobre uma venerável pedra.

– Vais continuar com libra?

– Sim!

– Mas veja que a pedra dessa constelação é muito fria. – Não importa, respondeu a iniciada.

Como esta dama-adepto prepara-se atualmente para cumprir missão muito especial com corpo masculino, é óbvio que a constelação de Libra lhe será muito favorável, principalmente quando seu trabalho se der no terreno das leis. De minha parte, cheio de profundo recolhimento e veneração, adentrei resolutamente no Sancta sublime da constelação de Leão. O umbral daquele templo resplandecia adornado com um par de luzentes leões de ouro puro. Estático, deitei-me, silenciosamente, ficando em decúbito dorsal, sobre delicioso divã, cujos braços em forma de leão resplandeciam. Minha intenção era aguardar dentro daquele santuário os sublimes Alcontes do Destino. É certo que eles manipulam o Antakarana (o fio da vida) conectando-o ao zoosperma fecundante. Todo ser vivente, ao morrer, leva para além da morte o átomo semente de seu corpo físico. Os senhores do Karma depositam tal átomo no zoosperma fecundante, a fim de que possamos reincorporar.

O extremo do Fio Magnético está unido a tal átomo. Qualquer criatura, durante o sono normal sai do corpo para viajar, muitas vezes, a remotas distâncias. O Fio da Vida se alonga até o infinito e sempre nos permite regressar ao corpo físico. Ao morrer, os Anjos da Morte cortam esse fio prateado. Neste caso, é óbvio, não podemos regressar ao corpo físico.

Adiantamo-nos no templo, não ignorava nada disto e pacientemente aguardava os Senhores da Lei. Ansiava reencarnar-me sob a constelação de Leão. Mas, refletindo um pouco, disse a mim mesmo: que faço aqui? Devo aguardar ordens de meu Pai. Além disso, me foi dito que durante esse Mahamvantara não tornarei a ter mais corpo físico.

Assim reflexionando, levantei-me e deixei aquele lugar sagrado. É evidente que os mestres podem escolher à vontade o signo zodiacal sob o qual vão reencarnar-se.

No templo zodiacal, dentro do Sancta escolhido, os iniciados aguardam os Senhores do Karma, com o propósito de se relacionarem psiquicamente com o zoosperma fecundante que, navegando entre as águas da vida há de conduzi-los ao mundo físico, sob a regência da constelação escolhida.

Para os budhatas (essências) inconscientes do vale doloroso do Samsara, tudo é diferente. Desencarnam sem sabê-lo e reincorporam-se automaticamente, sob qualquer signo. Neste problema de retorno não existe injustiça. Os Mestres do Karma escolhem o signo zodiacal daqueles que dormem.

Quando inalamos o ar pela primeira vez, este vem impregnado pela estrela que há de governar nossa nova existência. No livro maravilhoso do zodíaco está escrito o destino de toda criatura que volta ao mundo.

Paga-se Karma não só pelo mal que se faz, mas também pelo bem que se deixa de fazer, quando se pode fazer. Cada má ação é uma duplicata que assinamos para pagar na existência seguinte. A lei de ação e consequência governa o curso das nossas variadas existências. Cada vida, pois, é o resultado da anterior.

Compreender integralmente as bases e modus operandi da Lei do Karma é indispensável para orientar o barco de nossa vida, de forma positiva e edificante.

Um grande Mestre da Boa Lei, trajando com alva vestimenta de linho aproximou-se muito tranquilo e deu-me o seguinte ensinamento:

"Quando uma lei inferior é transcendida por uma lei superior, a lei superior lava a inferior".

Durante os processos esotéricos iniciáticos do fogo tive de compreender, plenamente, os seguintes postulados:

"Ao Leão da Lei se combate com a Balança. Quem tiver capital com que pagar, paga e sai bem nos negócios. Quem não tem com que pagar, deve pagar com dor. Faça boas obras para que pagues suas dívidas."

É possível conseguir créditos com os Mestres do Karma e isto é algo que muitos ignoram. Contudo, é urgente saber que todo débito se deve cancelar com boas obras ou com suprema dor.

Eu devia karma de vidas anteriores e fui perdoado. Já tinha sido anunciado um encontro especial com minha Divina Mãe Kundalini. Sabia muito bem que ao chegar a determinado grau esotérico, seria conduzido à sua presença. Finalmente, chegou o ansiado dia. Fui levado até Ela. Um Adepto da Fraternidade Oculta tirou-me do corpo físico no Eidolon e levou-me ao templo. Vi, no muro do sancta um misterioso obelisco no qual resplandecia uma madona terrivelmente divina: era minha mãe.

Ajoelhado, prostrado em profunda adoração chorei, clamei, supliquei. Aquela Madona desprende-se do obelisco e veio ao meu encontro, como síntese maravilhosa da sabedoria, do amor e do poder. É impossível explicar com palavras humanas o que senti nesses instantes de êxtase. Nela estava representado o melhor de todas as mãezinhas que tive em minhas várias reencarnações. Contudo, é óbvio que ela ia mais longe, devido às suas infinitas perfeições.

Em um par de cômodas poltronas sentamo-nos frente a frente, muito juntos, filho e mãe. Algo tinha que pedir e falei com uma voz que assombrou a mim mesmo.

– Peço-Te que me perdoes todos os meus delitos cometidos em vidas anteriores, porque Tu sabes que hoje em dia seria incapaz de cair nos mesmos erros.

– Meu filho, eu sei, respondeu minha Mãe Divina, com voz de paraíso, cheia de infinita ternura.

– Nem por um milhão de dólares voltaria a repetir meus erros, continuei dizendo...

– O que são dólares, meu filho? Por que dizes isto? Por que falas assim? – Perdoa-me minha Mãe, o que acontece é que lá no mundo físico, vão e ilusório onde vivo, fala-se assim...

– Compreendo, meu filho, respondeu.

Com estas palavras da adorável me senti reconfortado.

– Agora, minha Mãe, peço-te que me bendigas e me perdoes, exclamei cheio de suprema beatitude.

Terrível foi aquele momento em que minha Mãe, de joelhos, com infinita humildade, abençoou-me dizendo:

– Meu filho, está perdoado.

– Permita-me que beije teus pés, minha Mãe, exclamei. Ó Deus! Ao depositar o ósculo místico em

Seus pés divinais, descobri determinado símbolo, equivalente ao do sagrado lava-pés da última ceia. Evidentemente captei, de forma intuitiva, o profundo significado daquele símbolo.

Já havia dissolvido o Eu Pluralizado nas regiões minerais de nosso planeta terra, mas devia seguir morrendo nos infernos da Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano e Netuno. Mais tarde, depois de haver investigado determinado erro muito lamentável de minha reencarnação passada, estive a ponto de ser atropelado por um carro do Distrito Federal (capital do México). É inquestionável que se previamente não tivesse sido perdoado o meu karma teria ido parar no cemitério ou no hospital.

Quando tive em minhas mãos o livro de meu próprio destino – pois cada pessoa tem o seu – encontrei suas páginas em branco. As contas pendentes haviam sido apagadas por minha divina Mãe Kundalini. Apenas em determinada página achei o nome de uma montanha onde mais tarde deverei viver.

– Isto é algum karma? Perguntei aos Senhores da Lei.

– Não é karma, (ouvi como resposta). Ireis viver ali, para o bem da grande causa.

Contudo, isto não é obrigatório, me é concedida a liberdade de escolher.

Já não devo o karma humano comum e corrente, mas é claro que devo pagar impostos aos Senhores da Lei. Tudo tem um preço e o direito a ter um corpo físico e de viver neste mundo tem que ser pago. Os Adeptos da Fraternidade Oculta pagamos com boas obras.

É possível negociar com os Senhores da Lei através da meditação. Orai, meditai, e concentraí-vos em Anúbis, o Regente máximo da Boa Lei.

Para o indigno todas as portas estão fechadas, menos uma: a do arrependimento.

"Pedi e dar-se-vos-á. Batei e abrir-se-vos-á".

Capítulo 38 - A Lei da Recorrência

Com uma série de insólitos relatos quero explicar agora o que é a Lei da Recorrência. Esta lei nunca foi para mim algo novo ou estranho. Em nome d'Isso que é o divinal devo afirmar que essa pragmática regra só a conheci através de minhas inusitadas vivências. Dar fé de tudo aquilo que realmente temos experimentado de forma direta é, fora de dúvida, um dever para com os nossos semelhantes. Jamais pretendi-me esquivar intelectualmente, dessa múltipla variedade de lembranças relacionadas com minhas três precedentes existências e o que corresponde a minha vida atual.

Para o bem da Grande Causa, pela qual estamos lutando intensamente, prefiro assumir as responsabilidades, pagar e confessar abertamente meus erros, ante o veredicto solene da consciência pública. Declaro, com sinceridade, que na Espanha fui o marquês Juan Conrado, terceiro grande senhor da província de Granada. Essa era a época dourada do famoso Império da Espanha.

O cruel conquistador Hernan Cortez, pérfido como nenhum outro, havia atravessado com sua espada o coração do México, enquanto o desumano Pizarro, no Peru, fazia com que fugissem cem mil virgens.

Muitos nobres e plebeus aventureiros e perversos embarcavam para a nova Espanha em busca de fortuna. É lógico que eu, de modo algum podia ser uma exceção. Numa simples caravela, frágil e leve naveguei durante vários meses sobre o furioso oceano, com o propósito de chegar às terras da América.

Assevero, com veemência, que jamais tive a intenção de saquear os templos dos augustos Mistérios, nem de conquistar povos ou destruir cidades. Andei por essas terras da América em busca de fortuna, porém, cometi muitos erros. Estudá-los é necessário porque necessitamos conhecer os paralelos e verificar conscientemente a sábia Lei da Recorrência. Esses eram os meus tempos de Bodhisattva caído quando, também, não era nenhuma mansa ovelha.

Já se passaram muitos séculos, mas tendo a consciência desperta e por isso jamais poderei esquecer tanto desatino. A primeira paralela que devemos estudar corresponde, exatamente, ao meu atual corpo físico. Tendo chegado em frágil embarcação da mãe pátria, estabeleci-me muito próximo das escarpadas costa do Atlântico.

Por aqueles tempos da conquista espanhola existia, desgraçadamente, o negócio internacional relacionado com a infame venda de negros africanos. Conheci, então, para o meu bem ou para o meu mal, uma nobre família de cor, originária da Argélia. Recordo ainda uma donzelinha tão negra e tão formosa como um sonho milagroso das Mil e Uma Noites e compartilhei com ela o leito de prazeres no jardim das delícias, foi por ter sido movido pelo incentivo da curiosidade. Queria conhecer o resultado daquele cruzamento racial. Dele nascera um menino mulato. Até aí, nada de excepcional; mais tarde, veio o neto, o bisneto e o tataraneto.

Naqueles tempos de Bodhisattva caído me esqueci das famosas marcas astrais que se originam no coito e que todo desencarnado leva em seu Karmasaya. É evidente que tais marcas relacionam uma pessoa com aquelas pessoas consanguíneas oriundas do coito químico. É oportuno dizer que os Iogues do Hindustão têm feito sobre isto, detidos estudos. Meu atual corpo físico vem da citada cópula metafísica. Noutras palavras, digo que assim fiquei vestido com a carne que trago em minha presente existência. Meus antepassados pais foram exatamente os descendentes daquele ato sexual do marquês. Assombra que nossos descendentes, através do tempo e da distância, transformem-se em ascendentes. É maravilhoso que depois de alguns séculos venhamos a revestir-nos com nossa própria carne, e transformar-nos em filhos de nossos próprios filhos.

Viagens incessantes por essas terras da Nova Espanha caracterizavam a vida do marquês. Estas mesmas viagens repetiram-se em minhas subsequentes existências, incluindo a atual.

Litelantes, como sempre, esteve ao meu lado, suportando pacientemente todas essas loucuras de meus tempos de Bodhisattva caído. Chegando o outono da vida em cada reencarnação, confesso sem rodeios que sempre me unia à sepultadora, uma antiga iniciada, por quem sempre abandonava minha esposa e que, numa e outra existência cumpriu com seu dever de dar-me uma sepultura cristã. No entardecer da minha vida presente, voltou a mim essa antiga iniciada. Reconheci-a de imediato, porém, como já não estou mais caído, a repudiei com doçura e ela se afastou aflita.

Revestido com a personalidade altiva e até insolente do marquês, iniciei o retorno à mãe pátria depois de uma asquerosa briga motivada por um carregamento de diamantes brutos, extraídos de uma mina muito rica. Para o bem de muitos leitores digo que após um curto intervalo na Região dos Mortos, tive que entrar novamente em cena, reencarnando-me na Inglaterra. Ingressei no seio da ilustre família Bleler e fui batizado com o piedoso nome de Simeón.

Com o florescer da juventude transladei-me para a Espanha, movido pelo íntimo anseio de retornar à América. Assim, trabalhava a Lei da Recorrência. Repetiram-se, obviamente, no espaço e no tempo, as mesmas cenas, idênticos dramas, similares despedidas, inclusive, como é natural, a viagem através do borrascoso oceano.

Intrépido, saltei nas costas tropicais da América do Sul, habitadas, então, por diferentes tribos. Explorando essas e aquelas regiões de selvas habitadas por animais ferozes, cheguei ao vale profundo de Nova Granada (Colômbia) e aos sopés das montanhas de Monte Serrat e de Guadalupe, formoso país governado pelo vice rei Solis.

Começava, por esses tempos, a pagar, de fato, o karma que devia, desde os anos de marquês. Entre aqueles crioulos na Nova Espanha, eram inúteis os meus esforços para conseguir algum trabalho bem remunerado.

Desesperado pela má situação econômica, ingressei como um simples soldado raso no exército soberano. Ali, pelo menos, encontrei pão, abrigo e refúgio. Num dia festivo, logo cedinho, as tropas de Sua Majestade se preparavam para render honras especiais a seu chefe. Por isso, se deslocavam para todos os lados, realizando manobras com o propósito de organizar contingentes.

Recordo ainda certo sargento mal encarado e briguento que aos gritos e maldições passava revista em seu pelotão. De repente, chegando-se diante de mim, insultou-me gravemente, porque meus pés não se achavam em correta posição militar. Depois, observando detalhes minuciosos de minha jaqueta, traiçoeiramente esbofeteou-me. O que sucedeu, a seguir, não é muito difícil de se adivinhar, pois nada de bom se pode esperar de um Bodhisattva caído. Sem reflexão alguma, torpemente, cravei minha afiada baioneta sanguinária em seu aguerrido peito. O homem caiu por terra ferido de morte. Gritos de pavor se ouviram, mas eu fui astuto e, aproveitando a confusão, a desordem e o espanto geral, escapei daquele lugar, perseguido muito de perto pela soldadesca bem armada. Andei por muitos caminhos rumo às escarpadas costas do oceano Atlântico. Era procurado por todos os lugares. Consequentemente, evitava passar pelas alfândegas dando muitos rodeios através das selvas. Nos caminhos carroçáveis, que eram bem poucos naqueles tempos, passavam ao meu lado algumas carruagens arrastadas por pares de briosos corcéis. Viajavam em tais veículos pessoas que não tinham o meu karma, indivíduos abastados. Um certo dia, à beira do caminho, próximo de uma aldeia, achei uma casinha muito humilde e nela penetrei com a intenção de tomar uma bebida, pois queria me reanimar um pouco. Fiquei atônito, assombrado, ao descobrir que a dona daquela venda era Litelantes. Óh! Eu a havia amado tanto e agora a encontrava casada e mãe de vários filhos. Que reclamações poderia fazer? Paguei a conta e afastei-me com o coração partido.

Continuava a marcha pelo caminho quando, com algum temor pude verificar que alguém vinha ao meu encalço. Era o filho daquela senhora, uma espécie de Alcaide Rural. Aquele homem tomou a palavra e disse-me: "de acordo com o artigo 16 do código do Vice-Rei, você está detido". Inutilmente tentei suborná-lo. Aquele homem bem armado conduziu-me ante os tribunais onde, depois de sentenciado, tive de

pagar com uma longa prisão a morte do conhecido sargento. Quando tive liberdade, andei pelas orlas inóspitas selvagens e terríveis do caudaloso Rio Magdalena, exercendo difíceis trabalhos braçais onde existisse a oportunidade.

Como nota interessante do presente capítulo devo dizer que a Essência desse Alcaide, que me fez passar tantas amarguras encerrado numa imunda prisão, retornou em corpo feminino. É agora uma filha minha. Certamente já é até mãe de família e me tem dado alguns netos. Antes de seu reingresso interroguei essa alma nos mundos suprasensíveis. Perguntei-lhe sobre o motivo que a induzia a buscar-me por pai. Respondeu-me sobre o motivo que tinha remorso pelo mal que me havia causado e queria portar-se bem comigo, para corrigir seus erros. Confesso que está cumprindo sua palavra.

Naquela época estabeleci-me nas costas do oceano Atlântico depois de infinitas amarguras kármicas, repetindo assim, todos os passos do insolente marquês Juan Conrado. O melhor que fiz foi haver estudado o esoterismo, a medicina natural e a botânica.

Os nobres aborígenes daquelas terras tropicais retribuía agradecidos com amor, o meu trabalho médico, pois curava-lhes sempre de forma desinteressada. Certo dia, aconteceu o seguinte: apareceu um grande senhor, vindo da Espanha e narrou-me seus infortúnios. Trazia num barco todo sua fortuna e os piratas o seguiam. Queria um lugar seguro para seus ricos tesouros.

Fraternalmente ofereci-lhe apoio e até propus a abrir uma cova para guardar suas riquezas. Aquele homem aceitou meus conselhos, não sem antes me exigir solene juramento de honradez e lealdade. Após entender com a fragrância da sinceridade e o perfume da cortesia dei ordens a minha gente. Um grupo seletivo de aborígenes abriu a terra. Feito o buraco, colocamos ali, com grande cuidado, um enorme baú e uma caixa contendo barras de ouro maciço e ricas joias de incalculável valor. Mediante certos exorcismos mágicos fiz o encantamento das joias guardadas, como dissera D. Mario Roso de Luna, com o propósito de torná-las invisíveis ante os desagradáveis olhos da cobiça.

O cavalheiro remunerou-me muito bem, fazendo-me generosa entrega de uma rica bolsa com moedas de ouro. A seguir, afastou-se daquele lugar, fazendo a si mesmo o propósito de voltar à sua mão pátria e trazer de lá a sua família, pois desejava estabelecer-se senhorialmente na belas terras da Nova Espanha.

O relógio de areia do destino jamais está parado. Passaram os dias, os meses e os anos e aquele bom homem jamais regressou. Talvez tenha morrido em sua terra ou tenha sido vítima da pirataria que então infestava os sete mares... não o sei.

Existem casos sensacionais na vida. Certo dia, em minha presente reencarnação, estando longe desta minha terra mexicana, conversava sobre dito assunto com um grupo de irmãos gnósticos entre os quais, despontava, por sua sabedoria, o mestre Gargha Kuichines. Tive, então, uma tremenda surpresa! Vi, com místico assombro, como o soberano comendador Gargha Kuichines se levantava para confirmar enfaticamente as minhas palavras. O citado Mestre nos informou que, pessoalmente, tinha visto o escrito de tal relato em dourados versos. Falou-nos de um velho livro poeirento e lamentou havê-lo emprestado. Meu Deus, jamais eu soube de tal tratado!

Velhas tradições no dizem que muitas pessoas destas costas do Caribe estiverem buscando o tesouro de Bleler. Curioso é que aqueles nobres aborígenes que antes enterraram tão rica fortuna estão novamente reincorporados formando o grupo do S.S.S. (Supremo Santuário). Assim trabalha a Lei da Recorrência.

Recordo, claramente, que depois daquela minha tempestuosa existência com a referida personalidade inglesa fui constantemente invocado por essas pessoas que se dedicam ao espiritualismo ou espiritismo. Queriam que lhes dissesse qual era o lugar onde se encontrava guardado o precioso tesouro. Cobiçavam o tesouro de Bleler; contudo, fiel a meu juramento na região dos mortos, evidentemente jamais quis entregar o segredo.

Repetindo os passos do insolente marquês Juan Conrado, em minha subsequente existência, reencarnei-me no México. Meu nome de batismo foi Daniel Coronado. Nasci no Norte, pelos arredores de Hermosillo, todos estes lugares foram conhecidos em outros tempos pelo marquês.

Meus pais quiseram todo o bem para mim. Inscreveram-me quando jovem, na Academia Militar, mas tudo foi em vão. Um certo dia aproveitei de forma desastrosa um fim-de-semana em banquetes e bebedeiras com maus amigos. Confesso, com certa vergonha, que tive de regressar à casa com o uniforme de cadete todo sujo, destruído e roto. Meus pais sentiram-se frustrados e, como era de se esperar, não voltei mais para a Academia Militar. A partir desse momento começou meu caminho de amarguras. Felizmente reencontrei Litelantes, que estava reencarnada com o nome de Ligia Paca (ou Francisca) e em boa hora recebeu-me por esposo.

Biografar qualquer vida é um trabalho muito difícil e de judicioso conteúdo. Por isso, resalto apenas determinados detalhes com fins esotéricos. Inquestionavelmente eu não desfrutava de cômoda situação, pois ganhava o pão de cada dia com dificuldades. Comia, muitas vezes, com o mísero salário de Lígia. Ela era uma pobre mestra da escola rural e, para culminar, atormentava-a, inclusive, com meus execráveis ciúmes. Não queria ver com bons olhos os seus colegas de magistério, os quais tinham por ela grande estima. Entretanto algo de útil fiz por aqueles tempos: formei um belo grupo esotérico gnóstico em pleno Distrito Federal. Os estudantes de tal congregação, em minha atual existência, retornaram a mim, de acordo com a Lei da Recorrência.

Durante o cruel regime porfirista tive um cargo não muito agradável na polícia rural. Cometi o erro imperdoável de julgar o famoso "golondrino", perigoso bandoleiro que atacava a comarca e é claro que esse perverso morreu fuzilado. Em minha atual existência reencontrei-o reincorporado num corpo feminino. Sofria de delírio e perseguição. Temia que o encarcerassem por furto e lutava por desatar-se de certos laços imaginários. Acreditava que ia ser fuzilado. É lógico que cancelei minha dívida curando aquela enferma. Os psiquiatras haviam falhado lamentavelmente porque não foram capazes de saná-la.

Ao estalar a rebelião contra D. Porfirio Diaz abandonei o nefasto posto da Polícia Rural. Reuni-me, então, com humildes trabalhadores de "pá e picareta", pobres peões explorados por fazendeiros e organizei um batalhão. Era de fato admirável aquele valoroso punhado de gente simples armada apenas com facões pois ninguém tinha dinheiro para comprar armas de fogo.

Felizmente o general Francisco Villa nos recebeu na divisão do norte. Ali deram-nos cavalos e fuzis. Não há dúvida que naqueles anos de tirania lutamos por uma grande causa. O povo mexicano gemia sob as botas da ditadura.

Digo, em nome da verdade, que minha personalidade como Daniel Coronado foi um fracasso. A única coisa pela qual valeu a pena viver foi o grupo esotérico no Distrito Federal e o meu sacrifício na revolução. A meus companheiros de rebelião digo-lhes: abandonei as fileiras quando adoeci gravemente. Nos últimos dias dessa vida tormentosa andei descalço pelas ruas do Distrito Federal, com as roupas em trapos, faminto, velho, doente e mendigando. Confesso, com profundo pesar, que vim a falecer num casebre imundo. Recordo aquele instante em que o médico sentado numa cadeira, depois de me examinar exclamou, movendo a cabeça: este caso está perdido, e logo se retirou. O que aconteceu a seguir foi terrível. Senti um frio espantoso como o gelo da morte.

A meus ouvidos chegam gritos de desespero. São Pedro, São Paulo ajuda-o! assim exclamava aquela mulher à qual chamo de a sepultadora.

Estranhas mãos esqueléticas agarraram-me pela cintura e tiraram-me do corpo físico. Era o Anjo da Morte que intervinha resolutamente e cortava, com sua foice, o Cordão de Prata. A seguir, abençoou-me e afastou-se.

Bendita morte. Quanto tempo te aguardava! Finalmente chegastes em meu auxílio, pois bastante amarga era a minha existência.

Feliz repousei nos mundos superiores, depois de inúmeras amarguras. A dor humana dos mortais também tem um limite, além da qual reina a paz. Infelizmente não durou muito tempo aquele repouso no seio profundo da eternidade. Um dia qualquer, não importa qual, muito tranquilo veio a mim um dos brilhantes Senhores da Lei, tomou a palavra e disse:

– Mestre Samael Aun Weor, tudo já está preparado. Siga-me...

Eu respondi de imediato:

– Sim, venerável Mestre, eu o seguirei.

– Andamos então juntos por diversos lugares. Finalmente penetramos numa casa senhorial.

Atravessamos um pátio, depois uma sala e logo entramos no quarto da matrona. Ouvimos que se queixava de dores do parto. Esse foi o instante místico em que vi, com assombro, o cordão de prata de minha existência atual, conectado psiquicamente ao infante que estava para nascer.

Momentos depois, aquela criatura inala com avidez o prana da vida. Senti-me atraído para o interior daquele pequeno organismo e logo chorei com todas as forças de minha alma. Vi ao meu redor algumas pessoas que sorriam para mim. Confesso que me chamou a atenção, de forma especial, um gigante que me fitava com carinho. Era meu pai terreno.

Digo, com certa ênfase, que aquele bom autor de meus dias fora na época medieval, durante os tempos da cavalaria, um nobre senhor, a quem tive de vencer em cruentas batalhas. Jurou-me vingança e cumpriu-a em minha presente existência.

Movido por dolorosas circunstâncias, abandonei, muito jovem, a casa paterna. Viajei por todos aqueles lugares onde antes estivera em existências passadas. Repetiram-se os mesmos dramas, as mesmas cenas. Litelantes apareceu novamente em meu caminho. Reencontrei meus velhos amigos. Quis falar-lhes, porém não me conheceram. Inúteis foram os meus esforços para fazer-lhes recordar nossos tempos idos. Contudo, algo novo sucedeu em minha presente reencarnação. Meu Real Ser interior fez esforços desesperados, terríveis, [ara trazer-me ao caminho reto do qual me havia afastado há muito tempo. Confesso, francamente, que dissolvi o ego e que me levantei do lodo da terra.

É óbvio que o Eu está submetido à Lei da Recorrência. Quando o mim mesmo se dissolve adquirimos liberdade e nos tornamos independentes da citada Lei.

A prática tem-me ensinado que as diferentes cenas das diversas existências se processam dentro da espiral cósmica, repetindo-se sempre, ora em espirais mais altas, ora em mais baixas. Toso os feitos do marquês, incluindo suas inúmeras viagens, repetiram-se em espirais cada vez mais baixas, nas três reencarnações subsequentes.

Existem no mundo pessoas de repetição automática exata. Essas pessoas renascem sempre no mesmo povo, entre sua própria família. É evidente que tais Egos já sabem de memória o papel e até se dão ao luxo de profetizar sobre si mesmos. É claro que, a constante repetição não os deixa esquecer acontecimentos, por isso parecem adivinhos. Essas pessoas costumam assombrar seus familiares pela exatidão de seus prognósticos.

Capítulo 39 - A Transmigração das Almas

Tendo como cenário o anfiteatro cósmico, quero colocar nestas páginas algumas recordações.

Muito antes que surgisse dentre o Caos essa cadeia lunar da qual falaram tantos insígnies escritores teosóficos, existiu um universo do qual, agora, restam apenas suas marcas entre os íntimos registros da Natureza. Foi num mundo desses onde ocorreu o que a seguir relatarei com o evidente propósito de esclarecer a Doutrina da Transmigração das Almas.

De acordo com os desideratos cósmicos, naquele planeta evoluíram e involuíram sete raças humanas, muito semelhantes às de nosso mundo. Por ocasião de sua 5ª. raça raiz, demasiado parecida com a nossa, existiu a abominável civilização do "Kali Yuga" ou Idade de Ferro, tal como nestes momentos temos aqui na terra.

Eu, que era apenas um pobre animal intelectual condenado à pena de viver, vinha de mal a pior, reincorporando-me, incessantemente, em organismo masculino e feminino, segundo o débito e o haver com o Karma. Confesso que inutilmente a minha Mãe Natureza trabalhava, criando-me corpos, mas eu sempre os destruía com meus vícios e paixões. Qual um maldição insuportável, cada uma de minhas existências se repetia dentro da linha espiralóide, em curvas cada vez mais baixas.

Obviamente, havia-me precipitado pelo caminho involutivo e decadente. Revolvía-me como um porco no lodo abjeto de todos os vícios, e nem remotamente me interessavam os assuntos espirituais. É inquestionável que me havia tornado um cínico não redimido e qualquer tipo de castigo, por mais grave que fosse, estava condenado ao fracasso.

Dizem que 108 contas tem o colar de Budha e isto nos indica o número de vidas que corresponde a toda Alma. Devo dar certo ênfase ao dizer que a última dessas 108 existências foi, para mim, algo definitivo. Ingressei no reino mineral submerso. A última dessas personalidades foi do sexo feminino e, depois de revolver-me no leito de Procusto, serviu-me de passaporte para o inferno.

Dentro do ventre mineral daquele mundo blasfemava, maldizia, feria, insultava, fornicava espantosamente e me degenerava mais e mais, sem nunca dar mostras de arrependimento. Sentia-me caindo na remota distância do passado. A forma humana me desagradava. Preferia assumir dentro desse abismos figura de bestas. Depois, parecia que era planta, sombra que deslizava aqui, ali e acolá. Por último, senti que me fossilizava. Transformar-me em pedra? Que horror!... Contudo, já estava tão degenerado que nem isto me importava. Ver, qual leproso da cidade dos mortos viventes, cair dedos, orelhas, nariz, braços e pernas, certamente não é nada agradável. Porém, nem isto me comovia. Fornicava incessantemente no leito de Procusto com quantas larvas se aproximassem e sentia que me extinguia como uma vela de cera.

A vida dentro das entranhas minerais de tal planeta era-me demasiadamente aborrecedor. Por isso, como que pretendendo matar o tempo, tão longo e tedioso, revolvía-me como um porco entre a imundície.

Debilitava-me espantosamente todo feito em pedaços e morria penosamente. Desintegrava-me com uma lentidão horrível. Nem sequer tinha mais forças para pensar – melhor assim. Finalmente chegou a Morte Segunda, da qual fala o apocalipse de São João. Exalei o derradeiro alento e a Essência logo ficou livre. Vi-me transformado num formoso menino. Certos Devas, depois de me examinarem detidamente, permitiram-me entrar pelas portas atômicas que conduzem alguém de regresso à superfície planetária, à luz do sol. É claro que o Ego, o Mim Mesmo, o Eu havia morrido. Minha alma livre assumia agora a bela forma de um terno infante. Que felicidade, meu Deus! Quão grande é a misericórdia de Deus!

A essência liberada do Ego é intimamente inocente e pura. O Eu transformou-se dentro das entranhas daquele mundo em poeira cósmica. Quanto tempo vivi nos mundos infernos? Não sei.

Possivelmente uns 8 a 10 mil anos. Agora, desprovido do Ego, retornei à senda de tipo evolutivo. Ingressei no reino dos gnomos ou pigmeus, seres que trabalham com o limo da terra, elementais inocentes do mineral.

Mais tarde, ingressei nos paraísos elementais do reino vegetal, reincorporando-me constantemente em plantas, árvores e flores. Quão feliz sentia-me nos tempos do Éden, recebendo ensinamentos aos pés dos Devas. A felicidade dos paraísos Jinas é inconcebível para o raciocínio humano. Cada família nesses edens tem seus templos e seus instrutores. Alguém pode encher-se de êxtase ao entrar no santuário das laranjas, ou na capela da família elemental da boa erva da menta, ou na igreja dos eucaliptos.

Tratando-se de processos evolutivos devemos fazer o seguinte enunciado: *natura non facit saltus* (a natureza não dá saltos). É evidente que os estados mais avançados do reino vegetal permitiram-me passar para o estado animal.

Comecei reincorporando-me em organismos muito simples. Depois de ter possuído milhões de corpos, terminei por retornar em organismos cada vez mais complexos.

Como nota sobressalente destes parágrafos, devo dizer que ainda conservo recordações muito interessantes de uma dessas tantas existências, às margens de um formoso rio de águas cantantes, que alegres se precipitavam em seu leito de rochas milenares. Era, então, uma humilde criatura, uma espécie muito particular do gênero dos batráquios. Movia-me dando saltos daqui para lá e de lá para cá, entre as árvores. Evidentemente tinha plena consciência de mim mesmo. Sabia que outrora havia pertencido ao perigoso reino dos animais intelectuais. Meus melhores amigos eram os elementais desses vegetais que tinham suas raízes às margens do rio. Com eles conversava na linguagem universal.

Morava deliciosamente na sombra, muito longe de todos os humanoides racionais. Quando pressentia algum perigo refugiava-me, de imediato, entre as águas cristalinas. Muitas vezes continuei retornando em diferentes organismos, antes que tivesse a felicidade de reincorporar-me numa espécie de anfíbios muito inteligentes, que alegres saíam das procelosas águas do rio para receber os raios solares na arenosa praia.

Quando chegou o terrível momento que faz tremer de medo a todos os mortais dei o último adeus aos três reinos inferiores e regressei num organismo humanoide. Assim, reconquistei, trabalhosamente, o estado de animal racional que outrora perdera.

Neste meu novo estado de bípede tricerebrado ou tricentrado, rememorava, evocava insólitos acontecimentos abismais e nem remotamente desejava voltar ao mundo soterrado. Ansiava aproveitar, com sabedoria, o novo ciclo de 108 existências que agora me era novamente concedido para minha autorrealização íntima. A experiência passada havia deixado dolorosas cicatrizes no fundo de minha alma e de modo algum estava disposto a repetir os processos involutivos dos mundos infernos. Bem sabia que a roda do Samsara gira incessantemente em forma evolutiva e involutiva, e que as Essências, depois de sua passagem pelo reino animal intelectual, descem milhares de vezes ao horroroso precipício, para eliminar os elementos subjetivos das percepções. Contudo, de nenhuma maneira ansiava mais sofrimentos abismais. Por tal razão estava bem disposto a aproveitar meu novo ciclo de existências racionais.

Por essa época, a civilização do referido planeta havia chegado ao seu ápice. Os habitantes daquele mundo tinham naves marítimas e aéreas, gigantescas cidades ultra modernas, poderosas indústrias e comércio, e todos os tipos de universidades, etc. Lamentavelmente essa ordem de coisas não se combinavam com as inquietudes do espírito.

Numa dessas minhas novas existências humanoides, com a Consciência inquieta, como que sentindo um estranho terror, resolvi inquirir, indagar, buscar o caminho secreto.

Diz um provérbio da sabedoria antiga: "quando o discípulo está preparado o mestre aparece". O guru, o guia apareceu para tirar-me das trevas para a luz. Ele me ensinou os mistérios da vida e da morte, indicando-me a senda do "fio da navalha".

Assim adveio o Mistério do Áureo Florescer. Eu compreendia a fundo minha própria situação. Sabia que era tão somente um pobre homúnculo racional, mas ansiava transformar-me em homem verdadeiro e é óbvio que consegui naquele grande dia cósmico, naquele antepassado sideral, muito antes do Mahamvantara de Padma ou Lótus de Ouro.

Desgraçadamente, por aqueles tempos remotos, quando apenas iniciava meus estudos esotéricos aos pés do mestre, não gozava de fortuna alguma. Minha família – habitantes daquele mundo – vivia na pobreza. Uma irmã que cuidava de minha casa ganhava míseros centavos no mercado público vendendo frutas e verduras e eu costumava acompanhá-la.

Numa determinada ocasião me encerraram numa horrenda prisão, sem motivo algum. Muito tempo permaneci atrás das grades daquele cárcere. Contudo – isto é curioso – ninguém me acusava. Não existia delito para condenar. Tratava-se de um caso muito especial e para culminar, nem sequer figurava meu nome na lista de presos. Obviamente, existia uma secreta perseguição contra os iniciados, assim o compreendi.

Pacientemente, na espera de alguma oportunidade aguardava qualquer instante venturoso com o propósito de escapar. Várias vezes tentei, mas em vão. Finalmente, um dia, sem saber como nem porque, os guardas esqueceram uma das portas abertas. É claro que não estava disposto a perder aquela tão esperada oportunidade. Em questão de segundos deixei aquela prisão. Logo a seguir rodeei algumas vezes uma praça de mercado com o desejo de despistar alguns policiais que conseguiram avistar-me e me seguiam. Não obstante, triunfei em minha fuga e afastei-me daquela cidade para sempre.

Concluirei o presente capítulo dizendo que só trabalhando na Frágua Acesa de Vulcano logrei transformar-me em homem autêntico.

Capítulo 40 - O Arcano Dez

Sob o ponto de vista rigorosamente acadêmico, a palavra evolução significa desenvolvimento, construção, progresso, edificação, avanço, dignificação, etc. Fazendo um enfoque gramatical ortodoxo, puro, o termo involução quer dizer regressão, retrocesso, destruição, degeneração, decadência, etc.

Enfatizamos a ideia transcendente de que a Lei das Antíteses coexiste com qualquer processo cruamente natural. Este conceito é absolutamente irrefutável e irrefutável e aqui apresentamos alguns exemplos concretos: dia e noite, luz e trevas, construção e destruição, crescimento e decrescimento, nascimento e morte.

A exclusão de qualquer dessas duas citadas leis – evolução e involução originária a estática, a imobilidade, a paralisação radical dos mecanismos naturais. Negar qualquer um desses preceitos significa cair no barbarismo.

Existe evolução na planta que germina, se desenvolve e cresce. Existe a involução no vegetal que caduca, decresce lentamente, até transformar-se num monte de lenha.

Existe evolução em todo organismo que gesta, nasce e se desenvolve. Existe involução em toda criatura que envelhece e morre.

Existe evolução em qualquer unidade cósmica que surge do caos. Existe involução em todo planeta em estado de consumação, chamado a transformar-se em lua, em cadáver.

Há evolução em toda civilização ascendente. Há involução em qualquer cultura de tipo descendente.

Essas duas leis constituem o eixo mecânico, fundamental da Natureza, sem o qual não poderia girar a roda dos mecanismos naturais. A vida se processa em ondas que giram com o Arcano dez do Tarô.

Ondas essenciais iniciam sua evolução no reino mineral; prosseguem com o estado vegetal e continuam na escala animal. Por último, alcançam o nível de tipo humanoide intelectual.

Ondas de vida descem logo envolvendo dentro do interior do organismo planetário para baixar pelas escalas animal e vegetal até regressar ao reino mineral. Gira a roda do Samsara. Pelo lado direito ascende Anúbis evoluindo. Pelo lado esquerdo desce Tiphon envolvendo. A estada dentro do estado humanoide intelectual é algo demasiado relativo e circunstancial. Com muita exatidão nos tem sido dito que qualquer período humanoide consta sempre de 108 existências de tipo evolutivo e involutivo. Para cada ciclo humanoide racional está consignado 108 existências guardando estrita concordância matemática com o número de contas que formam o colar de Buda.

Depois de cada época humanoide, de acordo com as leis do Tempo, Espaço e Movimento, gira inevitavelmente a roda do Arcano dez do Tarô. É evidente então que as ondas de vida que envolvem descem ao interior do organismo planetário para reascender, evolutivamente, mais tarde.

Três mil vezes gira a roda do Samsara. Compreender isto, captar seu profundo significado é indispensável e inadiável se realmente ansiamos a libertação final.

Continuamos com o presente capítulo, é necessário chamar a atenção do leitor com o propósito de afirmar o seguinte: concluídos os três mil períodos da grande roda, qualquer tipo de Auto Realização íntima torna-se impossível. Noutras palavras, afirmamos que a toda Mônada matematicamente corresponde três mil ciclos para sua Auto Realização interior profunda. Após a última volta da roda as portas se fecham. Quando isto ocorre, a Mônada, a chispa imortal, nosso Real Ser recolhe sua Essência e seus princípios para absorver-se definitivamente no seio d'Isso que não tem nome, o Supremo Parabrahman. É óbvio que as Mônadas fracassadas não conseguiram o mestrado. Possuem a felicidade divinal, mas não têm legítima autoconsciência.

São apenas chispas da Grande Fogueira, não puderam transformar-se e, chamas. Nenhum tipo de desculpas poderão dar essas chispas, pois as três mil voltas da roda se processam através de muitos dias cósmicos e em variados cenários universais, oferecendo infinitas possibilidades.

Sobre a roda do Arcano dez vemos uma esfinge adornada com uma coroa de nove pontas metálicas.

Tal figura egípcia não se encontra situada nem à direita, nem à esquerda da grande roda. A coroa nos está falando da nona esfera, do sexo, do trabalho esotérico na Frágua Acesa de Vulcano. Essa hierática imagem tão afastada das leis evolutivas e involutivas, simbolizadas nos lados direito e esquerdo da roda, nos está indicando a senda da Revolução da Consciência, a Sabedoria Iniciática Real.

Só entrando pelo caminho da rebelião íntima, só apartando-nos das sendas evolutivas e involutivas da roda do Samsara, poderemos nos transformar em homens autênticos, legítimos e verdadeiros. A exclusão intransigente da Doutrina da Transmigração das Almas ensinada por Krishna, o grande Avatar hindu, vem nos engarrafar no dogma da evolução.

Em questões de esoterismo, orientalismo, ocultismo, etc., os eruditos têm plena liberdade para escrever o que lhes aprouver. Contudo, não devem esquecer o Livro de Ouro. Quero referir-me ao padrão de medidas, o Tarô.

Ninguém poderia violar impunemente as leis do Tarô sem receber o troco. Recordai que existe a lei da Katância (o Karma superior). Há, portanto, responsabilidade nas palavras.

O dogma da evolução viola as leis cósmicas do Arcano dez do Tarô, viola os desideratos do livro de ouro e conduz muitas pessoas ao erro.

Todo erudito ocultista, esoterista, deve sempre apelar para o padrão de medidas, o Tarô, se não quiser cair no absurdo.

Paz Inverencial

Samael Aun Weor

Samael Aun Weor

Renúncia aos Direitos Autorais

"Hoje, meus queridos irmãos, e para sempre, renuncio, renunciei e seguirei renunciando aos direitos de autor. Tudo que desejo é que esses livros sejam vendidos de forma barata, ao alcance dos pobres, ao alcance de todos que sofrem e choram! Que o mais infeliz cidadão possa obter este livro com os poucos trocados que leva em seu bolso! Isso é tudo!"

(Samael Aun Weor, 1º Congresso Gnóstico Internacional, Guadalajara, México – 29/10/1976, [clique aqui para escutá-lo](#)).